



Universidade Federal
de Campina Grande

CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANDREA CAROLINO DO MONTE

Requalificação do Centro Cultural Lourdes Ramalho

CAMPINA GRANDE

MAIO 2016

ANDREA CAROLINO DO MONTE

Requalificação do Centro Cultural Lourdes Ramalho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, sob orientação do professor Me. Marcus Vinicius Dantas de Queiroz, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Me. Marcus Vinicius Dantas de Queiroz

CAMPINA GRANDE

MAIO 2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CAUFCG

Trabalho de Conclusão de Curso "REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO", apresentado por Andrea Carrollno do Monte, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 13 de maio de 2016

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ms. Marcus Vinícius Dantas de Queiroz
Orientador

Prof. Dr. Alcilia Afonso de Albuquerque Costa
Examinador Interno

Prof. Ms. Fabiano de Melo Duarte Rocha
Examinador Externo (IAB/FACISA)

AGRADECIMENTOS

Recomeçar não é fácil! Recomeçar sob críticas e contra (quase) todos... tampouco! Mas na busca de um sonho TUDO vale a pena!

Nas minhas brincadeiras infantis de desenhar casinhas, nascia um sonho que só pude compreender com o passar dos anos e a compreensão do “mundo adulto”: ser arquiteta. E quanta decepção a minha que ao 16 anos, em detrimento de um sistema educacional obsoleto, fui obrigada a escolher a profissão que deveria exercer pelo “resto da vida”. O curso que eu queria não existia na cidade; minha mãe não tinha condição de me mandar estudar fora; logo, restou-me escolher apenas aquilo que estava ao meu alcance. Sem nenhum tipo de orientação escolhi a área de saúde, mais especificamente o curso de enfermagem. Com apenas dois anos de curso percebi que em meio a doenças, vacinas, seringas e jalecos não era onde eu queria estar, porém, mais uma vez, fui obrigada a terminar o que já havia começado. A enfermagem não me atraía, porém sempre a respeitei e fui a melhor aluna que pude ser, mesmo com todas as minhas limitações. A essa altura, arquitetura não passava de um sonho, uma admiração.

Mas Aquele que não descuida de mim um só momento e me ama em sua imensidão jamais deixaria uma filha desamparada. Usando minha mãe como portadora da notícia e da forma mais inusitada possível, fiquei sabendo do novo curso que abriria na UFCG. Mesmo afastada há cinco anos da escola, eu tentei. Tentei e consegui! Fácil eu sabia que não seria. Mais uma vez aqui estou... conseguindo! E hoje meu sentimento é de gratidão.

Gratidão ao meu Pai do Céu que me ama imensuravelmente.

Gratidão à minha mãe, que sozinha me criou e me ensinou o que é dignidade e responsabilidade, sempre esteve ao meu lado apesar de todas as críticas.

Gratidão a José Felinto, meu companheiro de universidade, meu companheiro de vida.

Gratidão aos colegas que conquistei ao longo dessa sinuosa estrada.

Gratidão aos meus amigos que, apesar do afastamento provocado pela universidade, sempre estiveram dispostos a me ouvir e ajudar.

Gratidão à dança, a primeira arte que escolhi para minha vida e que me salvou em momentos de profundo estresse.

Gratidão a todos os professores que passaram pelo CAUUFCEG por repassarem seus conhecimentos e fazer com que nós, a turma pioneira, não nos prostrássemos diante das dificuldades. Em especial à professora Lívia Miranda que conduziu o meu processo de iniciação científica nessa nova área; ao professor Marcus Vinícius que, apesar das “provocações”, sempre

nos estimula a buscar o novo, buscar soluções; e ao professor Heitor Andrade que por ser meu orientador do mestrado, compreende esse momento final de dedicação e entrega.

Gratidão aos profissionais que me deram oportunidade de conhecer um pouco como funciona, de fato, o mercado de trabalho e, por diversas vezes, complementaram o meu aprendizado.

Gratidão a todos aqueles que cederam informações sobre o Centro Cultural Lourdes Ramalho e fizeram com que esse trabalho pudesse ser executado da melhor maneira possível.

Muito obrigada a todos! Tenho profunda gratidão.

RESUMO

Os centros culturais possuem uma caracterização tão complexa quanto à definição de cultura, atribuindo-se sua origem à Antiguidade Clássica com o complexo cultural da Biblioteca de Alexandria ou “museion”. Durante o século XIX surgiram primeiros centros ingleses (centros de arte), mas, apenas no final da década de 1950, na França, foram erguidas as bases do que hoje compreende-se por ação cultural e espaços de cultura, com a construção do Centre National d’Art et Culture Georges Pompidou. O Centro Cultural Lourdes Ramalho localizado na cidade de Campina Grande foi inaugurado no ano de 1982 durante a gestão do prefeito Enivaldo Ribeiro. No mesmo ano, fora acrescentada a edificação o Cinema 1, que, posteriormente, tornou-se Teatro Rosil Cavalcanti. O edifício com características modernistas, traçado retilíneo e fechamento em cobogós sofreu inúmeras modificações ao longo do tempo em detrimento das mudanças de gestão e das próprias questões socioculturais, o que acabaram por descaracteriza-lo e torna-lo um espaço que não mais atende eficientemente as atuais demandas e sem a dinâmica esperada para locais que surgiram pela necessidade de ensinar e popularizar a arte e cultura. Nesse sentido, o projeto buscou desenvolver um anteprojeto arquitetônico de requalificação, intervindo na edificação existente, de modo a adequá-la para recentes demandas via aproveitamento do seu capital construído, propondo sua reinserção na paisagem urbana e interligação entre o centro cultural, o Parque do Povo e o seu entorno imediato de modo a facilitar a integração e comunicação entre os espaços e suas atividades afins.

Palavras-chaves: Arquitetura. Requalificação. Centro cultural.

ABSTRACT

The cultural centers have a characterization so complex as the definition of culture, its origin to Classical Antiquity with the cultural complex of the library of Alexandria or "museion". During the 19th century emerged first english centres (centres of art), but only at the end of the decade of 1950, in France, were built the foundations of what today stands for cultural action and culture spaces, with the construction of the Centre National d'Art et Culture Georges Pompidou. The Lourdes Ramalho Cultural Center located in the city of Campina Grande was opened in the year 1982 during the administration of Mayor Enivaldo Ribeiro. In the same year, outside building added Cinema 1, which subsequently became the Rosil Cavalcanti's Theater. The building with modernist characteristics, rectilinear and sealing on cobogós has undergone numerous changes over time to the detriment of the management changes and the socio-cultural issues, which ultimately detracts and makes a space that no longer meets the current demands efficiently and without the momentum expected for sites that have sprung up by the need to teach and popularise the art and culture. In this sense, the project sought to develop an architectural preliminary project of requalification, intervened in the existing building, in order to adapt it to recent demands through the use of their capital built by proposing their reinsertion in the urban landscape and interconnection between the cultural center, Parque do Povo and its immediate surroundings in order to facilitate the integration and communication between the spaces and their related activities.

Keywords: Architecture. Requalification. Cultural center.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO E PROJETUAL.....	12
1.1 CENTRO CULTURAL DE CABO FRIO	16
1.2 CAMPUS CABRAL DA UFPR.....	24
1.3 CENTRO CULTURAL SÃO PAULO	44
CAPÍTULO 2: LEVANTAMENTOS E DIAGNÓTICOS	53
2.1 ANÁLISE DO ENTORNO	53
2.2 ANÁLISE DO SÍTIO	60
2.3 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO	64
CAPÍTULO 3: MEMORIAL DESCRITIVO E JUSTIFICATIVO	72
3.1 ZONEAMENTO	73
3.2 FLUXOS.....	76
3.3 DIMENSIONAMENTO.....	80
3.4 SOLUÇÕES TÉCNICO-CONSTRUTIVAS	82
3.5 SOLUÇÕES ESPACIAIS E PLÁSTICAS	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92
APÊNDICES.....	95
APÊNDICE 01: SITUAÇÃO ATUAL	96
APÊNDICE 01: PROPOSTA.....	97
ANEXOS.....	98
ANEXO 01: PROGRAMA DE CURSO OFERECIDOS PELO CCLR.....	98
ANEXO 02: RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO CCLR.....	116

INTRODUÇÃO

Os Centros Culturais emergiram da necessidade dos homens se reunirem para se expressarem e desenvolverem suas atividades de cultura, arte e lazer. Ao decorrer dos séculos, tais espaços passaram por diversas modificações a fim de abrigar e atender às necessidades funcionais, espaciais e estéticas de cada época. De acordo com Eduardo e Castelnou (2007), em detrimento da globalização das informações e do próprio consumo em massa desse tipo de atividade, a arquitetura transgrediu e propôs-se a elaborar espaços e/ou edificações voltadas tanto para a produção como a difusão e democratização da arte, cultura e lazer, a exemplo da ágora grega, do fórum romano, as feiras medievais, os museus modernos e os atuais complexos culturais.

No município de Campina Grande, Paraíba, umas das principais instituições de socialização e arte e cultura acessível à toda população é o Centro Cultural Lourdes Ramalho (CCLR). O mesmo foi inaugurado no dia 08 de Outubro de 1982, durante a gestão do então prefeito Enivaldo Ribeiro. De acordo com o site “Retratos Históricos de Campina Grande”¹ no dia 05 de Junho de 1982 foi inaugurado ao lado do CCLR o Cinema 1 enquanto uma sala destinada a produções do tipo “Cine de Arte”; contudo, em Outubro de 2003, durante a gestão da prefeita Cozete Barbosa, o mesmo foi reaberto como Teatro Rosil Cavalcanti. Desde o princípio, esta sala de exibição esteve anexada às dependências do CCLR como parte do complexo cultural.

Segundo a atual diretora, Luana Ramalho, o Centro Cultural Lourdes Ramalho, vinculado às Secretarias de Cultura e Educação do município de Campina Grande, oferta, gratuitamente, 25 cursos (vide anexo 01) que contabilizam mais de 1900 vagas², beneficiando, atualmente, cerca de 2.400 (dois mil e quatrocentos) alunos, com estrutura física, segundo informações colhidas, para atender 3.000 (três mil) alunos.

¹ <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/08/inauguracao-do-cinema-um-1982.html#.VW7xp89Viko>

² dança flamenca (50 vagas), dança do ventre (290 vagas), dança folclórica (190 vagas), dança de salão (número de vagas não informado), ballet clássico (número de vagas não informado), ginástica aeróbica (número de vagas não informado), estética corporal (número de vagas não informado), movimento e arte para a terceira idade (número de vagas não informado), capoeira de angola (179 vagas), karatê (80 vagas), yoga (100 vagas), pilates de solo (180 vagas), bateria (25 vagas), iniciação à filarmônica (40 vagas), violão popular (240 vagas), teclado (80 vagas), pintura em tela (72 vagas), artes plásticas (20 vagas), desenho e pintura (60 vagas), teatro juvenil e infanto-juvenil (80 vagas), teatro de rua (20 vagas), grupo de teatro cordel em canto (seleção especial), literatura de cordel e xilogravura (25 vagas), iniciação ao teatro (30 vagas), teatro infanto-juvenil (60 vagas), além das oficinas de danças populares (60 vagas) e arte terapia (15 vagas).

Embora a instituição apresente grande caráter quanto a elemento socializador e disseminador da cultural local, encontra-se com problemas tanto relacionados à infraestrutura adequada para a realização das atividades supracitadas, como a ausência de acústica para as aulas de musicalidade, piso inadequado para realização das aulas de dança, insuficiência de equipamentos, além daquelas problemáticas oriundas do descumprimento das normas técnicas de segurança e acessibilidade. Para tanto, já foram detectadas e catalogadas em 3 (três) relatórios de infraestrutura emitido pelo corpo de bombeiros e pela secretaria de planejamento do município as principais carências da instituição, havendo sido, poucas delas, solucionadas; quanto à sua própria imagem icônica mediante a população, a qual, muitas vezes, não o reconhece enquanto centro de referência e aprendizado. Ademais, a mesma possui pouca relação com seu entorno, uma vez que os usos ao seu redor foram se modificando ao longo do tempo, estando, assim, o centro culturais às margens dessas novas dinâmicas socioculturais.

O Centro Cultural Lourdes Ramalho localiza-se na rua Paulino Raposo, S/N, São José, Campina Grande. Em seu entorno imediato destacam-se instituições e espaços de lazer, como: o Parque do Povo, o Parque Evaldo Cruz (Açude Novo) e o Teatro Municipal Severino Cabral. Além do principal ponto de interligação entre os diversos bairros da cidade: o Terminal de Integração; o qual agrega vantagens à localização do Centro Cultural por torna-lo de fácil acesso à população campinense.

Considerando-se o importante papel para formação sociocultural da mencionada instituição, em breves observações e diálogos informais com alunos e com atual direto do centro, Luana Ramalho, nota-se a falta de infraestrutura adequada para a realização das atividades, não sendo consideradas normas estabelecidas para acústica nas salas de música, piso adequado nas salas de dança, além das normas de segurança quanto à altura do guarda corpo, adequação quanto à instalação elétrica, sistema de prevenção contra incêndio, havendo ainda, problemas de infiltração por deterioração da coberta, sistema de drenagem insuficiente, dentre outros. Ademais, observa-se o descumprimento da NBR 9050 quanto à acessibilidade à edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

Outro fato de abordagem relevante diz respeito à falta de visibilidade e conhecimento da localização da instituição. Embora a mesma seja bem situada e tenha como referencial de localização primordial o Parque do Povo, uma parcela considerável da população não tem conhecimento do centro cultural, justificando que a edificação não se destaca na paisagem e não transmite ou comunica-se com público quanto ao seu dever social. Outros problemas identificados que podem implicar na utilização insuficiente da instituição são: as novas

dinâmicas que surgiram na região, a falta de conexão/relação com os outros equipamentos culturais do entorno (Teatro Municipal Severino Cabral - TMSC, anfiteatro e parque Açude Novo, Museu Assis Chateaubriand, Museu Vivo da Ciência, Secretaria de Educação e Cultura - SEDUC, Clube da Bolsa, Associação Atlética Banco do Brasil - AABB, dentre outros).

Assim, valendo-se do importante dever social da instituição, a pesquisa visa requalificar a edificação através de estratégias para melhorar os ambientes nos quais são realizados os cursos ofertados, pois acredita-se que dessa maneira as atividades serão realizadas com mais qualidade e desempenho, o que tende a manter os já beneficiados pela instituição e atrair outros usuários, fazendo com que a centro cultural torne-se um espaço mais ativo, considerando-se, ainda, sua proximidade com o Parque do Povo, espaço esse que abriga diversos eventos durante o ano (a exemplo de shows, encontros religiosos e a festa de maior relevância da cidade: o São João), além de acolher atividades cotidianas diversificadas, como: skates, bicicletas, futebol, caminhada, danças folclóricas, etc. O destaque na paisagem irá gerar mais curiosidade nas pessoas em conhecerem a instituição, além de efetivá-la como um equipamento de qualidade no polo cultural de Campina Grande, considerando-se que a instituição deve acolher a população, oferecendo ambientes adequados ao desenvolvimentos das atividades e permitindo que a cultura e arte sejam expressas em sua forma suprema, alcançando as diversas classes sociais.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo principal desenvolver anteprojeto arquitetônico de requalificação do Centro Cultural Lourdes Ramalho, além de desenvolver pesquisa sobre projetos arquitetônicos de requalificação de centros culturais; intervir em edificação existente, de modo a adequá-la para recentes demandas via aproveitamento do seu capital construído; propor elemento de interligação entre o centro cultural, o Parque do Povo e o seu entorno imediato de modo a facilitar a integração e comunicação entre os espaços e suas atividades.

Para isso, está sendo utilizado o método hipotético dedutivo para pesquisas proposto por Karl Popper em seu livro “A lógica da pesquisa científica” (1975), partindo-se da hipótese que a maioria dos espaços constituintes do Centro Cultural Lourdes Ramalho apresenta condições precárias para realização dos cursos oferecidos pela instituição, não deixando que os mesmos sejam desenvolvidos em sua plenitude; ademais a mesma tende a não evidenciar a importância de seu papel social, sendo, assim, incapaz de gerar um sentimento de pertencimento dos cidadãos para com esse espaço público.

Nesse sentido, a pesquisa em questão conta com nove etapas bem delineadas. A saber.

- **Pesquisa de Referencial Teórico:** para da pesquisa onde foi estudada a origem dos centros culturais e sua importância para população; além da conceituação do termo requalificação associado ao caso estudado.
- **Pesquisa de Referencial Projetual:** para esta etapa foram analisados três projetos arquitetônicos compatíveis com as atividades relativas à cultura e lazer, onde foram avaliadas questões referentes a uso, zoneamento, dimensionamento, fluxos, soluções técnico-construtivas e soluções plásticas e espaciais.
- **Levantamento e Análise do Sítio:** foi realizada uma breve contextualização da cidade quanto aos seus aspectos climáticos, geográficos, físicos, sociais e culturais; enquanto que a edificação foi caracterizada quanto aos seus aspectos arquitetônicos, construtivos, de fluxos, demandas, etc, além da sua inserção no contexto urbano e relação com o entorno, considerando-se sistema viário de acesso, proximidade com instituições e áreas de interesse, a tipologia das edificações limítrofes, as principais barreiras visuais e diagnóstico técnico da atual situação, indicando as condições do edifício.
- **Pesquisa sobre a Legislação:** para elaboração da proposta de anteprojeto para o Centro Cultural Lourdes Ramalho foram consultadas, quanto aos seus objetivos e relação com o trabalho, as leis municipais (Código de Obras e Edificações e Plano Diretor), leis estaduais (Norma Contra Incêndio), a NBR 9050 que discorre a respeito da Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos e a NBR 9077 sobre a saída de emergência em edifícios.
- **Elaboração do Programa de Necessidades:** estão sendo enumerados os ambientes a constituírem o novo centro cultural, considerando-se as necessidades de demanda, fluxos, atividades desempenhadas e os requisitos vigentes nas normas supracitadas.
- **Estudo Preliminar:** objetiva a aprovação do partido arquitetônico proposto, resultando na primeira configuração gráfica definida a partir das informações produzidas nas etapas anteriores. Nessa etapa, além da organização espacial estão sendo definidas as áreas dos ambientes (pré-dimensionamento), fluxogramas, hierarquias, além de interações e relações com a área externa.

- **Anteprojeto:** tem como objetivo desenvolver o estudo preliminar aprovado, devendo contemplar: concepção, dimensionamento e caracterização dos pavimentos e definição dos ambientes; concepção e volumetria das edificações, definição do esquema estrutural e das instalações gerais. Devem ser explicitadas as características dos materiais e soluções construtivas, bem como realizar simulações de funcionamento.
- **Memorial Descritivo e Justificativo:** tem a finalidade de caracterizar criteriosamente todos os materiais e componentes envolvidos, bem como toda a sistemática construtiva utilizada. Tal documento relata e define integralmente o projeto e suas particularidades. Deve conter a descrição dos elementos constituintes do projeto arquitetônico, com suas respectivas sequências executivas e especificações, citação de leis, normas, decretos, regulamentos, portarias, códigos referentes à construção civil, emitidos por órgãos públicos federais, estaduais e municipais, ou por concessionárias de serviços públicos.
- **Redação do Relatório Final:** serão apresentados os resultados finais como uma forma de contribuir para as futuras ações de políticas públicas da cidade e promover a reflexão a respeito do direito do cidadão à cultura e arte com ambientes de qualidade em um espaço pensado para a sociedade

Destarte, o trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo inicia-se com uma breve dissertação sobre o conceito de centro cultural, seu surgimento, proliferação e produção massiva, no Brasil, a partir da década de 80, além de enunciar as definições para requalificação. Em continuação, são apresentadas três análises de projetos arquitetônicos de centros culturais que servirão de subsídios para as soluções projetuais a serem desenvolvidas na requalificação do Centro Cultural Lourdes Ramalho. O segundo capítulo corresponde aos levantamentos, análises e diagnósticos referentes à própria instituição em questão que levarão à proposta de anteprojeto. Por fim, o terceiro capítulo concerne à proposta propriamente dita, começando com a escolha do partido arquitetônico, prosseguindo com todos suas etapas e soluções técnicas descritas no memorial descritivo e justificativo, culminando nas plantas baixas e imagens da mesma.

CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO E PROJETUAL

De acordo com Luis Milanesi (1997), em seu livro *A casa da invenção: biblioteca, centro de cultura*, a definição do que vem a ser um centro cultural confunde-se com a própria complexidade dos vários conceitos elaborados para cultura, uma vez que o primeiro trata-se de um espaço delimitado a abrigar algo multifacetado com inúmeros significados e reentrâncias. Entretanto, o autor sugere uma discussão sobre a função e surgimento dos centros culturais a partir de três verbos: informar, discutir e criar.

O verbo informar relaciona-se à seguridade do público quanto o acesso às informações, historicamente atribuída às bibliotecas. Já o verbo discutir propõe que seja ultrapassada a organização passiva das informações e passando a atender outra necessidade relacionada à criação de oportunidades de discussões, reflexões e críticas, conforme reafirma Neves (2013). O mesmo espaço que divulga/produz as informações também deve ser capaz de criar alternativas (seminários, debates, palestras, etc) potencializadoras de tal produto, uma vez que, segundo Renata Neves (2013) “discutir é uma das principais atividades em um centro de cultura”. O último verbo, criar, aparece como elemento de interligação entre os anteriores, haja vista a criação é o objetivo principal dos centros de cultura. Ou seja, “criação é um produto de interação entre a informação e a discussão, através do conhecimento da realidade existente e da discussão de hipóteses para transformação, gerando novas ideias e propostas.” (NEVES, 2013).

Portanto, tendo o centro cultural por objetivo primordial difundir e promover ação cultural para uma massa de características heterogênea, Milanesi (1997) sugere que o mesmo seja um espaço propício e desejável à simbiose e ao amálgama das relações humanas. Contudo, Renata Neves (2013) alerta que tais instituições não devem ser vistas apenas como espaços de distração, mas sim um local onde estão centralizadas diversas atividades que atuam de maneira independente, simultânea e multidisciplinar. Isto é, o mesmo espaço que apresenta, divulga a cultura também a produz e a transmite através de ensinamentos.

Assim sendo, enunciando-se centro cultural enquanto espaço de promoção e disseminação da cultura, acredita-se que os espaços de cultural têm sua origem na Antiguidade Clássica com o complexo cultural da Biblioteca de Alexandria ou “museion”, haja vista a mesma era composta por palácios reais que abrigavam variados tipos de documentos com o objetivo de preservar o saber existente na Grécia Antiga (RAMOS, 2007). Durante o século XIX que surgiram primeiros centros ingleses (centros de arte), mas, apenas no final da década de 1950, na França, foram erguidas as bases do que hoje compreende-se por ação cultural e

espaços de cultura. Os mesmos foram criados como uma opção de lazer para os operários franceses objetivando “melhorar as relações entre as pessoas no trabalho, criando áreas de convivências, quadras esportivas e centros sociais. Mais tarde, em casas de cultura.” (NEVES, 2013). Com a construção do Centre National d’Art et Culture Georges Pompidou (vide imagem 1) no ano de 1977, a França passou a exportar um modelo de centro de cultura devido ao grande êxito obtido com a obra e a qualidade das ações ali realizadas.

Imagem 1 – Centre National d’Art et Culture Georges Pompidou



Fonte: <http://www.cristinamello.com.br/?cat=35&paged=17>

No Brasil, o interesse pela criação de centros culturais surgiu por volta dos anos 1960, sendo tal fato concretizado somente a partir da década de 1980 com a criação do Centro Cultural do Jabaquara (São Paulo – SP) e do Centro Cultural São Paulo (imagens 2 e 3 respectivamente). Mas notou-se crescimento exacerbado nos últimos vinte anos, provavelmente em decorrência das “possibilidades de investimento através de benefícios fiscais concedidos pelas leis de incentivo à cultura.” (RAMOS, 2007).

A autora Renata Neves (2013) fundamenta uma discussão sobre atual produção dos centros culturais no mundo, onde a cultura vem sendo abordada como mercadoria de espetáculo, sendo, muitas vezes, um elemento de status e civilidade, voltando-se a preocupação mais para a estética e forma do edifício (com a construção de edifícios monumentais e emblemáticos) e menos com a funcionalidade e o dever social da instituição, conforme aborda o próprio Luís Milanese (1997) em seu livro *A casa da Invenção*:

Não é à toa que a arquitetura torna-se exuberante quando projeta obras ligadas à esfera cultura. O caráter monumental diz que a própria beleza é um discurso ligado à Cultura

como posse. Um Centro Cultural feio seria uma contradição. Tudo isso leva a apontar para a supremacia do caráter formal dos prédios que proliferam com essa denominação sobre a sua própria razão de existir.

Imagem 2 – Centro Cultural Jabaquara (São Paulo – SP)



Fonte: shieharquitetos.blogspot.com.br

Imagem 3 – Centro Cultural São Paulo (São Paulo – SP)



Fonte: http://www.centrocultural.sp.gov.br/imas/o_que_e_CCSP1.jpg

Outro conceito a ser abordado é o de requalificação, uma vez que o presente trabalho tem como objetivo principal desenvolver uma proposta de anteprojeto a partir da requalificação do Centro Cultural Lourdes Ramalho. De acordo com Vasconcellos e Mello (2006), a partir da década de 1960, a nova postura em relação ao ambiente construído a partir das intervenções em sítios com preexistências significativas introduzem o reconhecimento do valor histórico e cultural, e uma crítica às práticas precedentes de demolição. Um claro exemplo desse fato é a visão de reconstrução das cidades europeias no período pós-guerra, assim como a construção das novas capitais baseadas nos preceitos de Le Corbusier.

Inúmeros conceitos e terminologias foram postulados nas Cartas Patrimoniais. A Carta de Lisboa (1955) surgiu como um documento intencionado a nomear os tipos de intervenções urbanas, conceituando sobre renovação e reabilitação. Neste documento, reabilitação apresenta-se enquanto sinônimo de requalificação. Assim é descrito o termo:

Reabilitação urbana – É uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físicas do parque construído pela sua reabilitação e instalação de equipamentos, infraestruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito.

Deste modo, no âmbito da edificação, Adriana Dias (2005) define reabilitação (requalificação) como o termo usado quando o processo de reforma não muda o uso do bem, podendo haver ou não transformação nas plantas das unidades. Caso este aplicado ao presente estudo.

Baseado nos conceitos supracitados, foram escolhidos três projetos correlatos a serem analisados quanto aos seus usos, zoneamento, fluxos, dimensionamento, soluções técnico-construtivas, soluções espaciais e plásticas, aspectos esses que deveram subsidiar e exemplificar as decisões projetuais adotadas no projeto de requalificação do Centro Cultural Lourdes Ramalho. Os projetos abaixo apresentados foram selecionados com base em sua área construída, programa de necessidades, soluções técnicas para usos específicos, reconfiguração espacial através do processo de requalificação, relações entre a edificação e seu entorno imediato e a criação de espaços públicos livre integrados por suas funções e propósitos.

1.1 Centro Cultural de Cabo Frio

Imagem 4 – Imagem aérea do Centro Cultural Cabo Frio - RJ



Fonte: <http://arqbr.arq.br/projeto/centro-cultural-de-cabo-frio/>

O concurso para o Centro de Cultural de Eventos e Exposições de Cabo Frio no Rio de Janeiro foi realizado pelo Governo do Estado, com alcance nacional, objetivando selecionar a proposta de projeto mais adequado para construção de um centro cultural nas cidade de Cabo Frio, Nova Friburgo e Paraty, no intuito de promover o desenvolvimento do turismo de negócios no Estado do Rio de Janeiro, articulando-se com o desenvolvimento da cultura arquitetônica no sentido de proporcionar uma maior adequação entre essas edificações e os contextos locais.

O projeto a ser analisado recebeu segunda colocação no referido concurso, sua forma de integração com a paisagem e a criação de um palco reversível para uma área de externa de eventos, foram fatores primordiais para escolha do mesmo para estudo de caso.

A proposta em questão foi elaborada pelo escritório ArqBr sob a supervisão dos arquitetos Eder Alencar e André Velloso, que, conforme publicado no site do escritório³, considerando os aspectos turísticos e praiano do município, optaram por um espaço permeável

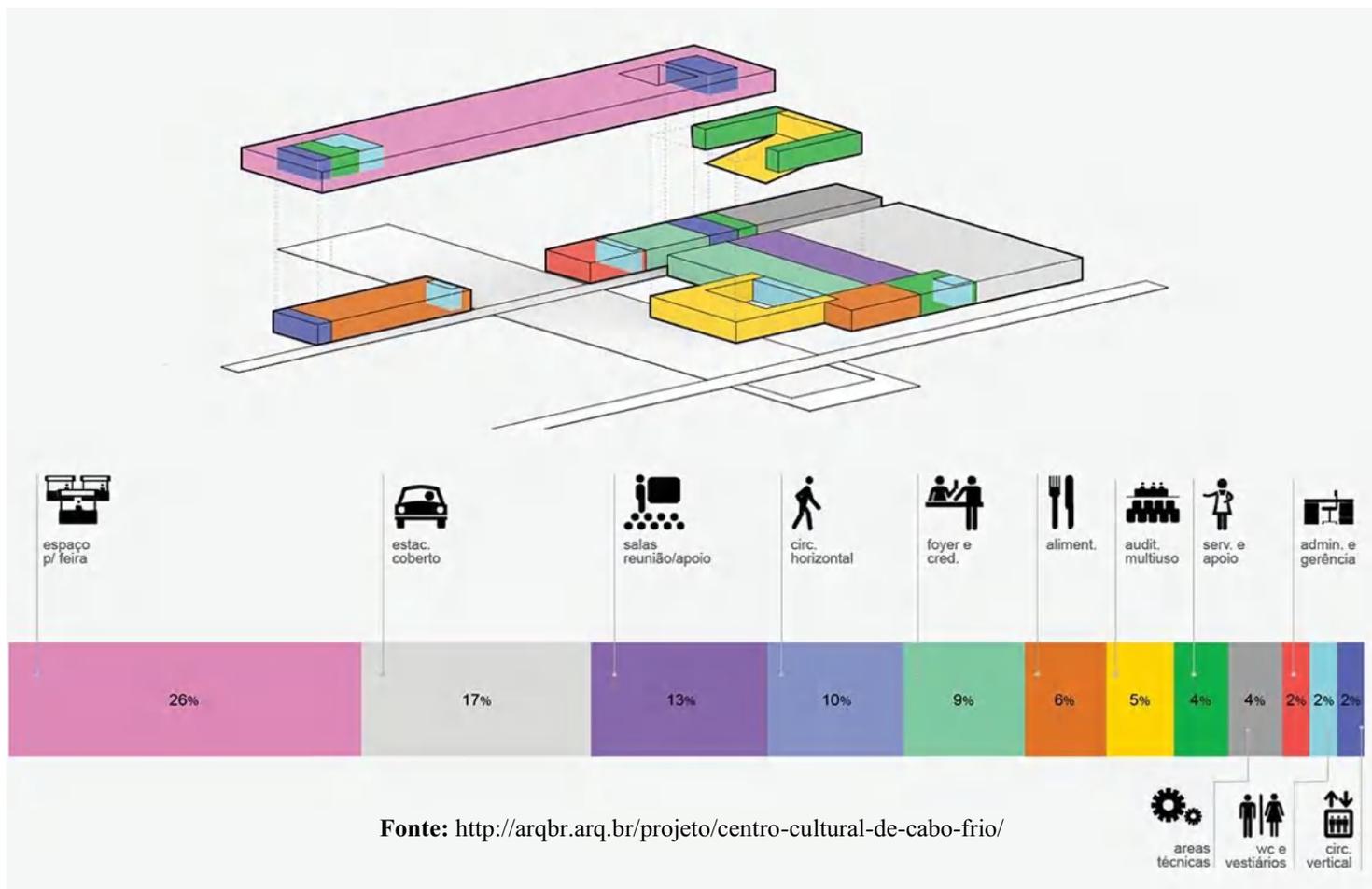
³ <http://arqbr.arq.br/projeto/centro-cultural-de-cabo-frio/>

e essencialmente urbano, que estabelecesse relações de continuidade com o entorno e a cidade e que possibilitasse a sua utilização independente da realização de eventos.

1.1.1 Zoneamento

O programa de necessidades do Centro Cultural de Cabo Frio expande-se por dois blocos distintos: o volume longilíneo com dois pavimentos abriga, em seu pavimento inferior área de alimentação, salas de administração e gerência, foyer e credenciamento, sanitários, salas de serviço e apoio, área técnica e circulação vertical; o pavimento superior corresponde a um amplo pavilhão de planta livre destinado à exposições e feiras, com capacidade para 1.500 pessoas, além de abrigar ambientes básico como sanitários e área de serviços e apoio. O bloco quadrangular possui funções e atividades independentes do outro volume. Nesse estão ambientados o auditório multiuso reversível com palco reversível, 6 salas de reunião flexíveis para o mínimo de 100 pessoas cada, área de credenciamento e foyer, área de alimentação, sanitários e salas de serviço e apoio (vide imagem 5).

Imagem 5 – Zoneamento do Centro Cultural de Cabo Frio



1.1.2 Dimensionamento

Tabela 1 – Quadro de áreas do Centro Cultural de Cabo Frio

Setor	Ambiente	Área (m ²)	Porcentagem (%)
Social	Espaço para feiras	1.950	26
	Auditório multiuso	375	5
	Foyer e credenciamento	675	9
	Salas de reunião	975	13
	Alimentação	450	6
	Total	4.425	59
Íntimo	Sanitários	150	2
Serviço	Administração e gerência	150	2
	Áreas técnicas	300	4
	Serviço e apoio	300	4
	Total	750	10
Circulação	Circulação vertical	150	2
	Circulação horizontal	750	10
	Total	900	12
Estacionamento Coberto		1.275	17
Centro Cultural de Cabo Frio		7.500	100

Fonte: Elaborada pela autora

Analisando a tabela 1, nota-se que o setor social ocupa a maior área do ambiente construído, seguido do estacionamento coberto. Entretanto, embora não seja contabilizada enquanto ambiente construído, a área externa de eventos apresenta importante papel para o funcionamento e propósito do equipamento cultural, principalmente em virtude da sua integração com a edificação através do auditório multiuso com palco reversível.

Outro ambiente que merece destaque é o grande pavilhão com planta livre criado no pavimento superior do volume longilíneo destinado a feiras e exposições, pois o mesmo corresponde à maior área construída da instituição, aspecto esse que também ressalva a multifuncionalidade do centro cultural. Também merece observação o percentual reduzido das circulações vertical e horizontal, o que prenuncia um pensamento quanto ao bom

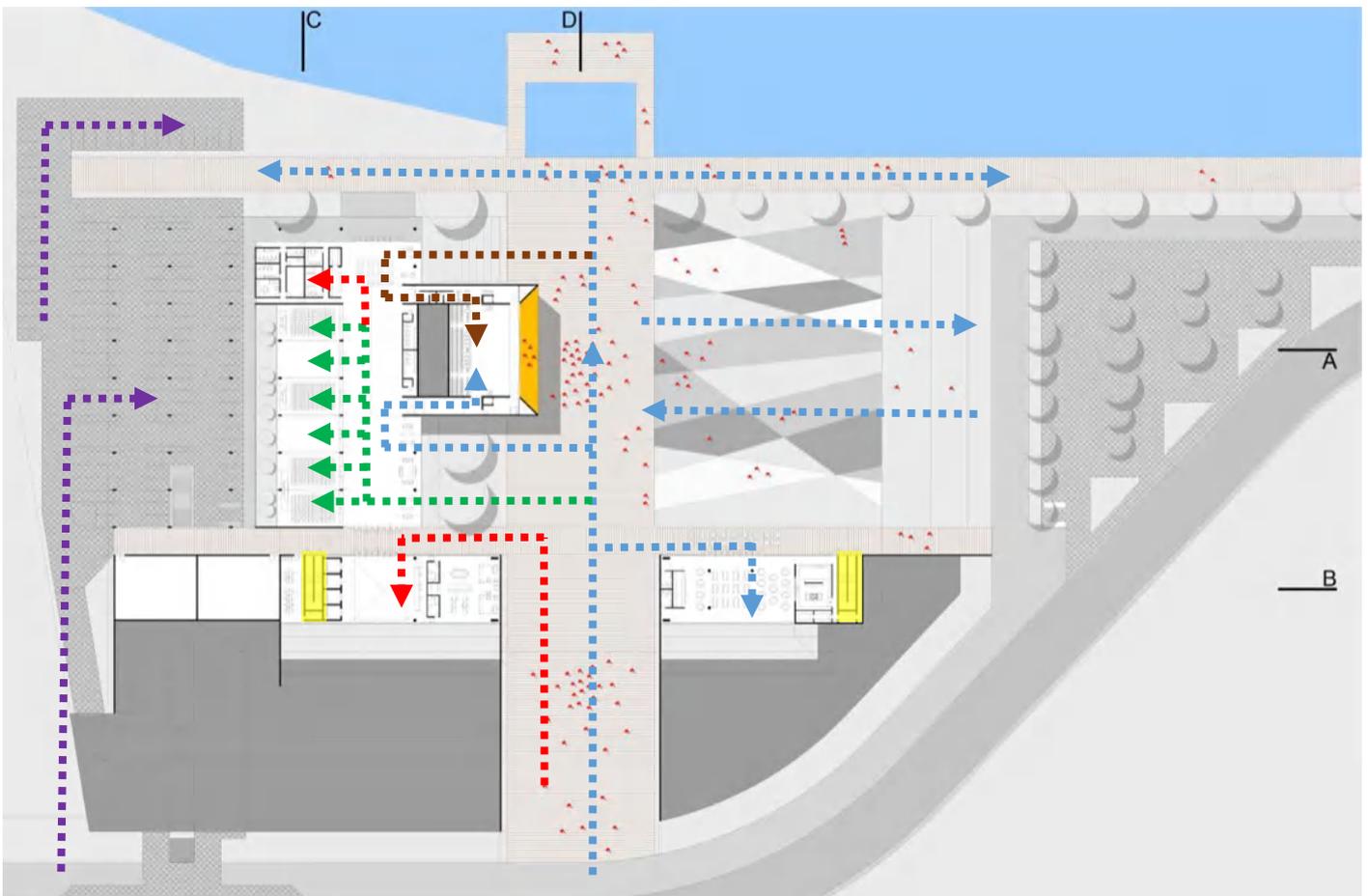
aproveitamento da edificação com mínimo de ambientes ociosos que geram maiores custos ao orçamento da obra.

1.1.3 Fluxos

Conforme mencionado anteriormente, o partido arquitetônico foi pensando a partir da permeabilidade da edificação que permite maior fluidez do público e da própria paisagem, que adentra o edifício através dos grandes vazios elaborados para integração dos ambientes internos e externos.

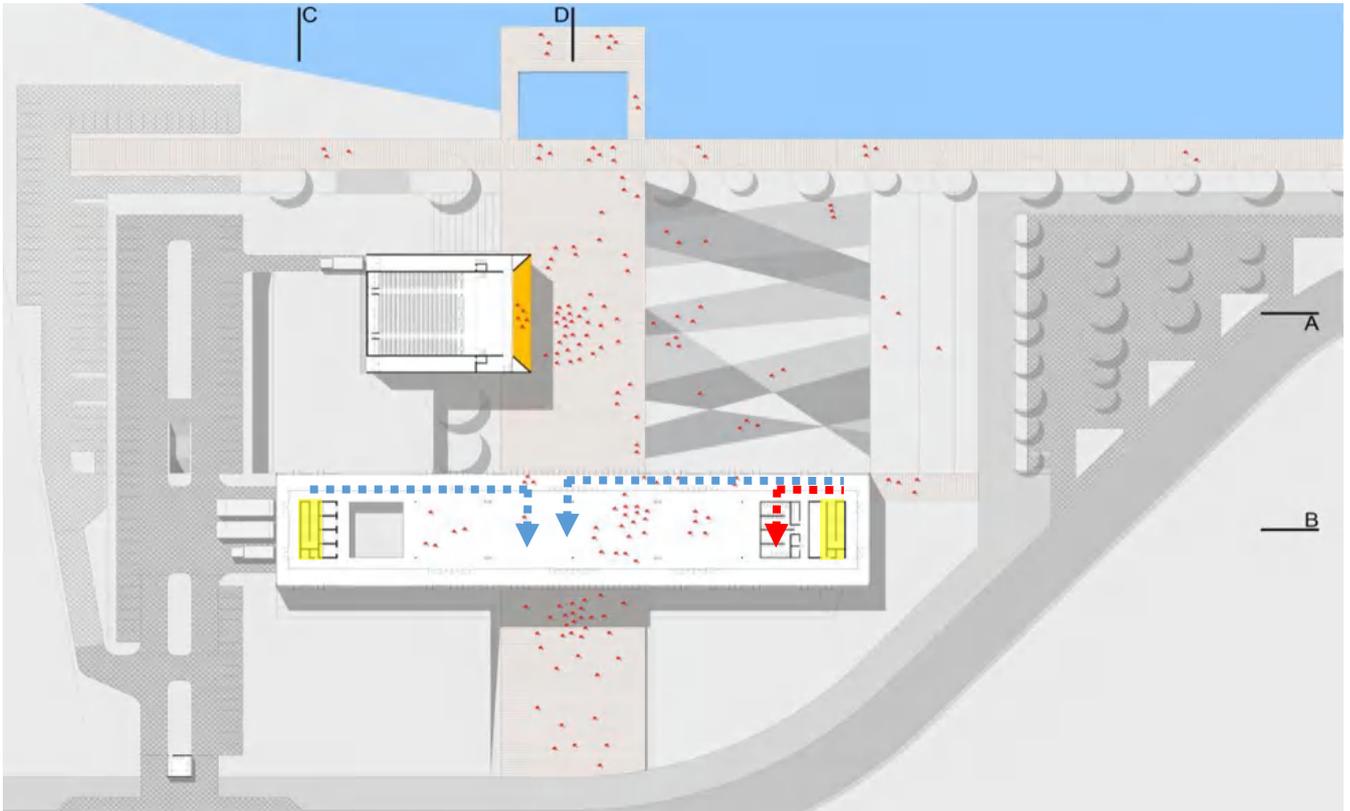
Pelo projeto ser composto por dois volumes independentes com funções distintas, os fluxos apresentam-se bem delimitados e de fácil entendimento, conforme pode ser verificado nas imagens 6 e 7. O pavimento térreo concentra a maioria dos fluxos, estando o pavimento superior restrito ao público de feiras/exposições e funcionários.

Imagem 6 – Definição de fluxos do pavimento térreo do Centro Cultural de Cabo Frio



Fonte: <http://arqbr.arq.br/projeto/centro-cultural-de-cabo-frio/> (Editado pela autora)

Imagem 7 – Definição de fluxos do pavimento superior do Centro Cultural de Cabo Frio



Fonte: <http://arqbr.arq.br/projeto/centro-cultural-de-cabo-frio/> (Editado pela autora)

Legenda:

- Fluxo do público para atividades de entretenimento na área externa, teatro e feiras
- Fluxo de automóveis
- Fluxo de pessoas para as salas de reunião
- Fluxo de funcionários
- Fluxo de artistas
- Circulação vertical

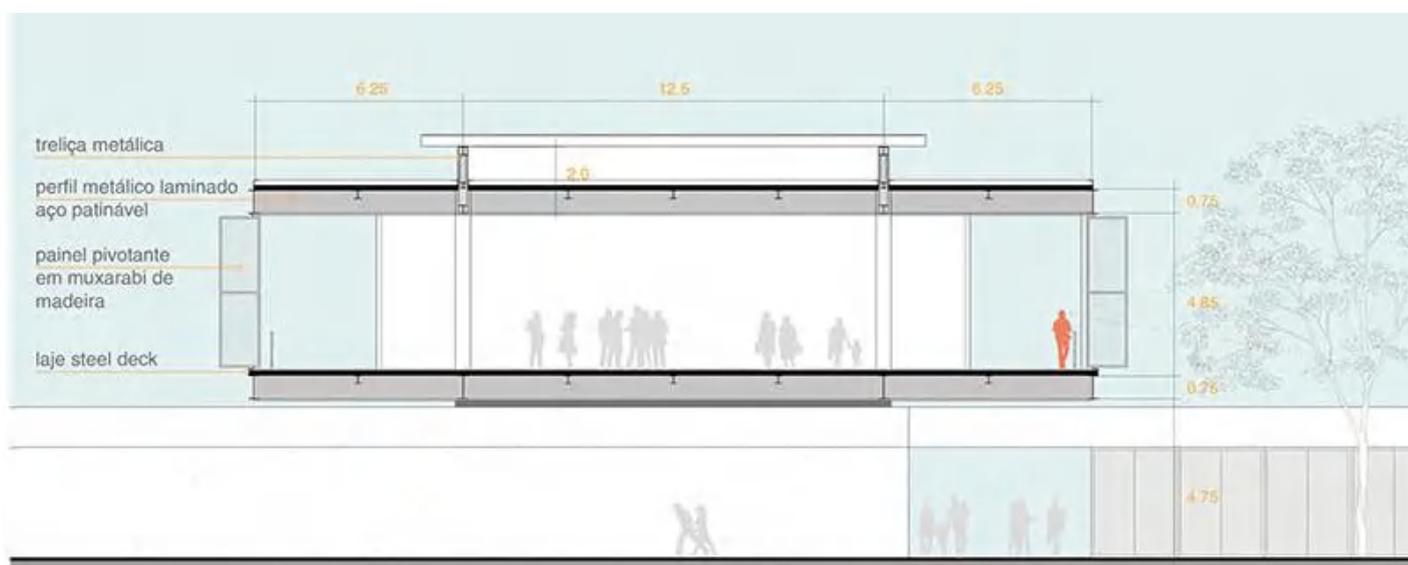
1.1.4 Soluções Técnico-construtivas

Por buscar uma forma aberta que respeita a escala residencial do lugar e cria uma praça externa urbanizada essencialmente pública como continuação do espaço público urbano, a solução arquitetônica, desde sua implantação considerou o menor impacto ambiental possível,

tentando proporcionar condicionamento térmico passivo e iluminação natural. Ademais, foram pensadas outras estratégias de diminuição do impacto ambiental, como: aquecimento da água por painéis solares; geração de energia por painéis fotovoltaicos; captação e águas pluviais para reuso em vasos sanitários, irrigação e abastecimento de reserva técnica de incêndio e reuso de águas cinzas (tratadas para irrigação).

Também foi pensando na redução dos custos e tempo operacionais da obra, sendo para isso proposto a utilização de estrutura metálica (treliças, perfil metálico laminado) e laje pré-fabricada de steel deck, que proporcionam maiores vãos e espaços mais permeáveis (vide imagem 8).

Imagem 8 – Ampliação do corte D com destaque para o sistema estrutural



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-183671/>

1.1.5 Soluções Espaciais e Plásticas

A proposta para o Centro Cultural de Cabo Frio, situa-se em um terreno próximo a área com residências unifamiliares no bairro de Porto do Carro, permeado pela paisagem natural do Parque Dormitório das Graças e da Lagoa de Araruama, o que possibilita o acesso ao equipamento por transporte aquaviário, além do acesso facilitado em consequência da proximidade com o centro do município. Conforme mencionado, o projeto foi desenvolvido de modo a respeitar a escala predominantemente residencial do bairro e preservar o potencial visual da paisagem. Para isso, suspendeu-se um prisma retangular sobre dois patamares

proporcionados pela topografia natural do terreno, desbloqueando a visão de entrada na altura dos olhos, valorizando, assim, a vista para a Lagoa de Araruama (vide imagem 9), que convida o público a adentrar na edificação e posteriormente abre-se uma grande praça pública de eventos.

Imagem 9 – Perspectiva da entrada principal



Fonte: <http://arqbr.arq.br/projeto/centro-cultural-de-cabo-frio/>

Quanto ao seu aspecto plástico volumétrico, o projeto é composto por dois blocos regulares. O primeiro, mais visível e principal volume (suspensão), possui aspecto delgado e leve em decorrência dos painéis de muxarabi pivotante utilizados para fechamento do pavimento superior, formando um jogo de cheios e vazios, na fachada, conforme a utilização do ambiente, além de proporcionar, internamente, um ambiente mais amplo, iluminado e integrado com a paisagem (vide imagem 10).

Imagem 10 – Perspectiva interna do pavilhão de exposições



Fonte: <http://arqbr.arq.br/projeto/centro-cultural-de-cabo-frio/>

O segundo volume, embora menor, possui importância significativa, pela função que abriga, e destaca quando observado da parte interna da praça pública, em determinados pontos focais camufla-se na paisagem por estar inserido entre patamares naturais do terreno com cobertura vegetal (vide imagens 11 e 12).

Imagem 11 – Perspectiva da área externa de eventos – Praça pública



Fonte: <http://arqbr.arq.br/projeto/centro-cultural-de-cabo-frio/>

Imagem 12 – Perspectiva da área externa de eventos – Praça pública



Fonte: <http://arqbr.arq.br/projeto/centro-cultural-de-cabo-frio/>

1.2 Campus Cabral da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Imagem 13 – Perspectiva da entrada lateral do novo Campus Cabral da UFPR



Fonte: <http://concursosdeprojeto.org/2012/07/27/campus-da-ufpr-1o-lugar/>

O projeto para o novo Campus Cabral da Universidade Federal do Paraná consiste na proposta vencedora do Concurso Público Nacional de Arquitetura cujo programa de necessidades deveria contemplar as novas dependências para os cursos de Artes, Comunicação e Design, além das novas sedes para a TV e Rádio Universitárias, a reserva técnica do Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, uma livraria para a Editora da UFPR e espaços para ampliações futuras.

Para o autor e técnico responsável pelo projeto, Arthur de Mattos Casas, em artigo publicado no site Archdaily⁴, a escolha do partido arquitetônico baseou-se na premissa de criação de espaços públicos de qualidade a um custo moderado inseridos num contexto urbano extremamente dinâmico, enfrentando as contradições vindouras do próprio programa de necessidades quanto qualidade, densidade e planejamento. Contudo, o projeto tentou manter-se o mais fiel possível às demandas do programa.

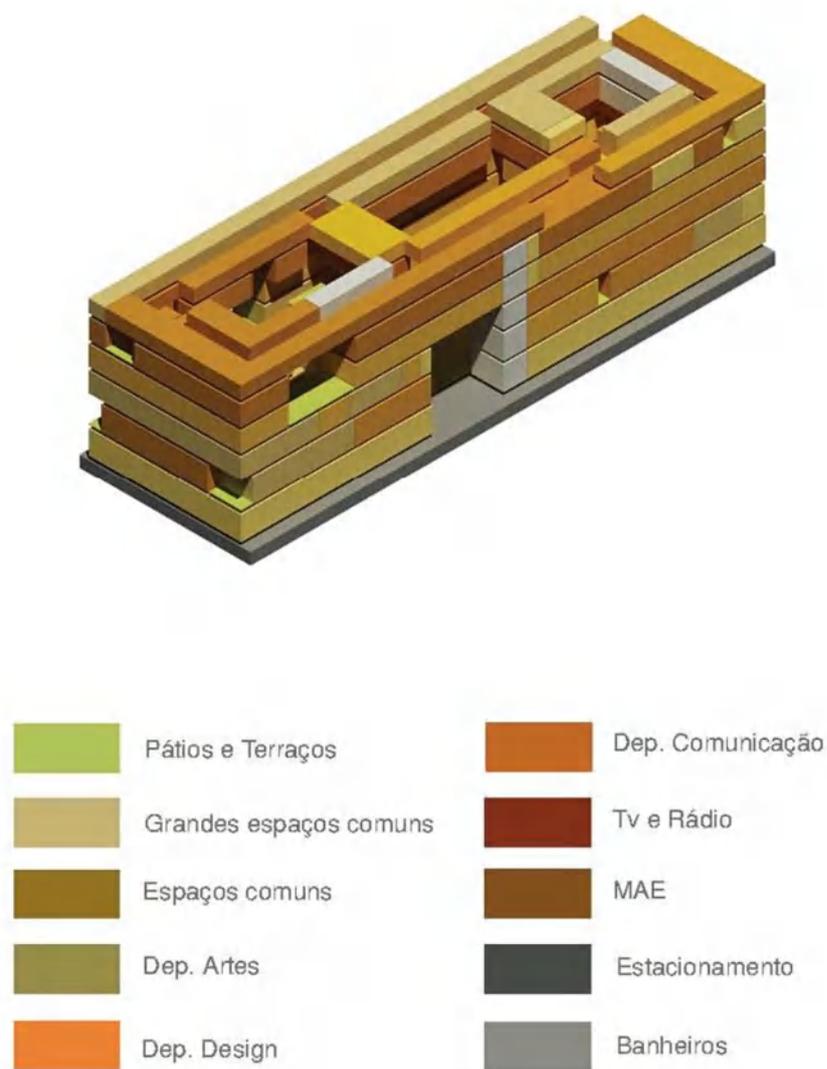
O diferencial da proposta foi a leitura da equipe em relação a localização do terreno entre diversas praças e edificação histórica que acabam por gerar um entorno com qualidade e potencialidade. Assim, o projeto visou englobar tais espaços públicos ao Campus, trazendo a paisagem para dentro do edifício e fazendo menos agressiva a sua implantação.

⁴ <http://www.archdaily.com.br/br/01-61482/1-graus-lugar-concurso-campus-cabral-curitiba-studio-arthur-casas>

1.2.1 Zoneamento

O programa de necessidades é concentrado em um monolito, organizando-se em uma massa compacta em detrimento do grande número de espaços comuns. Para tanto, foram projetados 7 pavimentos, estando um deles no subsolo, e readaptados os usos da edificação histórica existente no terreno. Os espaços foram categorizados em 10 setores distintos: pátios e terraços, grandes espaços comuns, espaços comuns, Departamento de Artes, Departamento de Design, Departamento de Comunicação, TV e rádio, Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), estacionamento e banheiros (vide imagem 14).

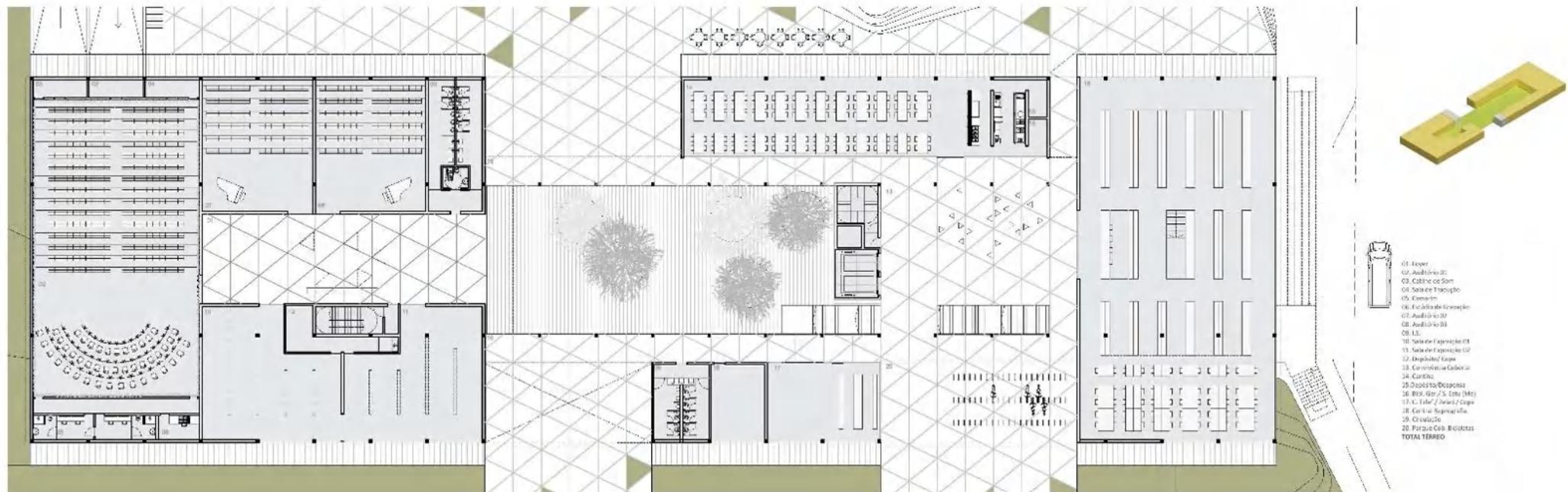
Imagem 14 – Esquema de setorização dos espaços no Campus Cabral da UFPR



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

O pavimento térreo (imagem 14) do monolito é constituído por foyer, auditório 01 com sala de tradução, camarim e estúdio de gravação, auditórios 02 e 03, instalações sanitárias, salas de exposição 01 e 02, depósito/copa, espaço de convivência aberto, cantina, depósito/dispensa, biblioteca geral, central telefônica, central de reprografia, circulação, bicicletário.

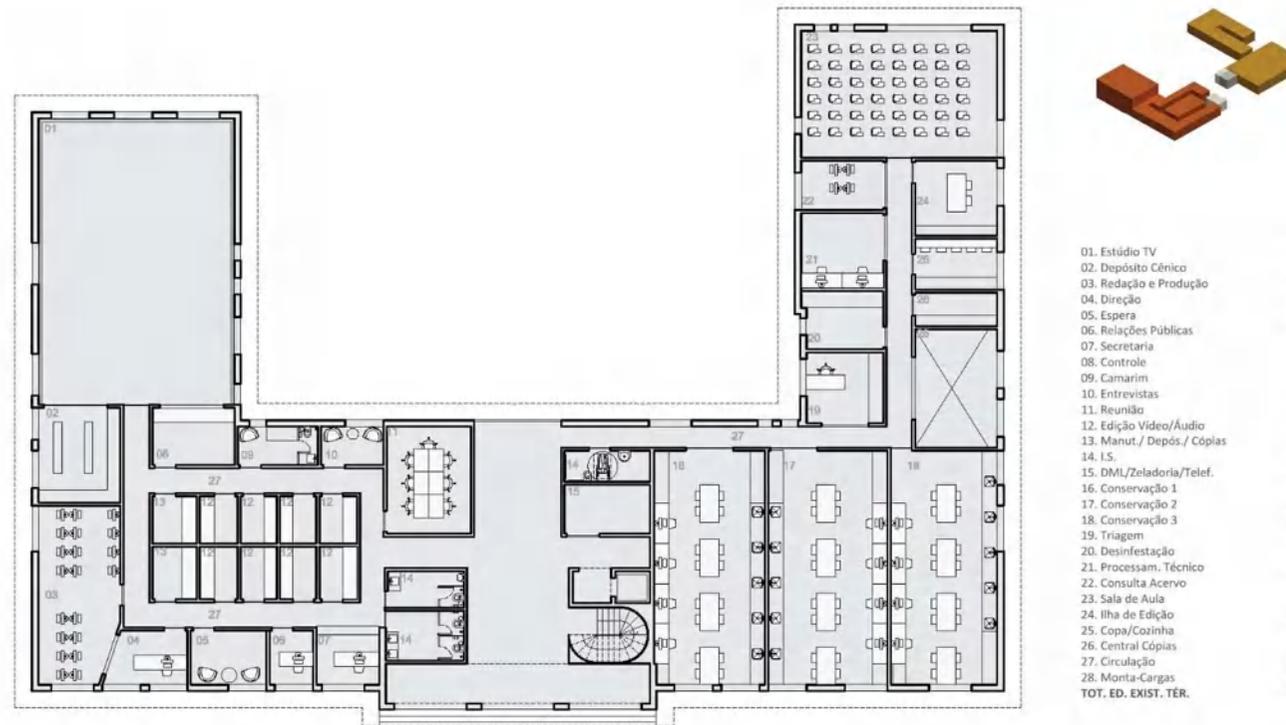
Imagem 14 – Planta baixa do pavimento térreo do novo bloco Campus Cabral – UFPR (sem escala)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Já no térreo da edificação pré-existente (imagem 15) estão localizados: estúdio de TV, depósito cênico, redação e produção, direção, sala de espera, relações públicas, secretaria, controle camarim, sala de entrevista, sala de reunião, edição de vídeo e áudio, manutenção, depósito, copa, instalações sanitárias, salas de conservação 1,2 e 3, sala de triagem, sala de desinfestação, processamento técnico, consulta ao acervo, sala de aula, ilha de edição, copa/cozinha, central de cópias, monta-cargas.

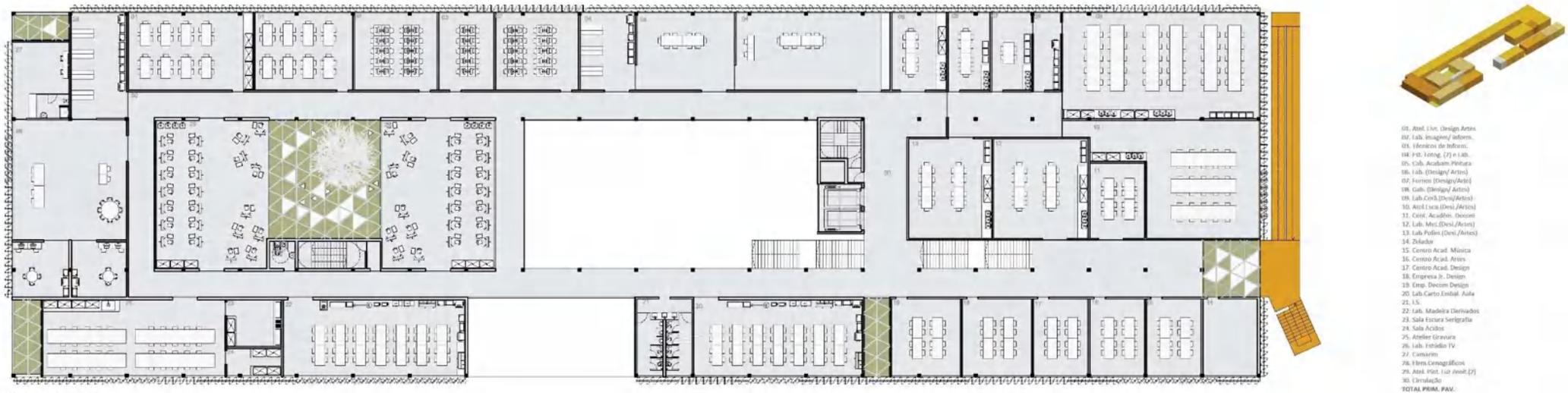
Imagem 15 – Planta baixa do pavimento térreo da edificação histórica no Campus Cabral da UFPR (sem escala)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

O primeiro pavimento (imagem 16) do bloco consiste em: atelier design/artes, laboratório de imagem/informática, estúdios de fotografia e laboratório, cabine de acabamento de pintura, laboratório de design/artes, fornos design/artes, gabinete design/artes, laboratório de cerâmica design/artes, atelier de escultura design/artes, centro acadêmico de comunicação, laboratório de metais design/artes, laboratório de polímeros design/artes, zelador, centro acadêmico de música, centro acadêmico de artes, centro acadêmico de design, empresa júnior de design, empresa Decom Design, laboratório de embalagens, instalações sanitárias, laboratório de madeira e derivados, sala escura de serigrafia, sala de ácidos, atelier de gravuras, laboratório estúdio de TV, camarim, elementos cenográficos, atelier de pintura e luz zenital.

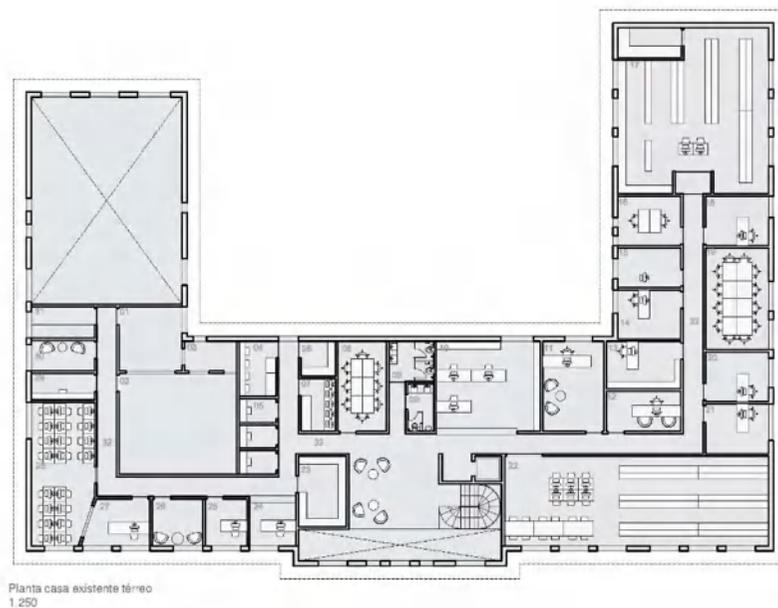
Imagem 16 – Planta baixa primeiro pavimento do novo bloco Campus Cabral – UFPR (sem escala)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

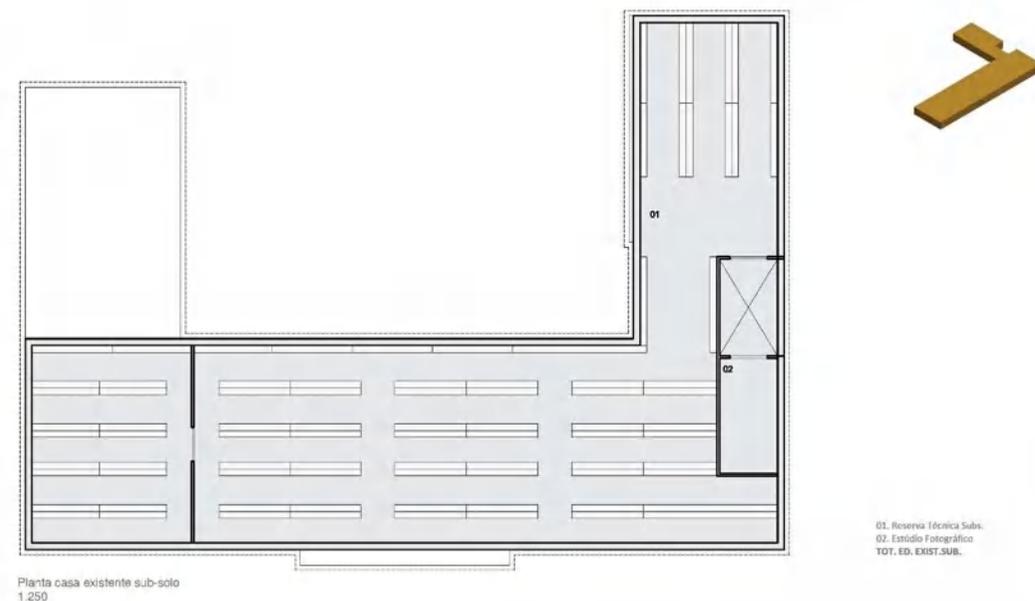
Na casa existente no terreno, o primeiro pavimento contém (imagem 17): controle, estúdio de rádio principal, sala de bateria, copa/cozinha, edição, DML, sala de equipamentos de informática, salas de reunião, I.S., secretaria, direção, vice-direção, setor educativo, etnologia, cultura popular, UNIDOV, sala de arquivo permanente, arqueologia, museologia, produção cultural, biblioteca, almoxarifado, relações públicas, sala de espera, sala de redação e produção, manutenção, sala de entrevistas e depósito. Já o pavimento do subsolo (imagem 18) abriga toda reserva técnica e um pequeno laboratório de fotografia.

Imagem 17 – Planta baixa primeiro pavimento da edificação histórica no Campus Cabral da UFPR (sem escala)



- 01. Controle
- 02. Estúdio de Rádio Princ.
- 03. Bateria
- 04. Copa/ Cozinha
- 05. Edição
- 06. DML
- 07. Equipam. informática
- 08. Sala de Reunião
- 09. I.S.
- 10. Secretaria
- 11. Direção
- 12. Vice-Direção
- 13. Setor Educativo
- 14. Etnologia
- 15. Cultura Popular
- 16. UNIDOV
- 17. Sala de Arquivo Perman.
- 18. Arqueologia
- 19. Reuniões
- 20. Museologia
- 21. Produção Cultural
- 22. Biblioteca
- 23. Almoxarifado
- 24. Secretaria
- 25. Relações Públicas
- 26. Espera
- 27. Direção
- 28. Redação e Produção
- 29. Manutenção
- 30. Entrevistas
- 31. Depósito
- 32. Circulação
- TOT.ED. EXIST. SUP.

Imagem 18 – Planta baixa do subsolo da edificação histórica no Campus Cabral da UFPR (sem escala)



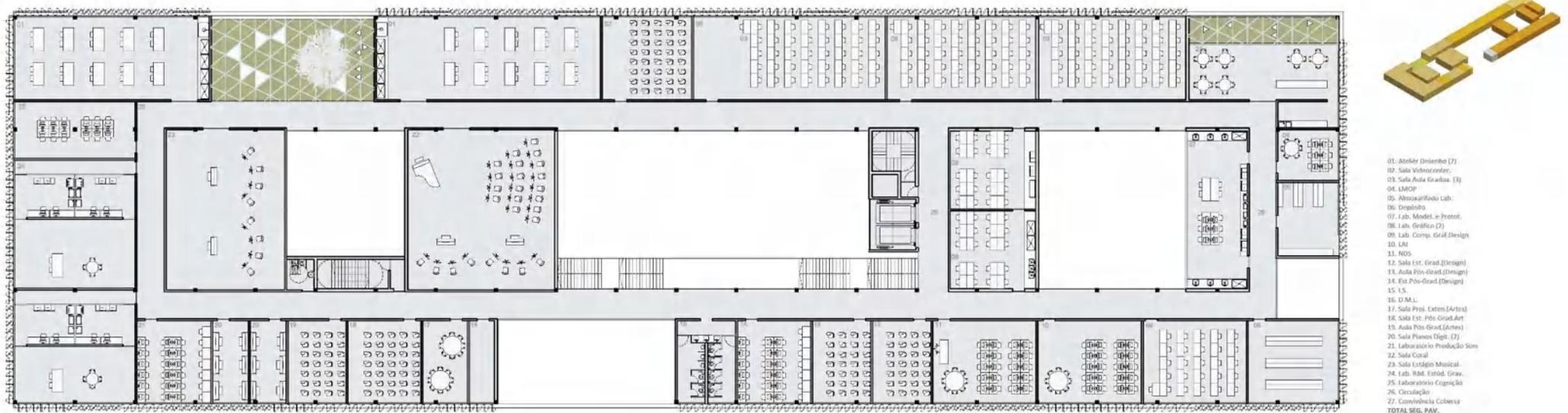
- 01. Reserva Técnica Subs.
- 02. Estúdio Fotográfico
- TOT. ED. EXIST. SUB.

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

A partir do segundo pavimento percebe-se uma maior concentração do setor educacional propriamente dito, com a predominância de salas de aulas e laboratórios, como pode ser visto na imagem 19 abaixo ilustrada. Assim, o segundo pavimento é construído por: 2 ateliers de desenho, sala de videoconferência, 3 salas de aula videoconferência, LMOP, almoxarifado do laboratório, depósito, laboratório de modelagem e protótipo. 2 laboratórios gráficos, laboratório de composição gráfica e design, LAI, NDS, sala de estudos de graduação (Design), sala de aula de pós-graduação (Design), I.S., DML, sala de projeto de extensão (Artes), sala de estudos da pós-graduação (Artes), 2 salas de pianos, laboratório de produção sonora, sala do coral, sala do estágio musical, laboratório de rádio, estúdio e gravação, laboratório de cognição e área de coberta de convivência.

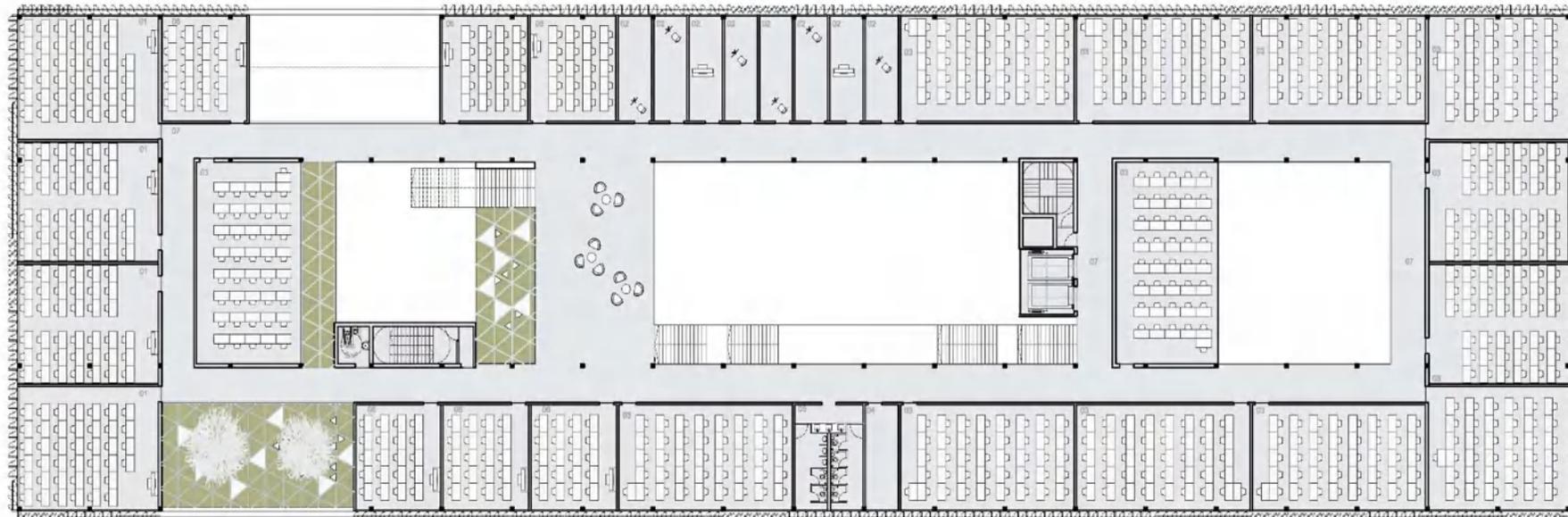
Imagem 19 – Planta baixa segundo pavimento do novo bloco Campus Cabral – UFPR (sem escala)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

O terceiro pavimento (imagem 20) concentra maior parte das salas destinadas ao estudo de musicalidade, são elas: 10 salas para aulas de piano, 8 estúdios de música e 14 salas de aula de graduação.

Imagem 20 – Planta baixa terceiro pavimento do novo bloco Campus Cabral – UFPR (sem escala)

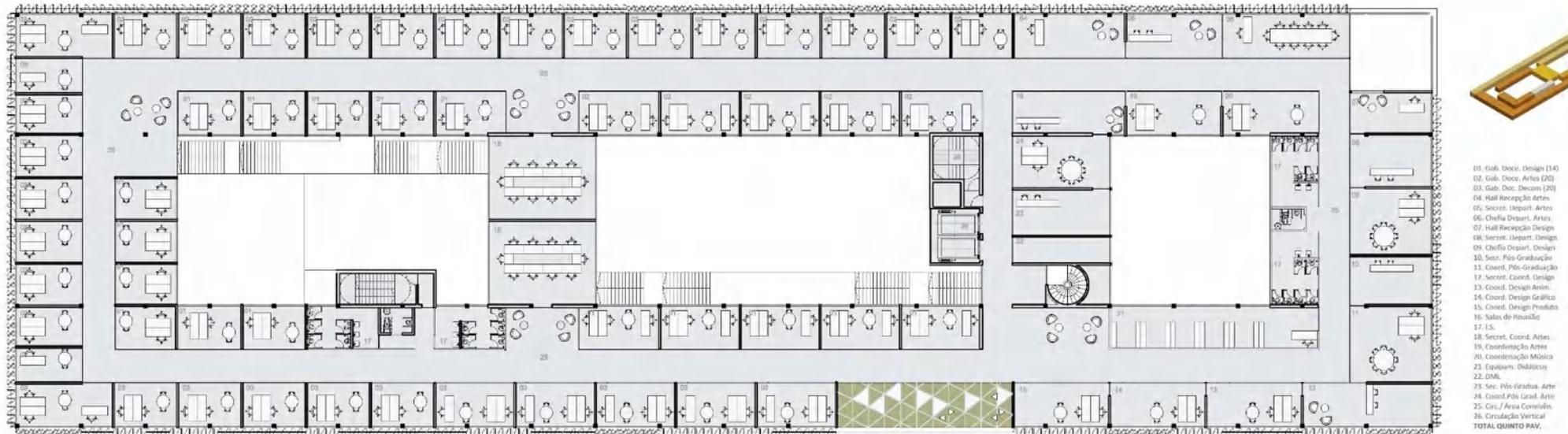


01. Aula piano(6)
 02. Estúdio Mús (8)
 03. Aula Grad. (14)
 04. D.M.L.
 05. L.S.
 06. Aula piano (4)
 07. Circulação
 TOTAL TERC. PAV.

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Já o quarto pavimento (imagem 21) concentra o setor da administração geral além de salas e laboratório, como: 5 laboratórios para grupos de pesquisas, 2 laboratórios de produção gráfica, central telefônica, hall de recepção, secretaria e chefia do departamento de Design, pátio coberto, sala do diretor, recepção, sala do vice-diretor, e secretaria executiva da administração geral, relações institucionais, copa/zeladoria, protocolo, finanças/orçamentos, almoxarifado geral, arquivos, coordenação e secretaria da pós-graduação, sala de extensão, salas de aula e estudos da pós-graduação, DML, I.S., laboratório agência de publicidade, 2 laboratórios de edição de TV, laboratório de produção de jornalismo, 5 núcleos de grupos de pesquisa, laboratórios de redação I e II, 2 laboratórios de rádio, 3 laboratórios/estúdios multiuso, 3 laboratórios de jornalismo experimental, 2 laboratórios de opinião pública, núcleo da comissão organizadora, coordenações de jornalismo, propaganda e relações públicas, equipamento de foto e vídeo e sala de equipamento didático.

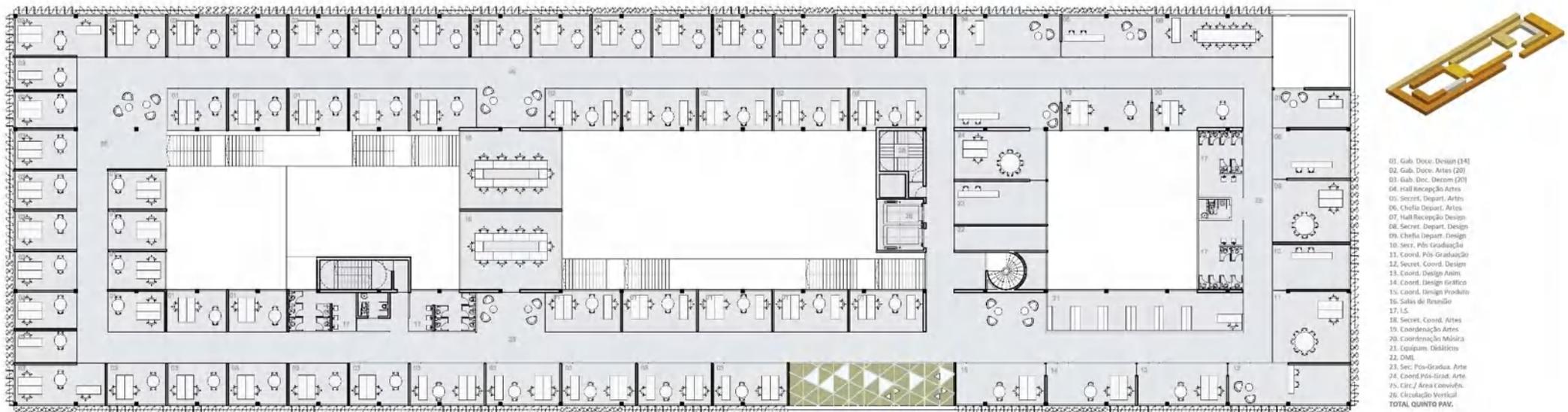
Imagem 21 – Planta baixa quarto pavimento do novo bloco Campus Cabral – UFPR (sem escala)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

O quinto pavimento do bloco novo do Campus Cabral da UFPR (imagem 22) agrupa os ambientes administrativos e de chefias de cada departamento. São eles: 14 gabinetes para docentes de Design, 20 gabinetes para docentes de Artes, hall de recepção de Artes, secretaria e chefia do departamento de Artes, hall de recepção de Design, secretaria e chefia do departamento de Design, secretaria de pós-graduação, coordenação de pós-graduação, secretaria da coordenação de Design, coordenação de design de animação, coordenação de design gráfico, coordenação de design de produtos, 2 salas de reunião, I.S., secretaria e coordenação de Artes, coordenação de Música, sala de equipamentos didáticos, DML, secretaria e coordenação de pós-graduação de Artes e área de convivência.

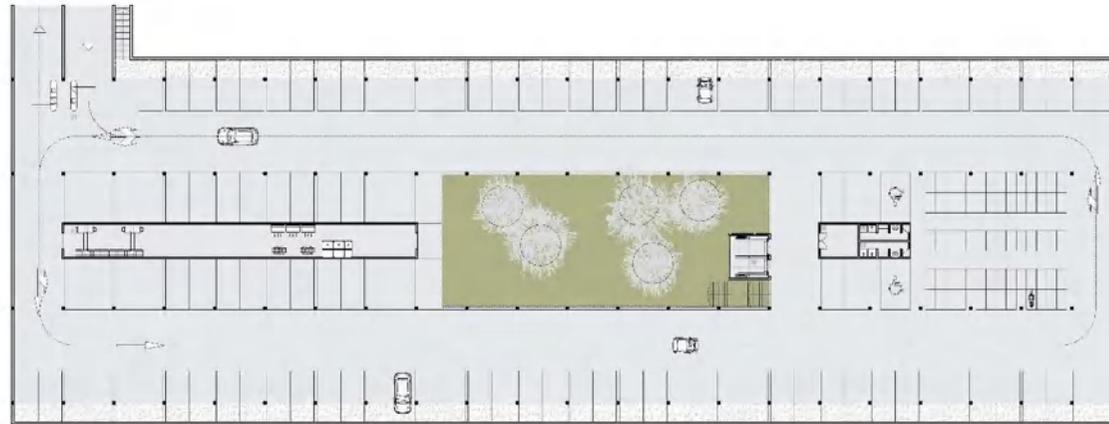
Imagem 22 – Planta baixa quinto pavimento do novo bloco Campus Cabral – UFPR (sem escala)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

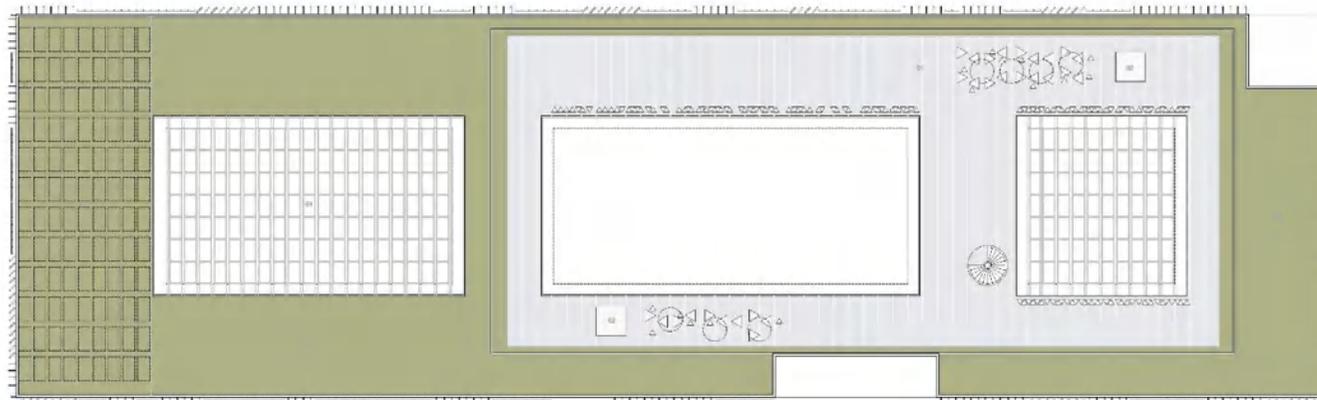
No subsolo (imagem 23) encontra-se o estacionamento coberto para veículos e motocicletas, vestiários e reserva técnica. Enquanto a coberta (imagem 24) apresenta uma grande área de convivência descoberta, quiosque e área com cobertura vegetal, além dos componentes construtivo como claraboias e painel solar.

Imagem 23 – Planta baixa do subsolo do novo bloco Campus Cabral – UFPR (sem escala)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Imagem 24 – Planta de coberta do novo bloco Campus Cabral – UFPR (sem escala)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

1.2.2 Dimensionamento

Em detrimento da complexidade da instituição aqui analisada e de sua vasta compartimentação de espaços diversos, o dimensionamento será apresentado por andares, agrupando-se os ambientes semelhantes e destacando os diferenciais.

Ao analisar as tabelas 2 e 3, percebe-se que a relação de área entre os pavimentos de uma mesma edificação são distintas em detrimentos dos vazios criados no andar superior (na edificação já existente), e dos diferentes jardins e espaços de convivência criados ao longo do novo bloco. Por tratar-se de uma instituição de ensino, o maior percentual de área construída no bloco novo (tabela 3), do primeiro ao quinto pavimento, destina-se a salas, laboratórios, estúdios e ateliers, estando concentrado no pavimento térreo os espaços destinados à maior concentração de pessoas, como auditórios, salas de exposição e área de convivência. Já a edificação pré-existente (tabela 2), em sua maioria, abriga o Museu de Arqueologia e Etnologia juntamente com todos os espaços precisos para seu devido funcionamento como arquivos, acervos, salas de conservação e desinfestação. A outra parte destina-se às instalações da Televisão e Rádio Universitária. Ademais, nas duas edificações, abaixo das maiores porcentagens supracitadas, encontram-se a circulação e os demais ambientes, que consiste nas instalações sanitárias, depósitos de material de limpeza, zeladoria, arquivos, copa/cozinha, etc.

Tabela 2 – Quadro de áreas da edificação existente no Campus Cabral da UFPR

Pavimentos/ Ambientes	Área (m²)	Porcentagem (%)
Térreo	826	53,15
Serviços	17	1,09
TV e rádio	261	16,79
MAE	224	14,42
Circulação	160	10,29
Demais ambientes	164	10,56
1º Pavimento	728	46,85
MAE	266	128
Circulação	128	8,24
Demais ambientes	334	21,49
Área total da edificação	1.554	100

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 3 – Quadro de áreas da edificação existente no Campus Cabral da UFPR

Pavimentos/ Ambientes	Área (m²)	Porcentagem (%)
Subsolo	3.493	18,75
Estacionamento coberto	3.353	18,00
Vestiário	16	0,18
Reserva técnica	124	0,57
Térreo	2.866	15,38
Foyer	196	1,05
Auditórios	684	3,37
Salas de exposição	246	1,32
Convivência coberta	170	0,92
Parque coberto de bicicletas	123	0,76
Circulação	296	1,68
Demais ambientes	1.151	6,18
1º Pavimento	2.697	14,48
Centros acadêmicos	128	0,78
Salas/ Laboratórios/Ateliers/ Estúdios	1.629	8,74
Circulação	608	3,25
Demais ambientes	332	1,71
2º Pavimento	2.431	12,95
Laboratórios/ Salas/ Ateliers	1.666	8,90
Convivência coberta	57	0,30
Circulação	531	2,80
Demais ambientes	177	0,95
3º Pavimento	2.345	12,59
Salas/ Estúdios	1.513	8,13
Circulação	780	4,18
Demais ambientes	52	0,28
4º Pavimento	2.313	12,42
Laboratórios/ Salas	1.023	5,49
Administração/ Coordenações	422	2,26
Convivência coberta	20	0,11
Circulação	641	3,44
Demais ambientes	207	1,12
5º Pavimento	2.478	13,30
Gabinetes dos professores	1000	5,37
Chefias/ Secretarias/ Coordenação	418	2,24
Circulação e convivência	745	4,00
Demais ambientes	315	1,69
Área total da edificação	18.623	100

Fonte: Elaborada pela autora

1.2.3 Fluxos

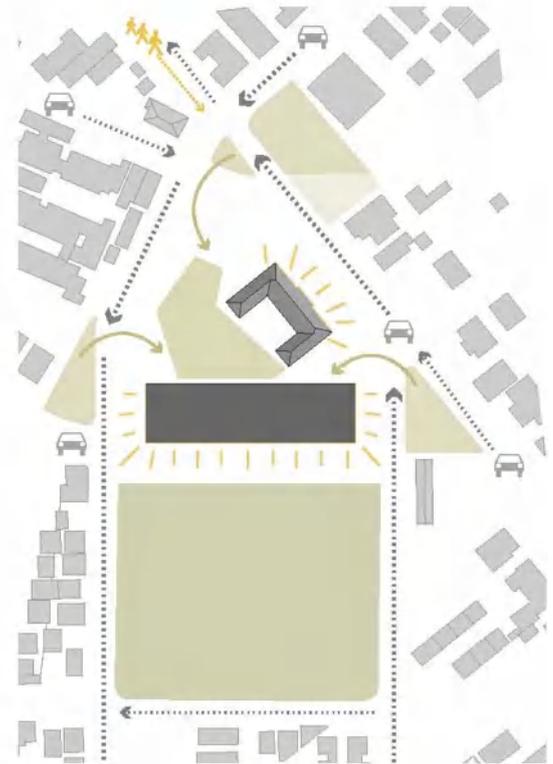
O partido arquitetônico foi elaborado a partir da ideia de permeabilidade urbana e a criação de uma praça central, tornando o pavimento térreo mais fluido e acessível pelos transeuntes (imagem 25), além de promover a integração da edificação com as praças do entorno através de sua proposta de implantação (imagem 26).

Imagem 25 – Permeabilidade e praça central



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Imagem 26 – Integração com o entorno



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Foram definidos quatro tipos de fluxos principais de acesso ao campus. São eles: fluxo de carros, fluxo de ônibus, fluxo de bicicletas e fluxo de pessoas. A circulação dos carros e ônibus está restrita às margens do terreno, tendo o primeiro acesso apenas ao subsolo da edificação onde se localiza o estacionamento. As bicicletas têm acesso por todo o campus, incluindo as áreas livres internas do pavimento térreo; e as pessoas circulam por todas as áreas e pavimentos do campus (imagens 26 e 27).

Imagem 27 – Delimitação do fluxo de bicicletas ao Campus Cabral – UFPR

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

No que concerne os fluxos no interior da edificação, o mesmo está praticamente estrito a pessoas, equipamentos e materiais do térreo ao quinto pavimento e majoritariamente de veículos no subsolo (imagem 28). A circulação vertical entre os pavimentos é feita através de dois elevadores, escada contra incêndio e vários lances de escada distribuídos ao longo do pavimento. O segundo pavimento da edificação possui como diferencial dos demais uma rampa de acesso direto ao mesmo sem conexão com os demais pavimentos (imagem29).

Imagem 28 – Fluxo de carros e pessoas no subsolo do Campus Cabral - UFPR

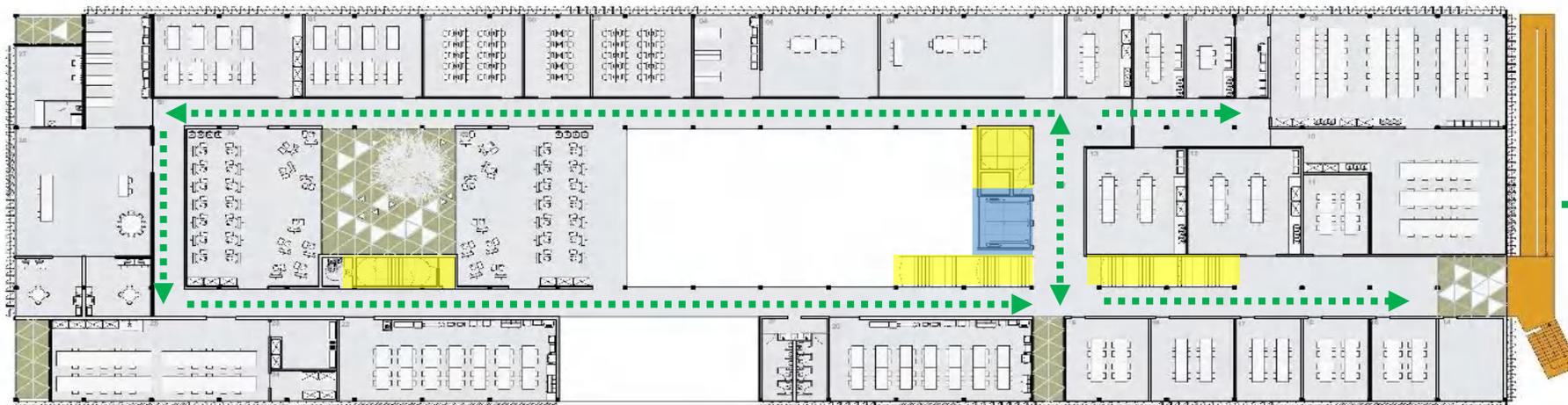


Legenda

- Circ. vertical elevadores
- Circ. vertical escadas
- Circ. horiz. veículos

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/> (Editado pela autora)

Imagem 29 – Fluxos e circulações do segundo pavimento no Campus Cabral - UFPR



Legenda

- Circ. vertical rampa
- Circ. vertical elevadores
- Circ. vertical escadas
- Circ. horiz. pessoas

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/> (Editado pela autora)

1.2.4 Soluções Técnico-construtivas

De acordo com o arquiteto responsável pelo projeto, Arthur Casas, em artigo publicado no Archdaily⁵, a estrutura do edifício foi projetada visando-se a economicidade, rapidez e facilidade da construção. Para tanto, optou-se por elementos industrializados ou pré-fabricados, com estrutura moldada *in loco*. Embora tenham sido utilizados o aço e concreto, o mesmo afirma que não se trata de uma estrutura híbrida, pois o aço foi utilizado apenas nos pontos onde os vãos são maiores, como grandes áreas cobertas e auditórios. A racionalidade da trama permitiu que o edifício foi construído a partir de estruturas de concreto. Para as contenções do subsolo, optou-se pelos contrafortes e blocos de concreto, evitando-se a cravação no terreno de perfis de aço. Entretanto, propôs-se, ainda, vigas intermediárias em aço a fim de permitir a utilização de lajes pré-moldadas em painéis treliçados auto-portantes, dispensando cimbramentos, o que resulta em uma estrutura com valores reduzidos de no que se refere ao escoramento de lajes. Para a edificação existente propõem-se a construção de uma nova estrutura com escoramento das fachadas e estrutura interna em aço e concreto, respeitando-se a modularidade existente.

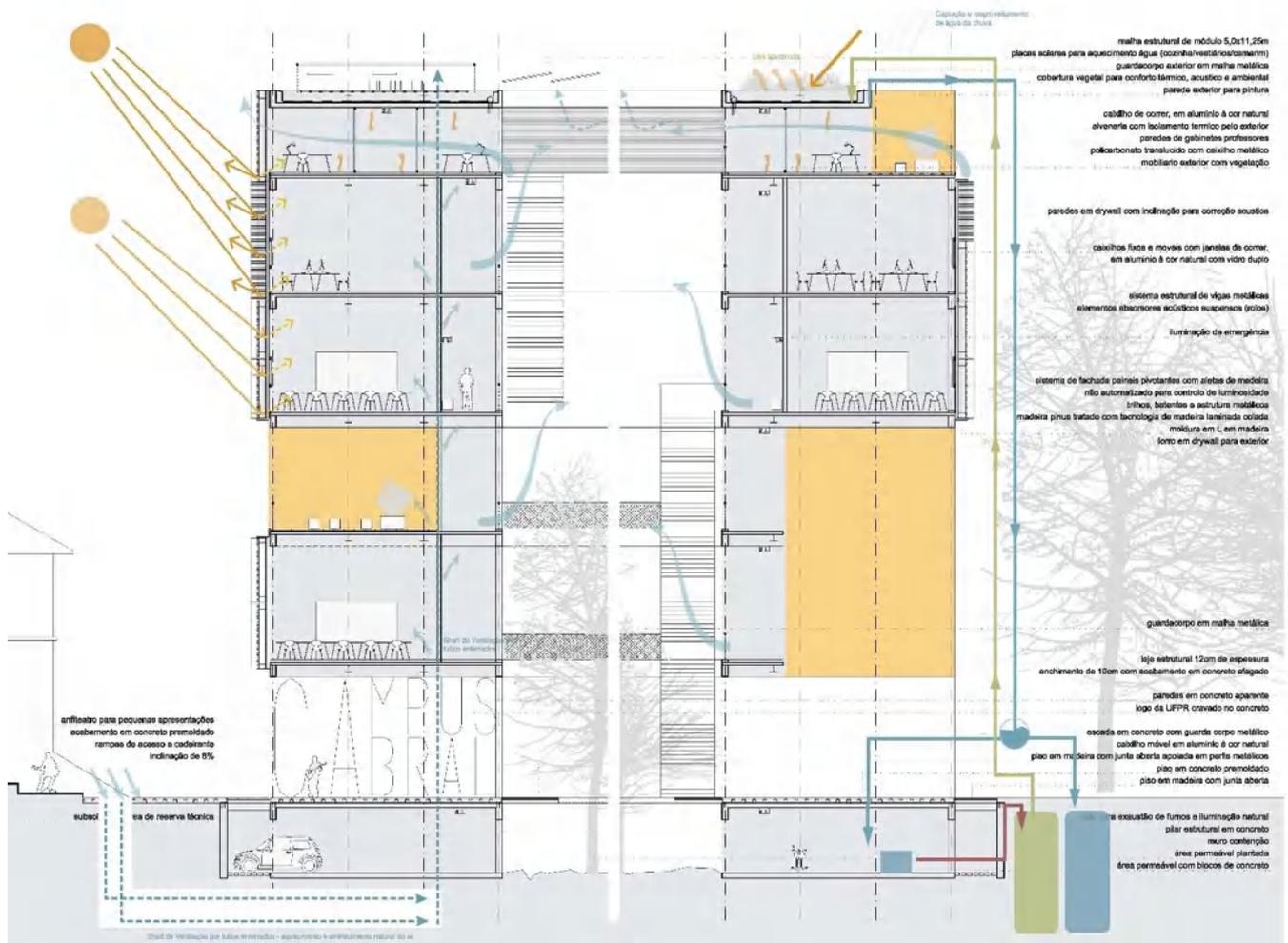
Outro assunto bastante discutido durante a elaboração do projeto foi a questão da sustentabilidade enquanto aspectos que vão além do objetivo de ter um edifício eficiente energeticamente. Para tanto, o primeiro passo foi pensar em um programa concentrado em um único volume denso, uma vez que essa forma permite economizar energia, tempo de construção, material e superfície de fachada. Dentro desse volume, os deslocamentos são facilitados pelas curtas distâncias entre as atividades, privilegiando-se o uso das escadas, localizando-as de forma centralizada nos pavimentos. As fachadas possuem um sistema que permite o edifício adaptar-se às grandes variações climáticas, além de garantir um controle na iluminação das salas. Para isso, foi proposto um sistema de dupla pele: uma interna composta por vidro translucido e uma segunda, externa, de painéis pivotantes de madeira laminada colada Pinus, que controla o aporte de luz e calor de acordo com as variações diurnas e sazonais (imagem 28). Os pátios internos cobertos permitem a inserção da luz natural na edificação, sendo seu potencial ampliado a partir sistema de aberturas que racionalizam e fluxo de luz e ventilação dentro do edifício.

Ainda no intuito de melhorar a ventilação interna e proteção solar, propôs-se um sistema de poço canadense, onde criados túneis de ventilação enterrados no próprio terreno,

⁵ <http://www.archdaily.com.br/br/01-61482/1-graus-lugar-concurso-campus-cabral-curitiba-studio-arthur-casas>

levando para dentro da edificação ar naturalmente resfriado no verão e aquecido no inverno, através de poços geométricos de ventilação com caldeiras (imagem 28).

Imagem 28 – Sistema de proteção solar, ventilação e aquecimento (sem escala)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Outro fator que garante a sustentabilidade da edificação é privilegiar a utilização de materiais locais, como a madeira, e propor uma trama estrutura modulada com a finalidade de facilitar o processo de execução por utilizar grande parte dos elementos pré-fabricados, evitando-se desperdício. Também foram sugeridos painéis foto térmicos a serem instalados na cobertura para o aquecimento gratuito da água e do ar nos dias frios.

1.2.5 Soluções Espaciais e Plásticas

Conforme explica o arquiteto Arthur Casas (2012), um equipamento público voltado à educação possui uma série de demandas contraditórias: ao mesmo tempo em que aparecem como espaços de potencial convivência, com luz abundante e contato direto com o exterior, seus ambientes internos requerem salas com acústica e iluminação bem controladas e protegidas das variações exteriores.

O partido arquitetônico do novo bloco do Campus Cabral da UFPR surgiu a partir da ideia de um volume denso e monolítico, em decorrência de uma longa reflexão sobre o programa de necessidades e legislação municipal. Entretanto, buscou, pela lógica arquitetônica, relacionar o edifício com os vazios e espaços intersticiais do terreno. Assim, partindo-se de um bloco prismático inteiriço, pretendeu-se mostrar que esta forma densa não implica monotonia, e monolito não significa indiferença às pessoas e à paisagem. Para tanto, utilizou-se o conceito de forma subtrativa postulado por Francis Ching em seu livro “Arquitetura: forma, espaço e ordem”, foram criados jardins e áreas de convivência internas diferenciadas no longo dos pavimentos, que acabaram por refletir na configuração de suas fachadas (imagem 29), o que torna o volume maciço inicial mais leve e dinâmico. Outro elemento de importante composição nas fachadas são os painéis pivotantes em madeira, que também destacam e potencializam o efeito dinâmico das mesmas (imagem 30).

Imagem 29 – Perspectiva da fachada com ênfase no jogo de cheios e vazios



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Imagem 30 – Perspectiva da fachada com detalha para a proteção solar de painéis pivotantes



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Os pátios internos criados pela subtração proporciona identidade a cada pavimento com grande riqueza espacial, além de tornar o ambiente interno mais iluminado e ventilado. Outro aspecto relevante diz respeito ao integração da paisagem com a parte interna da edificação, criada tanto pela formação dos espaços vazios, quanto pela escola dos elementos de vedação das fachadas (os painéis pivotantes e panos de vidro), trazendo, assim, a paisagem para dentro do edifício. Ademais, foram inseridas vegetações nos jardins internos que valorizam a visão e paisagem dentro do próprio ambiente, como pode ser visto na imagem 31.

Imagem 31 – Perspectiva de corte esquemático



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

1.3 Centro Cultural São Paulo

Imagem 32 – Vista aérea do Centro Cultural São Paulo (São Paulo – SP)



Fonte: http://www.centrocultural.sp.gov.br/imas/o_que_e_CCSP1.jpg

De acordo com o site do Centro Cultural São Paulo⁶, a história da instituição começou na década de 1970 quando foi cedido à prefeitura um terreno de 300.000 m² em detrimento da desocupação da área para a construção do metrô. Após várias especulações para o terreno, no ano de 1973, durante a administração de Miguel Colassuono, surgiu o Projeto Vergueiro, cujo objetivo era urbanizar o local com a construção de um complexo de escritórios, hotéis, um shopping center e uma grande biblioteca pública. Contudo, na administração de Olavo Setúbal, o projeto foi cancelado, optando-se, apenas, pela construção da biblioteca pública. Para isso formou-se uma comissão com diversos profissionais, coordenados pelos arquitetos Eurico Prado Lopes e Luiz Benedito Castro Telles, a fim de “uma biblioteca moderna em que o leitor tivesse livre acesso ao material, de forma que o objetivo não seria mais guardar a informação e sim escancará-la para o público.”

Na gestão posterior, do prefeito Reynaldo de Barros, o projeto da biblioteca pública foi reformulado e adaptado para tornar-se um centro cultural multidisciplinar, sob influência das instituições semelhantes que surgiam no mundo, sobretudo o Centro Cultural Georges Pompidou (Paris, França). Por decisões políticas e logísticas, devido a extensa área, o projeto passou a contar com cinema, teatro, espaço para recitais e concertos, ateliês e áreas de

⁶ <http://www.centrocultural.sp.gov.br/>

exposições. As obras tiveram início no ano de 1978, havendo sido inaugurado no dia 13 de maio de 1982

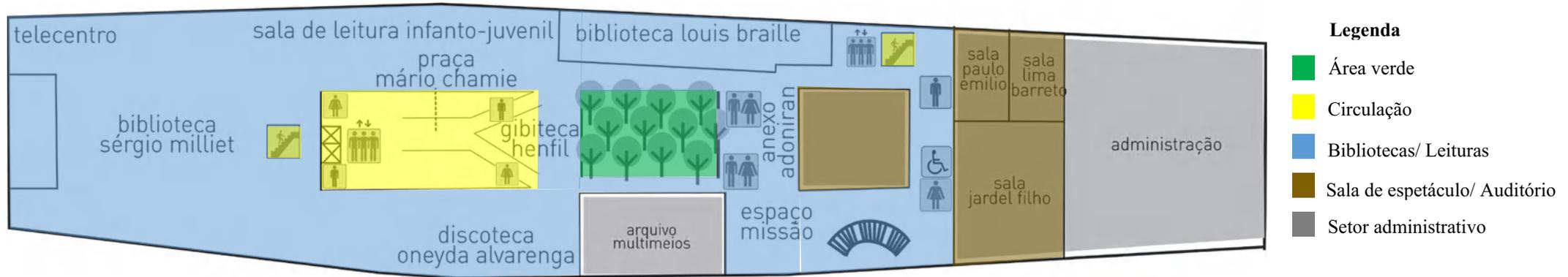
1.3.1 Zoneamento, Dimensionamento e Fluxos

Em virtude da dificuldade de encontrar material suficiente para uma análise da obra mais detalhada, embora a mesma seja um marco na forma de se produzir cultura no país, os tópicos de zoneamento, dimensionamento e fluxos foram agrupados visando uma explanação mais concisa e elucidativa sobre os tópicos em questão.

Conforme as informações do livro “Edificações de Aço no Brasil” de Luís Andrade de Mattos Dias (2002), o Centro Cultural São Paulo é composto por quatro pavimentos: o primeiro piso apresenta uma área de 14.094m², sendo espaço restrito aos funcionários do centro, além de abrigar salas de ensaio, camarins, vestiários e setores de apoio; o segundo pavimento (imagem 33), denominado Piso das Bibliotecas, com área de 15.028 m², possui foyers dos teatros, cinemas e auditórios, lanchonete, jardim central e praça à céu aberto, bibliotecas, atelier de artes plásticas, salas para desenho, cerâmica, xilogravuras, pintura, modelagem e serigrafia, e quatro grandes áreas de exposição e setor administrativo; o terceiro piso (imagem 34), Piso Flávio Carvalho, possui biblioteca, discoteca, jardim e foyers dos teatros e auditórios; o quarto e último pavimento (imagem 35), Piso Caio Graco, com área total de 2.609m², abriga a pinacoteca municipal, sala de debates, área de espetáculo e jardins suspenso (coberta).

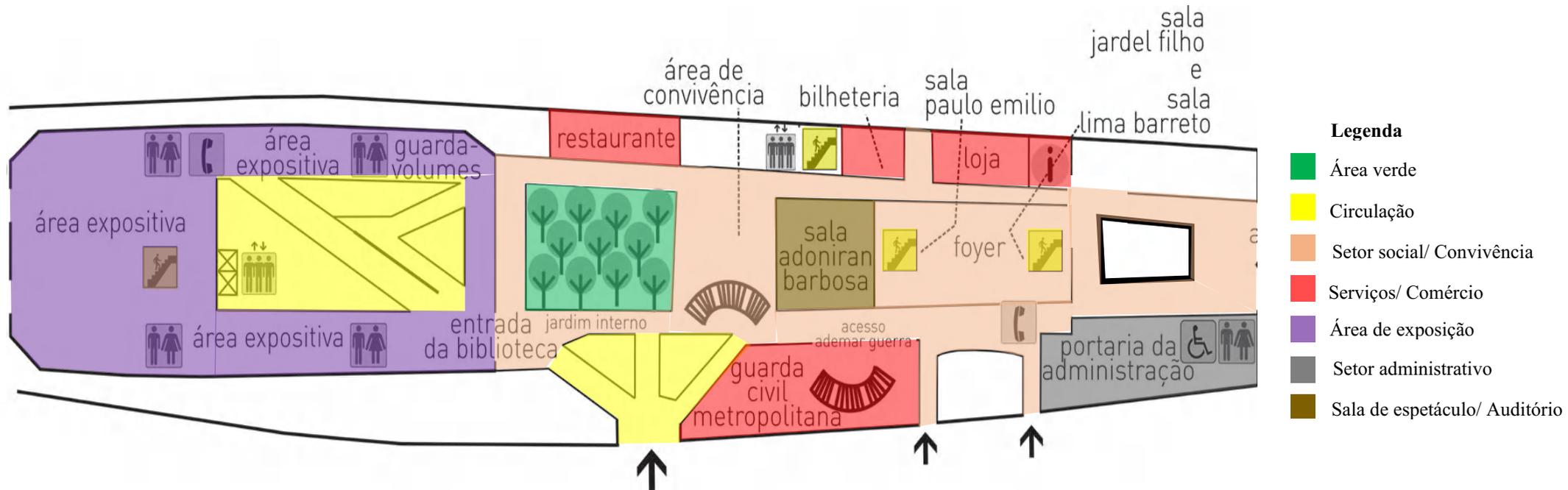
O acesso principal dar-se pelo terceiro piso (imagem 34) através da Avenida Vergueiro. As circulações verticais são dados principalmente por rampas que formam desenhos com suas sobreposições, escadas e elevadores. Ainda de acordo com o livro supracitado, duas rampas se cruzam no vazio central, interligando o segundo, terceiro e quarto piso; sob este par de rampas, uma rampa em forma de “Y” sai do terceiro piso e chega no segundo e através desse, ao primeiro piso por uma rampa de mesmo formato (observar imagens 33, 34 e 35). Assim, como pode-se perceber os principais pontos de distribuição de fluxo são as rampas centralizadas sob o espaço vazado, tenho, contudo, ao longo dos pavimentos outros pontos de distribuição com a finalidade de facilitar o acesso (escadas e elevadores), dar acesso a áreas com maior restrição e/ou proporcionar novos pontos de vistas e sensoriais através da utilização dos diferentes tipos de circulação.

Imagem 33 – Zoneamento do segundo pavimento (Piso das Bibliotecas) do Centro Cultural São Paulo (sem escala)



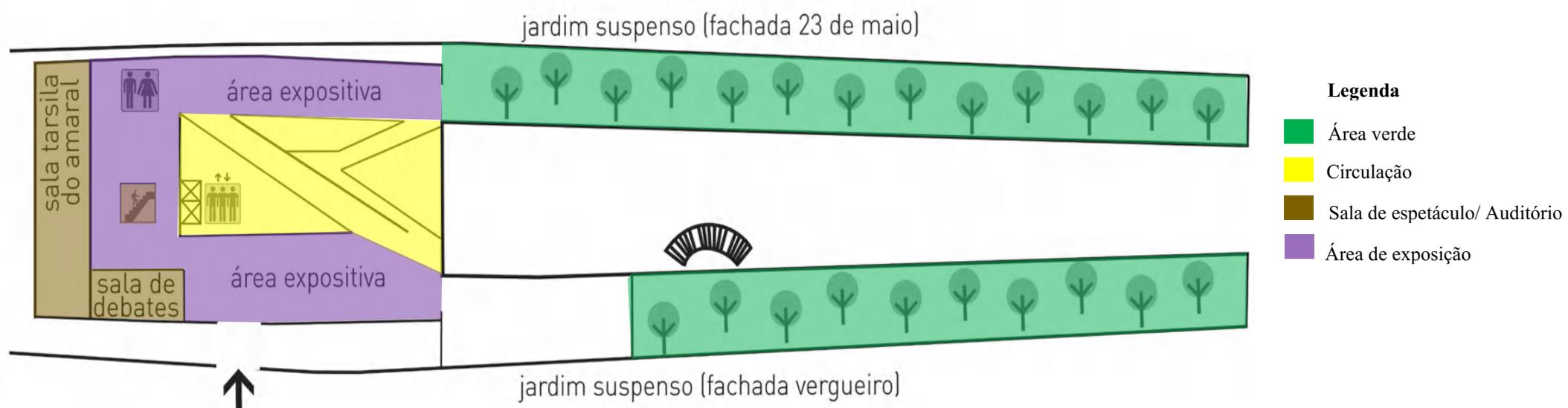
Fonte: <http://www.ccsplab.org/maisccsp/circulando-pelo-ccsp-2013/> (Editado pela autora)

Imagem 34 – Zoneamento do terceiro pavimento (Piso Flávio Carvalho) do Centro Cultural São Paulo (sem escala)



Fonte: <http://www.ccsplab.org/maisccsp/circulando-pelo-ccsp-2013/> (Editado pela autora)

Imagem 35 – Zoneamento do quarto pavimento (Piso Caio Graco) do Centro Cultural São Paulo (sem escala)



Fonte: <http://www.ccsplab.org/maisccsp/circulando-pelo-ccsp-2013/> (Editado pela autora)

1.3.2 Soluções Técnico-construtivas

O Centro Cultural São Paulo, pode ser compreendido como uma estrutura de cobertura retangular que abriga todos os espaços e usos da instituição. Para tal, foram utilizados pilares em aço e vigas em concreto armado, por estes adaptarem-se melhor as propostas de curvas estruturais do projeto (imagem 36). Cada pilar é composto por oito placas metálicas dispostas de forma radial, enquanto as vigas de concreto com material metálico em sua face interior alcançam vãos de até 37,5m (SERAPIAO, 2013). Entretanto, embora compostos por materiais distintos, não percebe-se uma nítida/ bruca distinção entre as vigas e os pilares, eles tornam-se uma estrutura única, graças ao seu desenho curvo de linha contínua.

Imagem 36 – Vista dos pilares em aço com vigas curvas em concreto armado

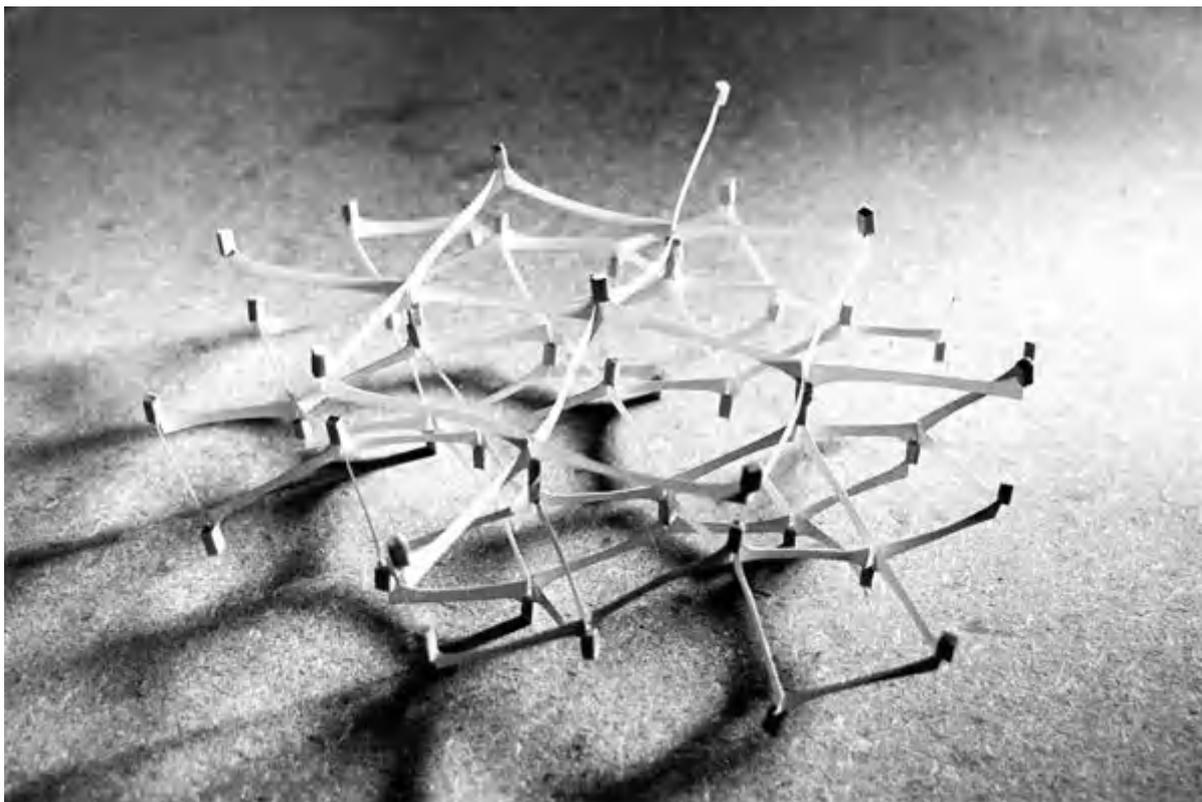


Fonte: <http://www.esponjacultural.com.br/?p=2855>

A composição estrutural do aço com o concreto armado é capaz de sustentar o peso das rampas de circulação interna da instituição (cujos esforços estão foram divididos entre três tirantes e pilares), e ao intercala-se com os materiais translúcidos da cobertura, que permitem a entrada de iluminação zenital, proporciona mais leveza ao conjunto rígido da estrutura. Vale

salientar que não é observada uma distribuição simétrica clássica dos pilares ou padronização dos vãos, tornando cada espaço diferente (SERAPIAO, 2013). Isto é, os pilares de aço que sustentam as rampas não são padronizados, retilíneos e uniformes, são distorcidos e muitas vezes subdivididos conforme a necessidade estrutural (imagem 37).

Imagem 37 – Maquete da estrutura do sistema viga-pilar



Fonte: http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0717-69962013000100012&script=sci_arttext

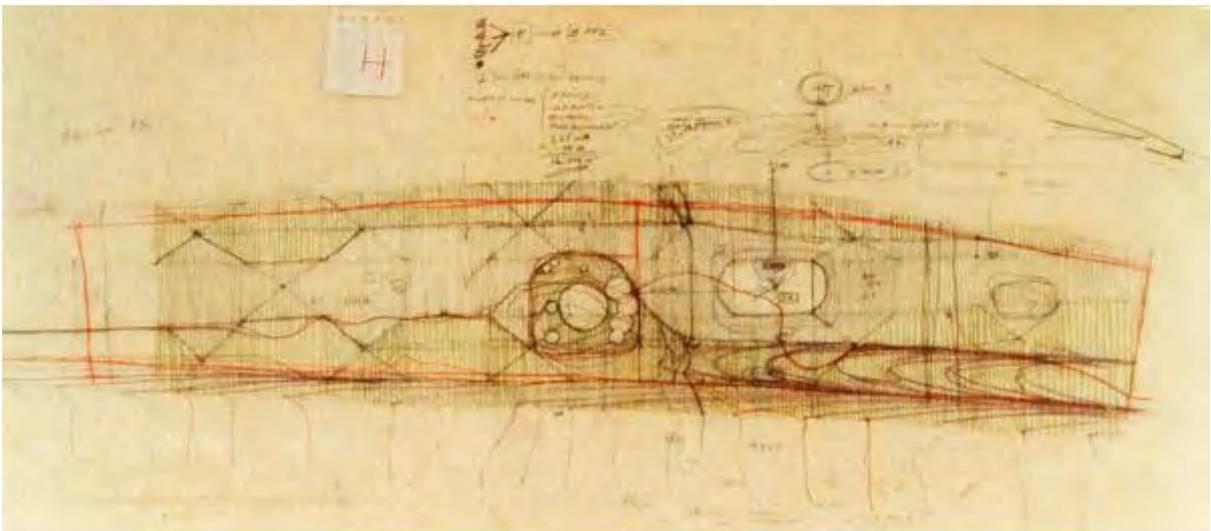
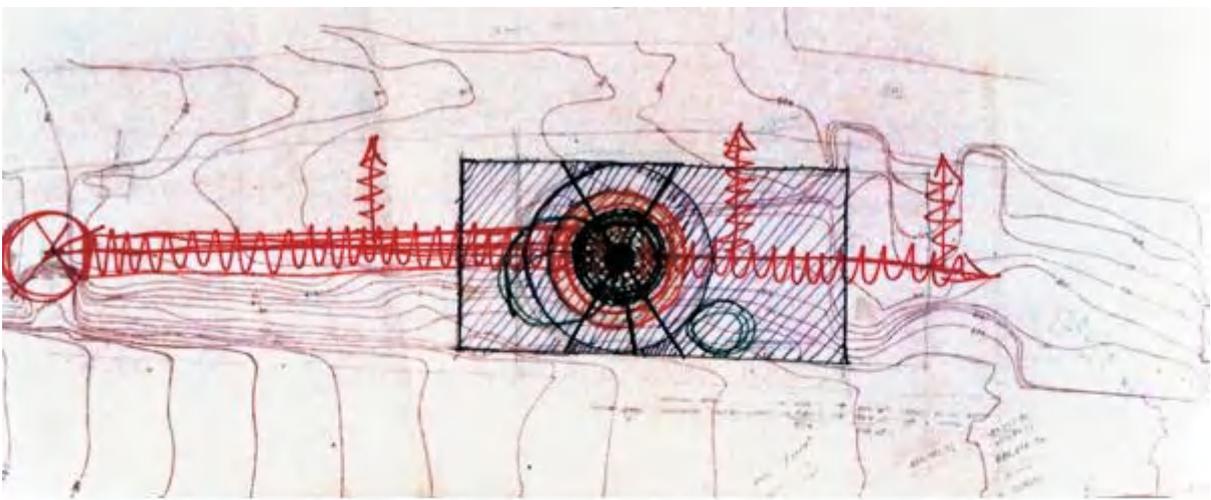
1.3.3 Soluções Espaciais e Plásticas

O projeto em questão apresenta complexidades diversas, a começar pela própria localização do terreno em um trecho de encosta do antigo vale do Itororó, com uma geometria alongada e estreita, delimitado por vias de alto tráfego e em um ponto nodal ente regiões com identidades consolidadas como o Paraíso, Bela Vista, Aclimação e Liberdade, porém sem pertencer a nenhuma das regiões (NACIMENTO e TEIXEIRA, 2014).

Assim, diante de tais dificuldades e condicionantes, os autores do projeto optaram por preservar a topografia, com desnível de 10m entre suas bordas (SERAPIAO, 2013), tomando

partido dessa circunstância. Outro aspecto determinante para a escolha do partido arquitetônico foram as ideias de preservação do desenho urbano pré-existente e a criação de via internas de acesso que transfixam toda a edificação e conectam seus lados opostos (SERAPIAO, 2013), convidando os transeuntes a entrarem no edifício e se apropriarem do mesmo, o que acabou levando ao conceito de criar-se um centro cultural sem muros e sem portas, que pudessem dar prioridade à fluidez, ao espaço de convivência e a integração com a paisagem (enquanto elemento pertencente e não excludente da mesma), conforme observa-se na imagem abaixo.

Imagem 38 – Croquis com estudos das ruas internas



Fonte: http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0717-69962013000100012&script=sci_arttext

Partindo-se dessas premissas, chegou-se a uma volumetria pura e simplificada, que não contrastasse com a paisagem e estivesse em um escala humana (no que concerne ao seu gabarito), uma vez que a mesma estende-se por uma ampla faixa longitudinal, culminando em

uma forma estreita com notória horizontalidade (imagem 39). Outro aspecto que influenciou no desenho arquitetônico foi a decisão de preservar um conjunto de árvores existentes no terreno, no sentido de dar continuidade à paisagem natural (imagem 39).

Imagem 39 – Vista aérea do Centro Cultural São Paulo, destacando-se sua horizontalidade e implantação no terreno



Fonte: <https://kikipedia.wordpress.com/tag/centro-cultural-sao-paulo/>

No que concerne ao seu espaço interno, o mesmo é bastante amplo e de configuração complexa, que através de suas curvas pode ser estabelecida uma relação entre o edifício e as formas orgânicas da natureza e do corpo humano, com algumas perspectivas semelhantes à estrutura óssea, sobretudo das costelas (SERAPIAO, 2013). Seus grandes átrios entre os quatro pavimentos e sobre as rampas que os atravessam e os conectam, se comportam como um pátio interno coberto, por onde são voltados os usos dos pavimentos, assim, essa grande cobertura permite uma múltipla compreensão do espaço, cujas visadas internas se resultam na

sobreposição de acontecimentos e usos (imagem 40). A fluidez, os múltiplos acessos, a ideia do edifício sem portas e a utilização de materiais translúcidos trazem a paisagem para dentro da edificação e torna a edificação uma extensão do próprio espaço urbano. Ainda é possível observar grandes mirantes verdes em suas extremidades com funções de espaço de convivência ao ar livre e elemento integrador entre o homem, a edificação e a cidade (imagem 41).

Imagem 40 – Vista interna do Centro Cultural São Paulo



Fonte: http://www.centrocultural.sp.gov.br/CCSP_O_que_e_o_Centro_Cultural_Sao_Paulo.html

Imagem 41 – Utilização dos mirantes pela população



Fonte: <http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/o-que-visitar/atrativos/pontos-turisticos/3983-centro-cultural-sao-paulo>

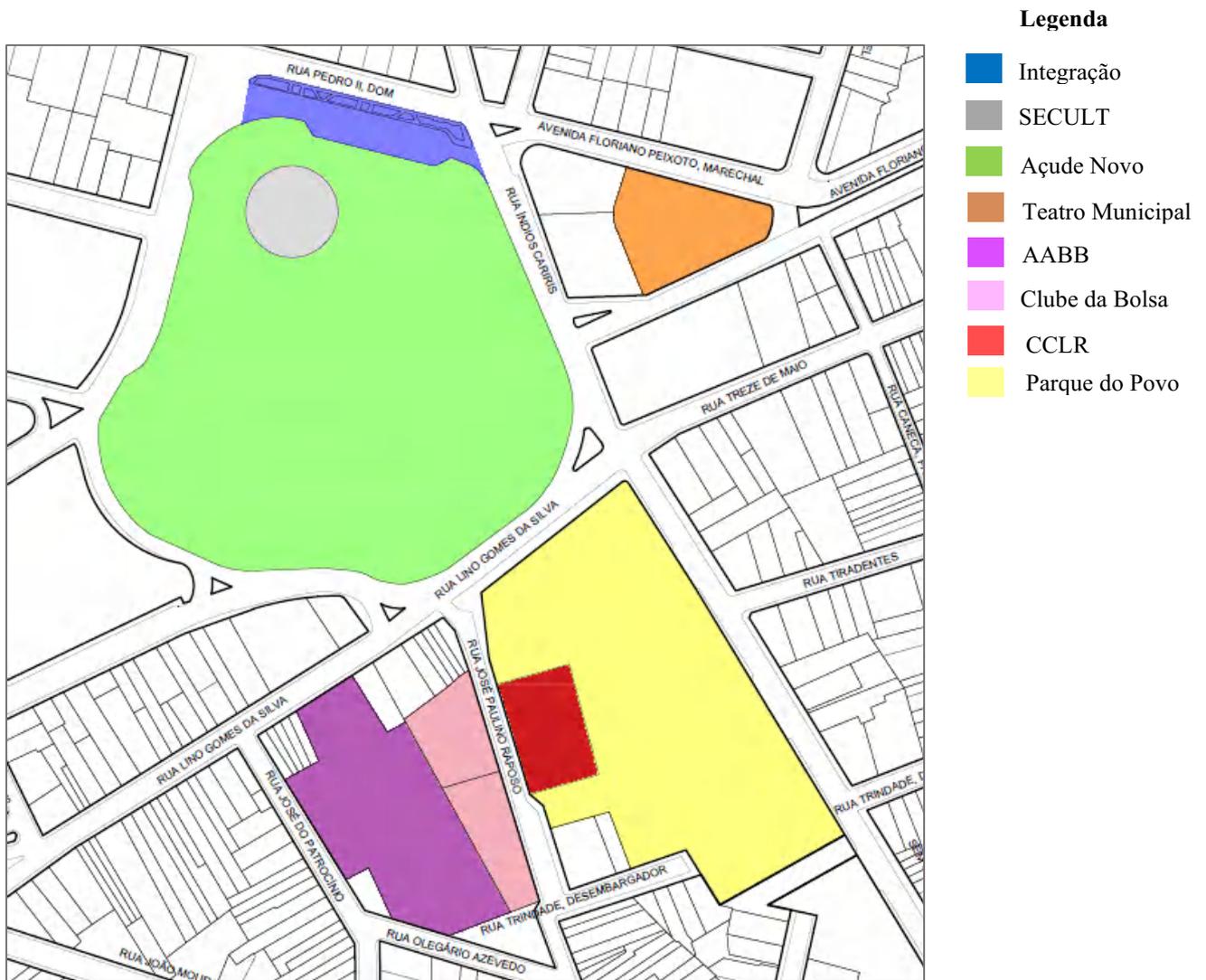
CAPÍTULO 2: LEVANTAMENTOS E DIAGNÓSTICOS

Nesse capítulo serão apresentados os diagnósticos do Centro Cultural Lourdes Ramalho e da área do entorno, assim como o levantamento arquitetônico do edifício estudado: uso e ocupação do solo, estudos de vias de acesso, insolação e ventilação do sítio, e implantação.

2.1 Análise do Entorno

O entorno mediato do Centro Cultural é permeado por alguns espaços destinados ao lazer, arte e entretenimento. São eles: Parque do Povo, Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), Teatro Municipal Severino Cabral, antigo museu de Artes Assis Chateaubriand (atual Secretaria de Cultura - SECULT), Clube da AABB e Clube da Bolsa. Outro equipamento de grande relevância para cidade próximo ao CCLR é o Terminal de Integração, o qual pode ser considerado o principal ponto transporte público da cidade, uma vez que quase todas as linhas de ônibus chegam no terminal e deslocam-se para os demais bairros da cidade. A principal via de acesso ao CCRL é a rua Lino Gomes da Silva, no entanto, o mesmo encontra-se próximo a importantes vias da cidade, como a Avenida Dom Pedro II, Avenida Marechal Floriano Peixoto, Rua 13 de Maio e a rua Sebastião Donato (vide imagem 42).

Imagem 42 – Análise do entorno quanto aos principais equipamentos e vias de acesso



Fonte: SEPLAN - CG (Editado pela autora)

Entretanto, o equipamento mais interligado ao Centro Cultural corresponde ao Parque do Povo, em virtude da proximidade entre ambos, estando o CCLR localizado na parte mais alta do referido espaço. O Parque do Povo é um dos principais espaços públicos de entretenimento de Campina Grande, haja vista, o mesmo esse que abriga diversos eventos durante o ano (a exemplo de shows, encontros religiosos e a festa de maior relevância da cidade: o São João), além de acolher atividades cotidianas diversificadas, como: skates, bicicletas, futebol, caminhada, danças folclóricas, etc (vide imagens 43 a 45). Nesse sentido, há de se elaborar uma melhor integração entre ambos os equipamentos em detrimento de suas similaridades no que concerne às atividades e referencial de cultura, arte e lazer.

Imagem 43 – Festejos juninos realizados no Parque do Povo



Fonte: <http://www.portals1.com.br/comeca-nesta-sexta-feira-o-sao-joao-2015-de-campina-grande/>

Imagem 44 – Relação entre o edificação do CCLR e o Parque do Povo durante São João



Fonte: Acervo pessoal, 2015

Imagem 45 – Prática esportiva na pirâmide do Parque do Povo



Fonte: <https://paraibainline.wordpress.com/>

Outro aspecto analisado incide sobre o "estudo de impacto de vizinhança" que, de acordo com o Estatuto da Cidade, Lei Federal nº 10.257/2001, é um dos instrumentos capaz de a interferência na utilização ou ocupação de um determinado lote urbano, o qual tente a produzir impactos sobre seus entornos mediatos e imediatos, podendo influenciar diretamente na vida e na dinâmica urbana de outros. Assim, quanto maior a demanda e mais complexo o empreendimento a ser instaurado, maiores impactos trará a sua vizinhança, sendo necessária a previsão de ações que busquem minimizar as adversidades.

O Estatuto da Cidade ressalta, ainda, a importância desse tipo de análise no que concerne aos sistemas de infra-estrutura, em primazia os sistemas de circulação (viário e transporte coletivo), com a finalidade de prever os distintos fluxos (novos e já existentes) na localidade acarretados pela implantação do equipamento.

No que concerne ao Centro Cultural Lourdes Ramalho, conforme anteriormente mencionado, a instituição além de encontra-se inserida da malha central da cidade com grande fluxo de circulação, situa-se em uma localidade que tente ao acúmulo de pessoas, tanto pela sua própria função, quanto pelos equipamentos de cultura e lazer em seu entorno mediato. Nesse sentido, e baseado nos princípios do Estatuto da Cidade, fez necessária uma análise mais apurada sobre os tipos de uso e ocupação dos lotes que a permeiam (vide imagem 46).

A imagem 46 mostra o mapa de uso e ocupação do solo do entorno do CCLR em um raio de 500 metro, tendo como ponto central a própria instituição. Foram distinguindo 09 tipos de uso: residencial, comercial, uso misto, institucional, serviços, terminal de transporte público, industrial, lotes vazios ou sem uso e espaço público livre. Ressalva-se, em relação ao último tipo de uso, que, embora o mesmo não costume associar-se ao mapa em questão, foi pertinente destacá-lo em detrimento do equipamento cultural estar inserido e próximo a espaços públicos livres de grande importância para o contexto e entendimento da cidade.

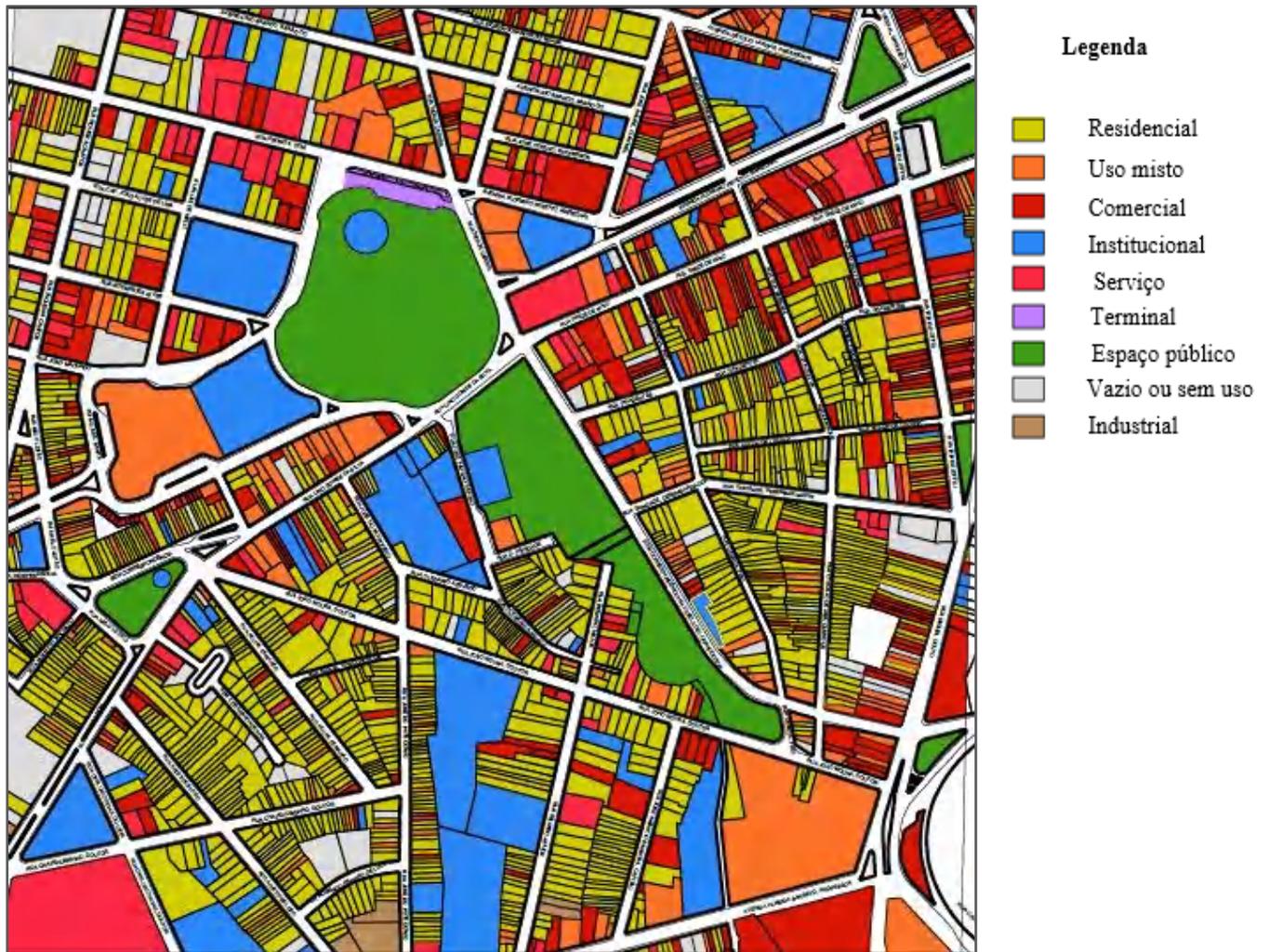
Tratando-se do uso e ocupação propriamente ditos, percebe-se que, apesar de localizado em uma área central, seu entorno é majoritariamente de uso residencial, considerando-se que a maior parte dos lotes de uso misto correspondem a comércio e residência. Também é possível observar o contingente de instituições presentes no entorno, com destaque para o Colégio Imaculada Conceição, a nordeste, a Associação Atlética Banco do Brasil e Casa da Criança Dr. João Moura, a sul, e do Museu Vivo da Ciência e Tecnologia Lynaldo Cavalcanti e Mosteiro de Santa Clara (Convento das Clarissas), a oeste. Outra característica marcante consiste na quantidade elevada de lotes vazios ou sem uso na área central da cidade, contrapondo-se ao enturgecimento comum a tais localidades das cidades, merecendo, assim, um olhar mais atento por parte dos governantes para melhor aproveitar esses lotes, como, por exemplo, apropriação para construção de moradias de interesse social não localizadas às margens do município.

A imagem 47 representa o mapa de gabarito das edificações que circundam a instituição cultural em questão. O mesmo, além de informar quanto a aspectos referentes à altura das construções, também fornece ao observador noções sobre sensações de aprisionamento e liberdade, a exemplo: em ruas mais estreitas com edificações altas os transeuntes tendem a se sentirem confinados além de ressaltarem o sentimento de pequenez do homem mediante os edifícios; do contrário, vias com edificações majoritariamente térreas ou de baixo gabarito propendem-se a uma sensação de espaço livre, “aberto” e mais acessível à escala humana.

Na região analisadas, os gabaritos foram classificados em quatro categorias de acordo com o número de pavimentos: 1 pavimento, 2 pavimentos, 3 pavimentos e acima de 3 pavimentos (limite considerado pelo restrito número de edificações acima desse nível). Nesse contexto, percebe-se que a paisagem urbana do entorno da CCLR é relativamente uniforme (1 pavimento), com poucas variações de gabarito. Os gabaritos mais elevados consistem em edifícios de construção mais recentes de uso misto ou institucional. Logo, prevê-se que uma proposta com elevado número de pavimentos do centro cultural causaria um maior impacto à

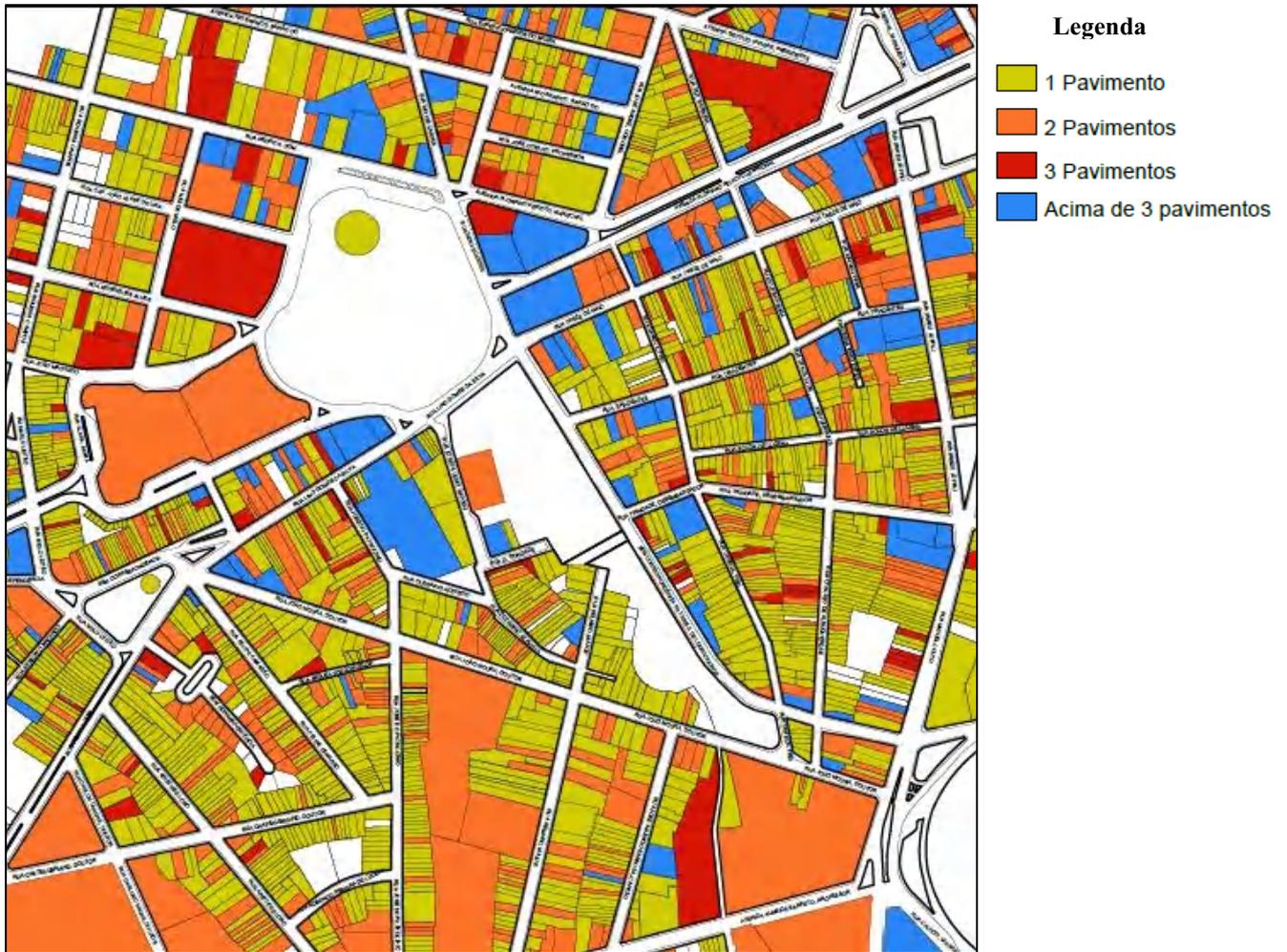
paisagem, sobretudo ao analisar-se a via que o mesmo se localiza: estreita, com prevalência de construções térreas.

Imagem 46 – Mapa de uso e ocupação do solo do entorno do CCLR



Fonte: SEPLAN - CG (Editado pela autora)

Imagem 47 – Mapa de gabarito do entorno do CCLR



Fonte: SEPLAN - CG (Editado pela autora)

2.2 Análise do Sítio

De acordo com Isaier Sousa Júnior (2006), Campina Grande situa-se a 512 m de altitude, na porção mais alta do Planalto da Borborema paraibano, com clima seco subsumido, ou do tipo Aw'i, segundo a classificação climática de Koopen, com período chuvoso situado entre os meses de março a julho e nível pluvial de 800 mm (1974-2004), ratificando a sua inclusão na Região do Semiárido Paraibano, o qual, segundo o Ministério da Integração Nacional (2005), a qual possui, atualmente, 170 municípios, os quais apresentam como característica comum a escassez de água em detrimento da irregularidade e má distribuição das precipitações pluviométricas durante a estação chuvosa, além da intensa evaporação durante o período de estiagem e o elevado escoamento superficial da mesma (D'ALVA & FARIAS, 2008). Quanto à vegetação, o Relatório do Diagnóstico do Município de Campina Grande (2005), elaborado pelo Ministério de Minas e Energia e o Serviço Geológico do Brasil (CPRM) para o Programa de Desenvolvimento Energético dos Estados e Municípios, Campina Grande é formada por por *Florestas Subcaducifólica e Caducifólica*, próprias das áreas agrestes. De forma mais abrangente, Albuquerque (2012) especifica que:

“Campina Grande encontra-se próxima das fronteiras de várias microrregiões de climas e vegetações distintas. Ao nordeste do município, a vegetação é mais verde e arborizada, como no Brejo Paraibano. Ao sudeste, encontra-se uma paisagem típica do agreste, com árvores e pastagens. A caatinga, vegetação rasteira, é a predominante no oeste e sul do município, típicos do clima e vegetação do Cariri.”

Na tabela abaixo, são apresentados os dados relativos às Normais Climatológicas para o município em questão, coletados e tabulados pelo Instituto Nacional de Meteorologia (INMET)⁷. O respectivo órgão, em conjuntura com a Organização Meteorologia Mundial (OMM) define normais enquanto “valores médios calculados para um período relativamente longo e uniforme, compreendendo no mínimo três décadas consecutivas”. Assim, os dados abaixo apresentados por mês e em média anual (tabela 4) consistem no resultado de um projeto concluído no final de 2009, que reviu e ampliou significativamente as Normais Climatológicas 1961-1990 computadas pelo INMET em 1992.

⁷ <http://www.inmet.gov.br/>

Tabela 4 - Normais climatológicas por mês no município de Campina Grande - PB

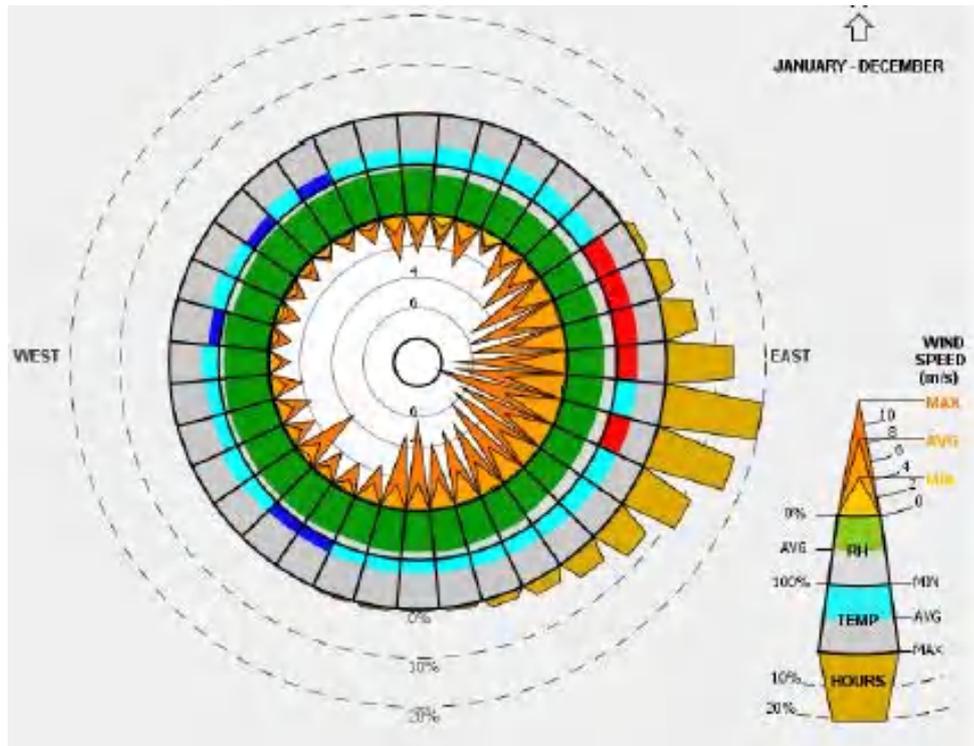
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
Temperatura média (°C)	23,5	23,7	23,5	23,2	22,3	21,3	20,5	20,6	21,3	22,4	23,1	23,4	22,4
Precipitação (mm)	55,3	47,7	91,8	141,8	104,7	112,7	154,0	58,8	48,7	17,4	13,2	29,3	875,4
Evaporação total (mm)	150,3	123,4	111,5	89,4	73,2	63,1	74,7	99,6	129,6	145,8	162,7	164,7	1388,0
Umidade relativa (%)	79,0	78,0	86,0	86,0	88,0	91,0	90,0	86,0	84,0	79,0	72,0	79,0	83,2
Insolação (horas)	238,9	203,0	203,0	173,6	175,4	151,1	148,0	197,5	206,6	246,8	243,5	232,3	2419,7

Fonte: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=clima/normaisClimatologicas>

É sabido que os itens enumerados na tabela 4 estão diretamente relacionado às questões de conforto ambiental e, conseqüentemente, à escolha das soluções projetuais a serem adotadas no partido arquitetônico. Os dados apontam que o meses de Janeiro, Fevereiro e Março apresentaram as maiores temperaturas médias ao longo dos anos de estudo, enquanto os meses de Outubro, Novembro e Dezembro apresentam os maiores índices de evaporação em detrimentos dos baixos índices de precipitação pluviométrica, baixa umidade relativa do ar e grande número de horas de insolação. Tal período corresponde ao final do inverno (embora essa estação não seja bem definida nessa região) e início dos meses mais quentes do ano.

Os dados abaixo (imagem 48) foram produzidos e analisados por Natália Queriroz durante a oficina de projeto participativo “Qual é a sua ideia para a Feira Central de Campina Grande”, no ano de 2013. Dentre as informações referentes ao conforto ambiental, pode-se observar que o regime anual de ventos de Campina Grande é composto por ventos significantes nos quadrantes que vão de nordeste a sul, com predominância de ventos sudeste e leste (em laranja). Os ventos mais rápidos são os de leste, sudeste e sul, atingindo, frequentemente, velocidades em torno de 10m/s em situações livres de anteparos ambientais. Entretanto, o perfil do vento muda ao longo do ano, tornando-se mais inclinado a sul em um período e mais inclinado a leste em outro, porém as maiores frequências permanecem no quadrante sudeste.

Imagem 48 – Rosa dos Ventos anual para o município de Campina Grande – PB

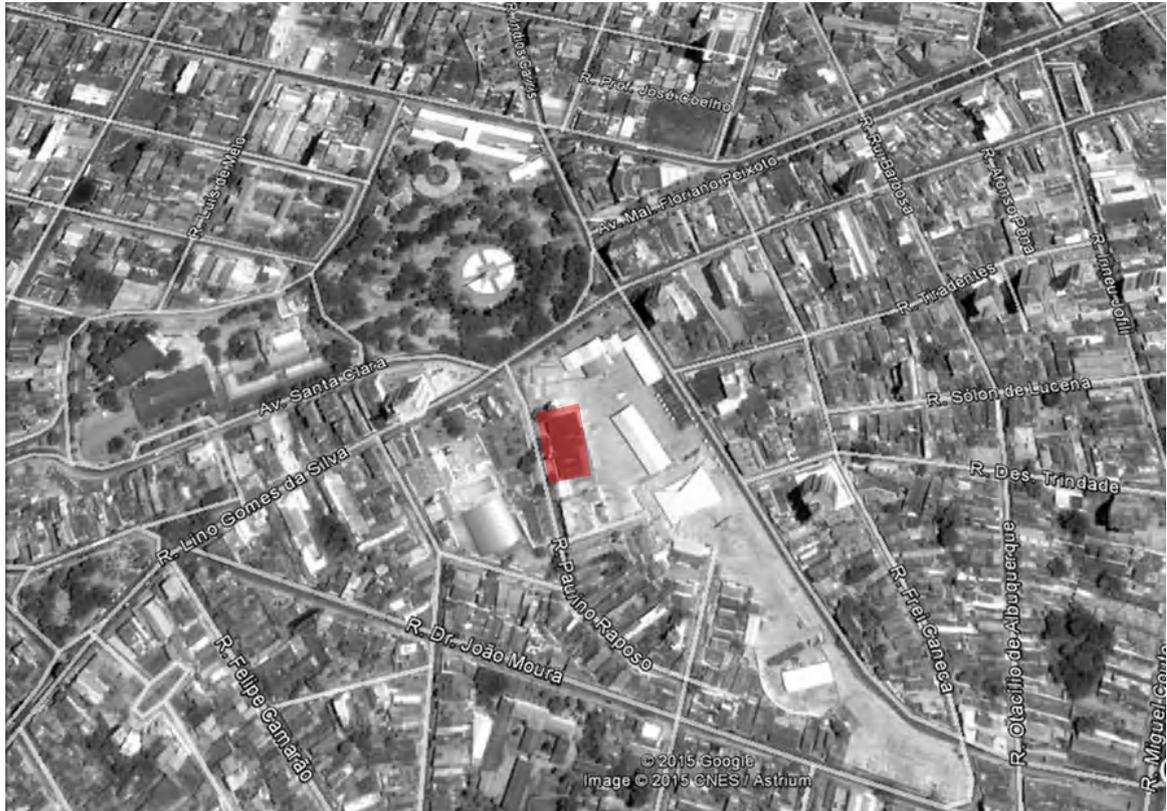


Fonte: Relatório de atividades “Qual é a sua ideia para a Feira Central de Campina Grande”.

Nesse sentido, Christhina Cândido (2006) relata que o partido arquitetônico adotado nas edificações das regiões quentes e úmidas devem favorecer o aproveitamento dos ventos regionais e minimizar os gastos com energia e climatização. Já, de acordo com Ferreira e Moruzzi (2009), no clima tropical, o vento tem papel preponderante no conforto ambiental, pois, além de dispersar os poluentes nas áreas urbanas, contribui para as trocas térmicas entre o corpo humano e o ambiente, sendo a ventilação cruzada natural uma das estratégias bioclimáticas eficientes para controle térmico e humano.

No que concerne ao Centro Cultural Lourdes Ramalho (CCLR), o mesmo encontra-se inserido na malha central de Campina Grande, área esta que, segundo pesquisas climatológicas como a de Isaier Sousa (2006) tendem a ser mais quente com formação de ilhas de calor em decorrência do crescimento da cidade, geralmente, ao seu redor. Embora o CCLR situe-se próximo a uma área verde de significância (Parque Evaldo Cruz) e a um espaço público livre amplo (imagem 49), este último corresponde a uma vasta área de impermeabilização propensa a uma maior absorção de calor; demais, merece ressalva o grande fluxo de veículos circundantes no entorno da instituição com trânsito caótico nos horários de maior concentração, que acaba por gerar um ambiente com poluição sonora e atmosférica.

Imagem 49 – Imagem aérea do entorno imediato do CCLR (edificação em destaque)



Fonte: Google Earth, 2015 (Editado pela autora).

Entretanto, apesar dos aspectos negativos supracitados, enquanto potencialidades pode-se destacar o fato do CCLR estar circundado por edificações de baixo e médio gabarito que interferir em menor grau na sua ventilação, e implantar-se quase paralelamente ao sentido norte-sul, conforme esquematizado na imagem 50, estando, assim, as maiores fachadas orientadas quase totalmente no sentido do quadrante dos ventos predominantes. Tal circunstância, conforme descreve Laert Neves (1998), permite que a ventilação atravesse o edifício de um lado a outro, com maior facilidade, circulando pelos ambientes, permitindo, portanto, a entrada do ar fresco e saída do ar aquecido.

Imagem 50 – Esquematização quanto à ventilação e insolação



Fonte: SEPLAN – CG (Editado pela autora)

2.3 Levantamento e Análise da Edificação

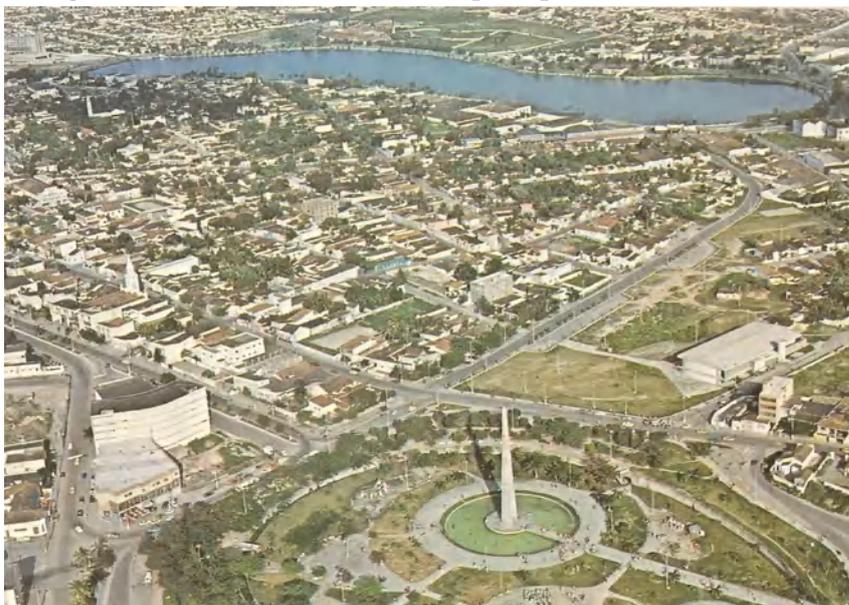
O Centro Cultural Lourdes Ramalho foi inaugurado no ano de 1982 (imagem 51) durante a gestão do prefeito Enivaldo Ribeiro. A edificação foi construída às margens de um amplo terreno com vasta cobertura vegetal e, de acordo com o blog Retalhos Históricos de Campina Grande, áreas de recreação como campos de futebol, vôlei e uma superfície cimentada com o chamado “palhoção” destinado a comemorações juninas (imagem 52). Este espaço, posteriormente, originou o então Parque do Povo, inaugurado em Maio de 1986.

Imagem 51 – Foto histórica da fachada principal do CCLR, ano 1982



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande

Imagem 52 – Foto histórica da fachada principal do CCLR, ano 1982

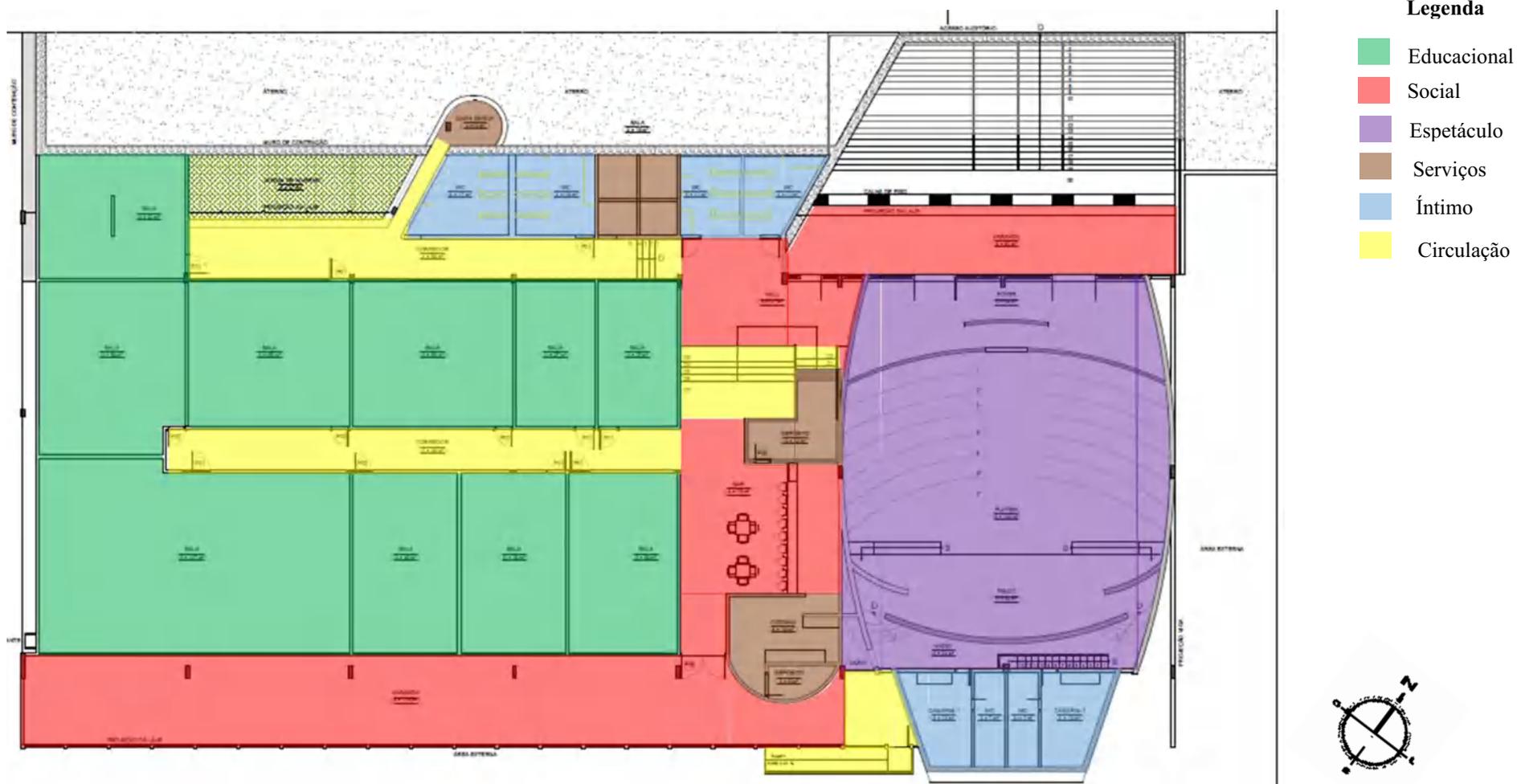


Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande

Segundo informações não-oficiais coletada com a arquiteta da Prefeitura Municipal de Campina Grande, Morgana Targino, o projeto do centro cultural teria sido elaborado pelo arquiteto Renato Azevedo e sua equipe, vinculado ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (COMDECA), financiado por meio do “Projeto CURA” (Comunidade Urbana Recuperada Acelerado), o qual foi implementado pelo Banco Nacional da Habitação (BNH). Ao longo dos anos a instituição sofreu inúmeras modificações em sua infraestrutura objetivando atender sempre a uma maior demanda do público para os cursos por ela ofertados, exposições e espetáculos artísticos ali desenvolvidos.

De acordo com o relatório de atividades de 2013 (anexo 2), emitido pela administração do CCLR em abril de 2014, atualmente a edificação abriga uma estrutura composta por, na sua parte inferior (imagem 53), 10 salas de aula para atender a demandas específicas de cada modalidade; 04 banheiros no total, destes, dois estão em funcionamento e os outros dois estão interditados; 02 depósito; 01 hall; Teatro Rosil Cavalcanti; e, em seu pavimento superior (imagem 54), 01 hall de entrada; 01 recepção; 01 secretaria; 01 sala de direção; 01 cozinha pequena, que está inutilizada devido a péssimas condições e por oferecer riscos à saúde dos funcionários, pela estrutura e pelas pestes e insetos que se encontram na mesma; 02 salas espelhadas, específicas para dança; 03 almoxarifados, um para guardar documentos históricos do Centro e os demais para acomodar instrumentos e figurinos; 03 salas de aula, sendo uma delas utilizada para o grupo de convivência da 3ª Idade; 02 banheiros, um masculino e um feminino, em perfeito estado de uso; 01 varanda. Os ambientes citados totalizam uma área de 2.817m², conforme demonstra a tabela 5.

Imagem 53 – Zoneamento do pavimento inferior do CCLR (sem escala)



Fonte: SEPLAN-CG (Editado pela autora)

Imagem 54 – Zoneamento do pavimento superior do CCLR (sem escala)



Fonte: SEPLAN-CG (Editado pela autora)

Tabela 5 - Quadro de Áreas do Centro Cultural Lourdes Ramalho

Setor	Ambiente	Área (m²)	Porcentagem (%)
Educacional	Salas de aula	993	35,25
Social	Halls	197	6,99
	Recepção	18	0,64
	Foyer	58	2,05
	Varandas	367	13,02
	Lanchonete	76	2,69
	Jardins	207	7,34
	Total	923	32,73
Espetáculo	Plateia	144	5,11
	Palco	50	1,77
	Camarote	48	1,70
	Coxias	24	0,85
	Total	266	9,43
Serviços	Administração e gerência	70	2,49
	Áreas técnicas	26	0,92
	Serviço e apoio	143	5,07
	Total	239	8,48
Íntimo	Sanitários	91	3,23
	Camarins	26	0,93
	Total	117	4,16
Circulação		279	9,95
Centro Cultural Lourdes Ramalho		2.817	100

Fonte: Elaborada pela autora

Diversos problemas de infraestrutura assola a instituição, em detrimento dos quais foram emitidos 3 laudos técnicos, sendo 2 pelo Corpo de Bombeiros e 1 pela Secretaria de Planejamento. O primeiro laudo emitido pelo Corpo de Bombeiros em 14 de fevereiro de 2013 concluiu que a edificação não apresenta instalações preventiva contra incêndio, explosão e controle de pânico, além de falta de memorial de cálculo que comprove a necessidade ou não

de um sistema de proteção contra descargas elétricas. O segundo laudo, emitido no dia 05 de maio de 2014, está em discordância com as normas 004/13 – CBMPB, NBR 9077 (quanto às saídas de emergência e altura do guarda-corpo), NBR 10.898 (referente à iluminação de emergência), NBR 12.693 (caixa extintora vencida). Além disso foram constatados: existência de fiação elétrica exposta; rachaduras no teatro Rosil Cavalcanti, com forro do teto bastante danificado. O relatório emitido no dia 22 de fevereiro de 2013 pela Secretaria de Planejamento, detectou os seguintes erros: espaçamento inadequado entre os tubos do guarda-corpo; em períodos de chuva, o jardim sobre a laje empoça e causa alagamento, transbordando para o corredor da edificação; as salas possuem janelas altas mas não estão sendo bem aproveitadas devido à má colocação do forro de gesso, o que gera desconforto pela falta de iluminação e ventilação natural; os forros de gesso das salas de aula e outros ambientes encontra-se deteriorados devido à infiltração do telhado ou pela ação de cupim; a cobertura de fibrocimento encontra-se com rachaduras e/ou quebradas. Nesse mesmo laudo também foram propostas algumas soluções, como: drenagem da laje que possui o jardim; revisão recolocação e substituição do telhado; pintura de toda edificação; adaptação da edificação à NBR 9050; revitalização do Teatro Rosil Cavalcanti colocação de novo mobiliário, carpete e piso do palco e revisão das saídas de emergência; retirada do Paviflex e colocação do piso adequado nos salões de aula; substituição de algumas portas e janelas; dentre outras.

Deste modo, o projeto de requalificação a ser elaborado considerou as proposições feitas pelos órgãos competentes de vistoria, a fim de suprir as necessidades da instituição para as crescentes demandas, proporcionando um ambiente adequado e confortável à realização das práticas artísticas e culturais. Para isso, foram cedidas pela Secretaria de Planejamento as plantas baixas e cortes da edificação em seu estado atual (apêndice 01). Abaixo são apresentadas algumas imagens atualizadas do Centro Cultural Lourdes Ramalho.

Imagem 55 e 56 – Situação atual da fachada noroeste do CCLR (porção esquerda e direita, respectivamente)



Imagem 57 – Situação atual da fachada sudeste do CCLR



Fonte: Acervo pessoal, 2016

Imagem 58 – Situação atual da fachada sudeste do CCLR



Fonte: Acervo pessoal, 2016

Imagem 59 – Situação atual da fachada sudoeste do CCLR



Fonte: Acervo pessoal, 2016

Imagem 60 – Detalhes do sistema construtivo do CCLR



Fontes: Acervo pessoal, 2016

CAPÍTULO 3: MEMORIAL DESCRITIVO E JUSTIFICATIVO

A proposta para requalificação do Centro Cultural Lourdes Ramalho surgiu da necessidade de recuperar e readaptar a edificação quanto a aspectos espaciais, normativos e culturais em detrimento das novas demandas e transformações sócioespaciais na qual encontra-se atualmente inserida, considerando a consolidação da edificação enquanto patrimônio cultural e o compromisso com as características originais da mesma. Para isso, foram traçadas oito diretrizes projetuais:

- Recuperar a qualidade dos espaços de convivência e realização das atividades para que o edifício seja melhor utilizado pelos usuários;
- Ampliar a relação entre a edificação e o Parque do Povo a fim de que o espaço e instituição públicos atuem de maneira complementar em prol do benefício dos cidadãos, constituindo uma área reformulada para disseminação da cultural e lazer;
- Melhorar as condições de segurança e acessibilidade conforme as normas vigentes;
- Melhorar/ propor novas formas de acesso à edificação no intuito de dinamizar os fluxos, facilitando e incentivando a apropriação do edifício pelos seus utentes e cidadãos;
- Recompôr as fachadas através da reconstituição de elementos que remetem à condição original, recriando às relações rua x edifício; edifício x parque do povo; edifício x entorno;
- Propor ambientes mais flexíveis para realização de cursos/ eventos diversos ao longo do ano, de acordo com a demanda;
- Criar um espaço comum ao Centro Cultural e Parque do Povo;
- Promover a permeabilidade urbana por meio da transparência espacial, trazendo o entorno para dentro do edifício, uma vez que são encontradas atividades com afinidades e interesses socioculturais semelhantes.

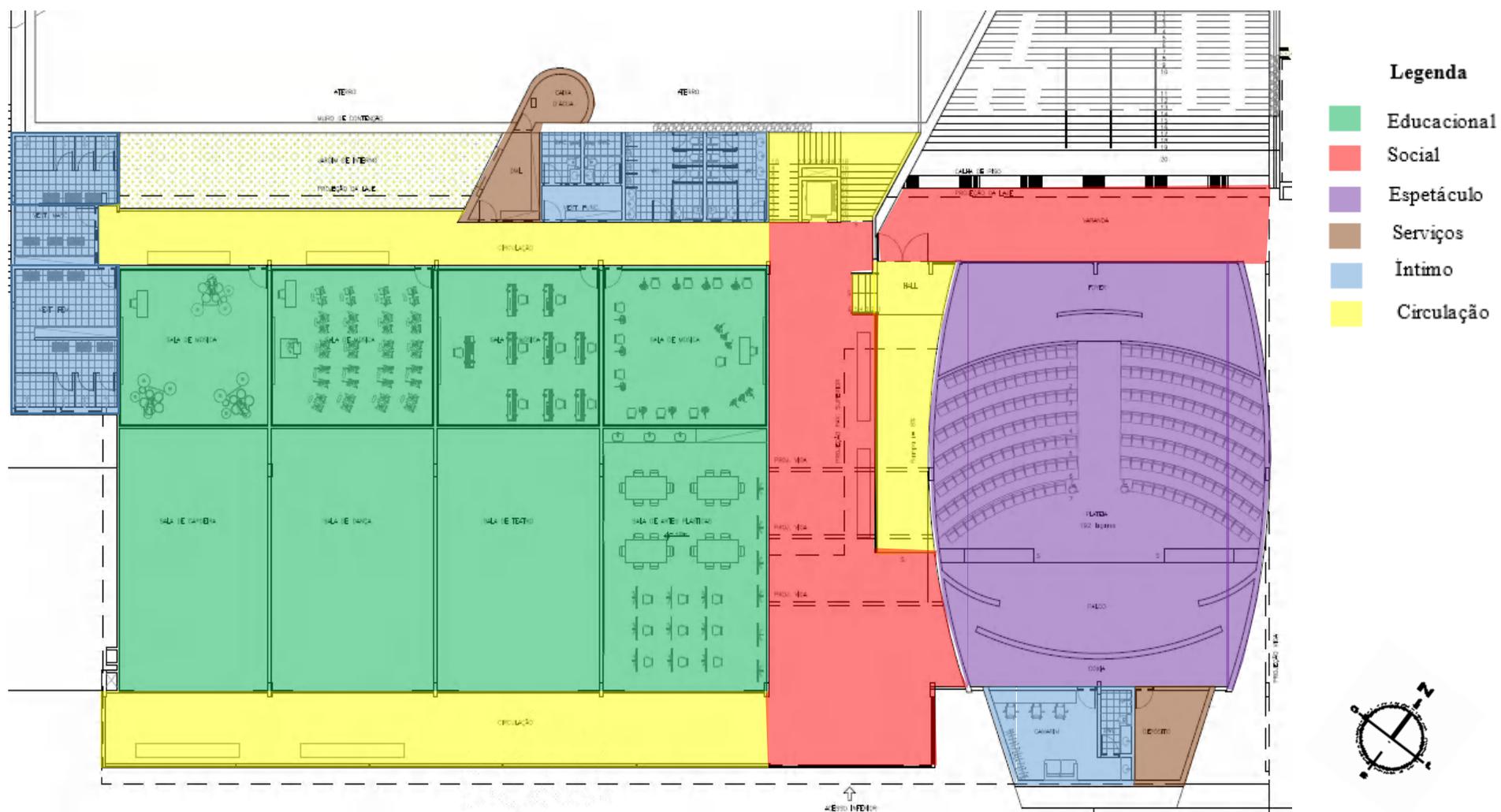
3.1 Zoneamento

O programa de necessidades do Centro Cultural Lourdes Ramalho está contido em dois pavimentos retangulares de áreas similares, um anexo, já existente, de formas curvas correspondente ao Teatro Rosil Cavalcanti e um anexo retilíneo na fachada sudoeste proposto para extensão das suas instalações sanitárias. A instituição pode ser diferenciada em seis zonas distintas: **educacional** (salas e espaços destinados ao aprendizados, seja através das aulas proporcionadas pelo centro, ou individual, a exemplo da biblioteca), **social** (locais comuns para convivência e socialização), **espetáculo** (embora o edifício possua ambientes flexíveis e amplos que sirvam de palco para as mais diversas manifestações culturais, entende-se esta zona enquanto os ambientes constituintes do Teatro Rosil Cavalcanti), **serviço** (inclui áreas para o trabalho interno e administrativo da organização, como salas de coordenação, diretoria, recepção, recepção, arquivo, sala de figurino, área técnica e reservatório de água), **íntimo** (corresponde aos banheiros e vestiários públicos e para funcionários) e **circulação** (verticais e horizontais).

O pavimento inferior (imagem 53) acomoda grande parcela do certo educacional. O fato preponderante para escolha da localização das salas de musicalidade nesse pavimento decorre do fato da ventilação natural ser mais dificultada nessa área em detrimento da implantação do edifício, haja vista, por necessitarem de isolamento acústico, as mesmas não podem ter aberturas externas para circulação do ar, sendo o conforto desse ambiente mantido através de ventilação artificial (ar condicionado); ademais, as mesmas encontram-se em mais isoladas das demais áreas de atividades, a fim de minimizar prejuízo por vazamento de ruídos. O pavimento em questão abriga no total: hall social, 08 salas destinadas aos cursos ofertados pela instituição, banheiros, vestiário dos funcionários, vestiários públicos (anexo proposto), depósito de material de limpeza (D.M.L.), jardim interno, circulações verticais e horizontais. O pavimento superior (imagem 61) detém quase que totalmente a zona de serviço por tratar-se do pavimento principal de chegada pela rua José Paulino Raposo; corresponde a 03 salas flexíveis para dança, pilates e yoga, área técnica, sala de figurinos, almoxarifado, diretoria, coordenação, secretaria, recepção, arquivo, banheiros, hall social para estar, lazer e exposições, biblioteca, varanda e circulações.

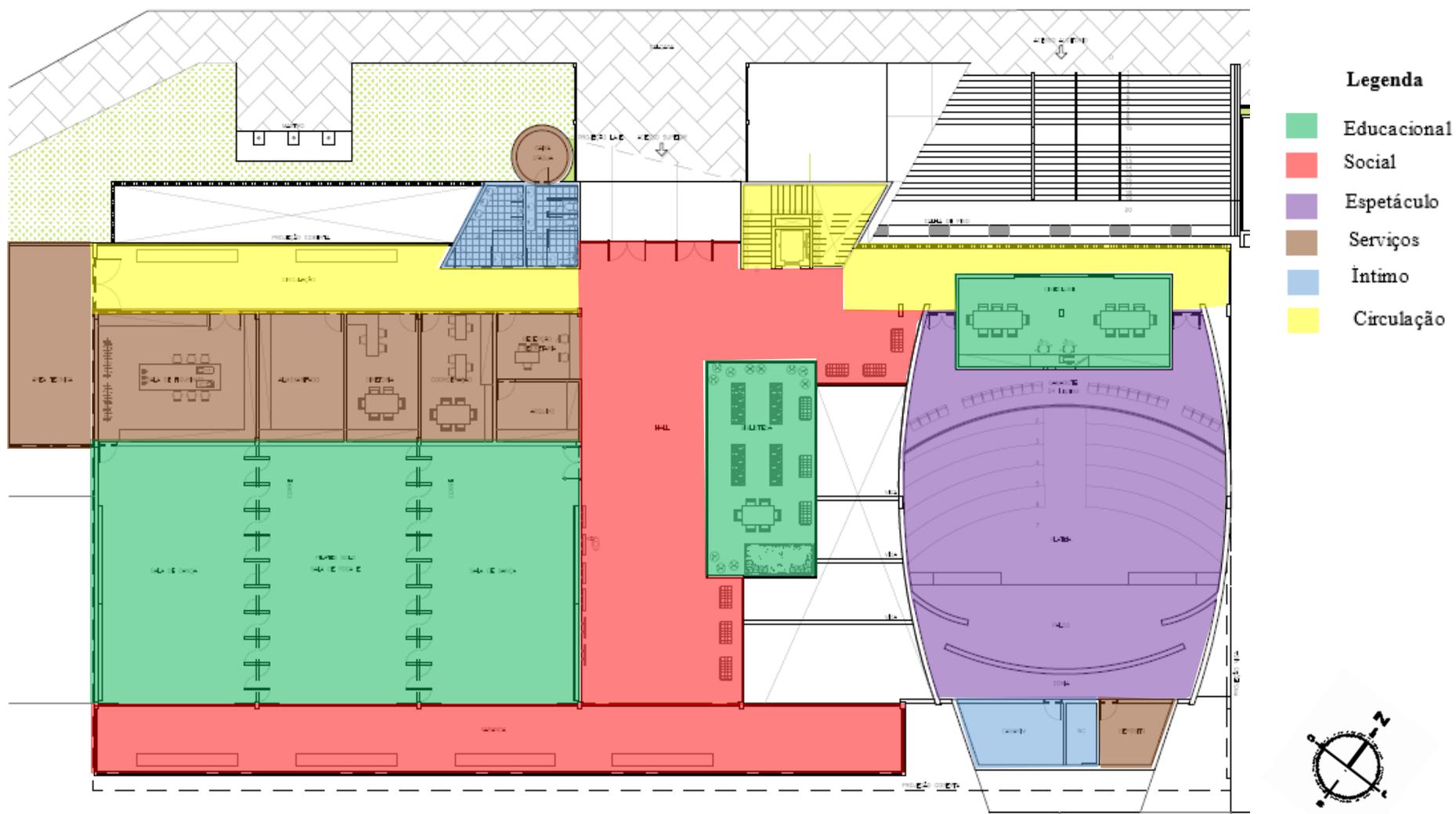
O Teatro Rosil Cavalcanti acomoda os ambientes destinados a espetáculos fechados (imagens 61 e 62): camarote para 24 lugares, cineclube, plateia com 192 lugares, palco, coxia, depósito e camarim.

Imagem 61 – Zoneamento do pavimento inferior do CCLR (sem escala)



Fonte: Proposta da autora

Imagem 62 – Zoneamento do pavimento superior do CCLR (sem escala)



Fonte: Proposta da autora

3.2 Fluxos

Uma das questões primordiais para otimização e dinamização do espaço diz respeito aos fluxos. Na configuração atual, o edifício apresenta graves problemas relativos à circulação, sobretudo em sua adequação à NBR 9050:2015 de Acessibilidade a Edificações, haja vista conta apenas com circulação vertical tipo escadaria, além do desnível através de um pavimento intermediário, dificultando a livre circulação de pessoas com necessidades especiais no pavimento interior. A para tanto, primeiramente sugere-se o nivelamento do pavimento intermediário em relação ao pavimento inferior (por requerer menor área de desaterro/ corte), para, então, haver a relocação da escadaria de acesso entre os dois pavimentos, deslocando-a do hall para uma área periférica, onde localizavam-se banheiros em ambos pavimentos, a qual, devido sua largura e profundidade, permitiu a inserção de elevador acoplado à escada. A opção pela colocação de uma circulação vertical automatizada do tipo elevador, deu-se pela sua maior facilidade de inserção no ambiente e menor área de ocupação quando comparada a construção de rampas. Propõe-se o uso do elevador elétrico Atlas Schindler de poucas paradas modelo S3100 sem caixa de máquina, ou similar.

Para solucionar o desnível entre o pavimento inferior e o acesso ao setor de espetáculos (0.85m de desnível) foi inserida uma rampa com inclinação de 8% paralela à parede do Teatro Rosil Cavalcanti que inicia-se no hall de entrada do pavimento inferior e finda-se na varanda de acesso ao Foyer. Para isso foi necessária a demolição da lanchonete e seus ambientes afins, que como consequência, ampliou o hall social, facilitando o transito interno dos usuários, promovendo uma leitura mais simplificada da espacialidade e integração entre os pavimentos, uma vez que apresenta pé-direito duplo.

No que concerne aos fluxos internos no pavimento inferior (imagem 63), propõe-se a eliminação da circulação entre os dois blocos de salas de aula, unindo-as através da parede já existente das salas do primeiro bloco (ao qual foram destinadas as salas de musicalidade), aumentando, desta forma, a área útil das salas do segundo bloco que requisitam maior amplitude pela demanda de alunos e pela própria natureza das atividades. Com essa modificação, o acesso a estas últimas salas passa a ser pela, anteriormente, varanda, a qual, por ser aberta e com baixo peitoril, a alguns anos foi isolado seus acesso, permanecendo constantemente fechada por ter se tornado um local hostil frequentemente ocupado por usuários de drogas e moradores de ruas. Assim, para que a circulação pode-se ocorrer de forma livre e integrada do edifício, foi colocado gradil em alumínio do piso ao teto que protegem a edificação, que permitem o acesso às salas,

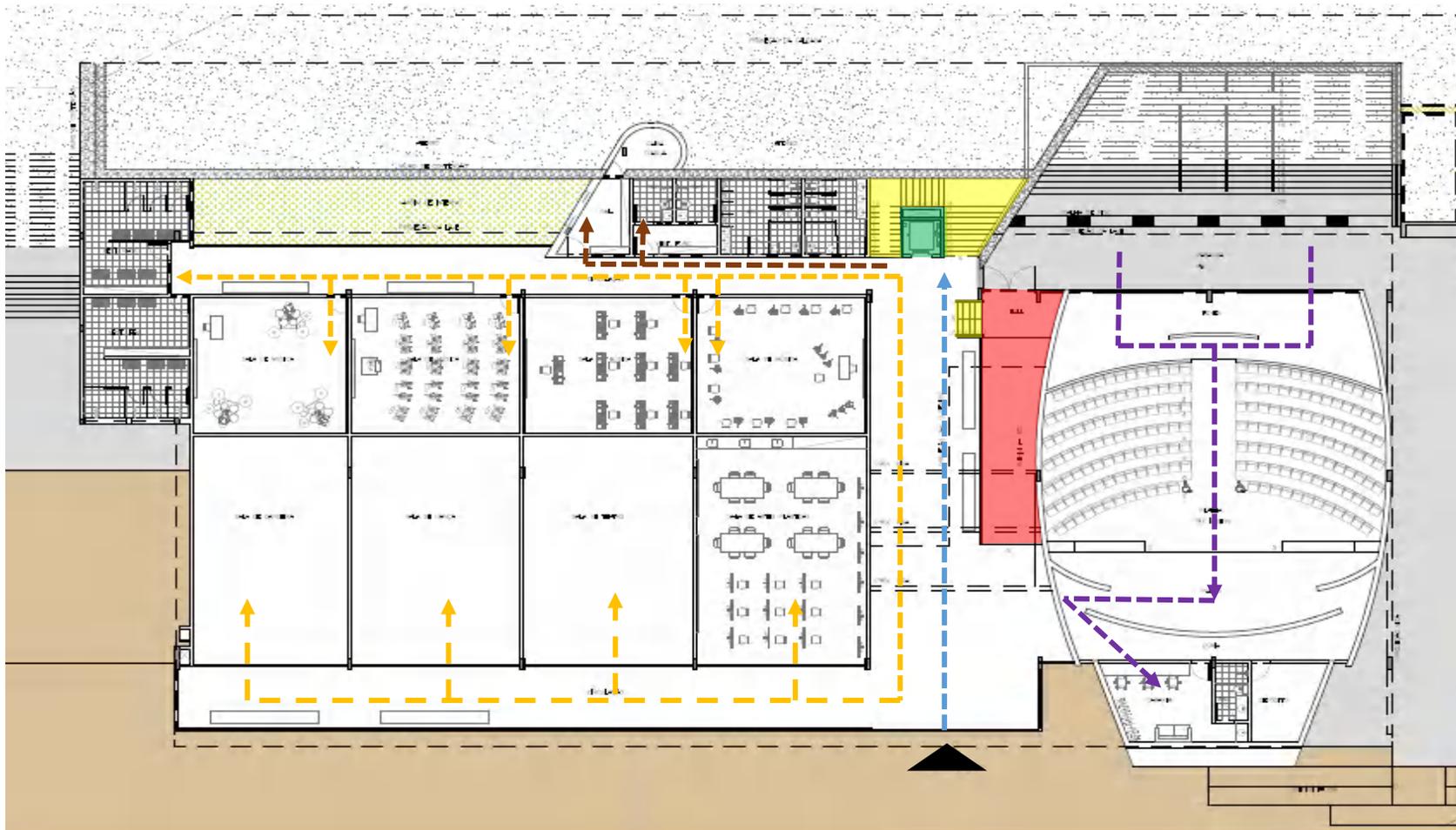
respeitam o regime de ventilação e iluminação natural que adentram majoritariamente pelo quadrante sudeste (fator esse que consolidou a localização das salas para atividades com maior dispêndio físico ou com maior necessidade de iluminação natural, a exemplo da sala de artes plásticas), e conservam a permeabilidade urbana: o edifício continua visível para o Parque do Povo e vice-versa. Ainda neste pavimento, o corredor de acesso aos banheiros, vestiários e salas de musicalidade ganhou uma nova dinâmica por ser o único meio de ingresso aos referidos ambientes, conferindo nova importância ao jardim interno enquanto área de contemplação/estar, não estando essa apenas restrita a exaustão do pavimento.

No pavimento superior (imagem 64), visou-se priorizar o fluxo vertical de entrada na edificação, o qual perpassa livremente o hall social em direção à varada voltada para o Parque do Povo (a qual não tinha acesso direto, apenas por dentro das salas de aula). Assim, pode-se trabalhar a permeabilidade, continuidade da paisagem urbana dentro do edifício. Para que tal premissa fosse atendida, foi demolida a sala de aula horizontalmente posicionada a esse eixo, que impedia o vislumbramento da paisagem, limitando o acesso a diferentes visuais em um ambiente confinado. Outra preocupação concerne à dinamização da circulação na área direita ao eixo que serve quase que exclusivamente ao setor de espetáculos, porém, estando atualmente com locação provisória de salas de coordenação. Dessa forma, para que o fluxo no permanesse restrito à atividades burocráticas ou apenas a datas de eventos no Teatro Rosil Cavalcanti, propôs-se a criação de um cineclube através de unificação e ampliação das salas de projeção e coordenação (estas últimas foram alocadas para o setor de serviços administrativos no quadrante superior esquerdo ao eixo principal).

No que concerne aos acesso externos ao Centro Cultural, além do acesso principal pelo pavimento superior através da rua José Paulinho Raposo, sugeriu-se a reativação do acesso pelo pavimento inferior, o qual, na proposta dar-se a partir da inserção de um amplo tablado em nível pensando enquanto espaço para acesso, estar, apresentações e manifestações culturais diversas. O mesmo também promove o acesso ao Parque do Povo através de rampas acessíveis e escadas.

Pensando no edifício como o todo e a sua influência e interação com o entorno, recomendou-se a construção de rampas acessíveis entre a rua e o nível da caixa d'água do Parque do Povo. Valendo-se da situação desse último nível corresponder ao nível de acesso ao Teatro Rosil Cavalcanti, propôs-se a criação de uma área externa de convivência comum que pudesse favorecer os dois espaços, na configuração de uma praça central arborizada para promover o conforto de seus usuários e minimizar a grande aridez e falta de vegetação na extensão do Parque do Povo.

Imagem 63 – Definição dos fluxos do pavimento inferior do CCLR (sem escala)



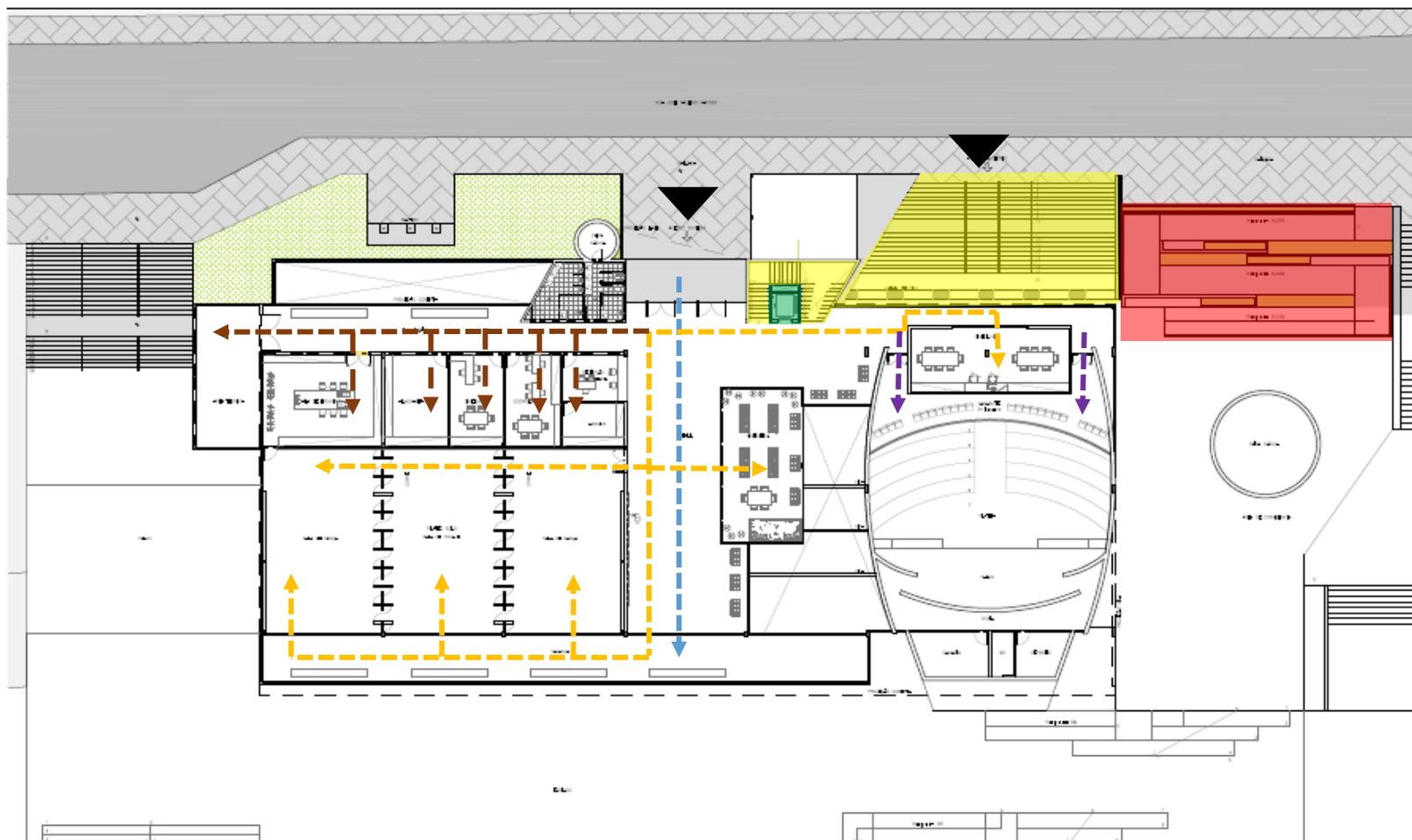
Legenda

- | | |
|----------------------------------|---------------------------|
| ▶ Acesso | ■■■ Eixo principal |
| ■ Circulação vertical - Escada | ■■■ Fluxo de funcionários |
| ■ Circulação vertical - Elevador | ■■■ Fluxo de espetáculo |
| ■ Circulação vertical - Rampa | ■■■ Fluxo de usuários |

Fonte: Elaborada pela autora



Imagem 64 – Definição dos fluxos do pavimento superior do CCLR (sem escala)



Legenda

Fonte: Elaborada pela autora

- ▶ Acesso
- Circulação vertical - Escada
- Circulação vertical - Elevador
- Circulação vertical - Rampa
- Eixo principal
- Fluxo de funcionários
- Fluxo de espetáculo
- Fluxo de usuários



3.3 Dimensionamento

A tabela a seguir (tabela 7) apresenta o quadro de áreas referente a proposta para o CCLR. Os ambientes foram setorizados em zonas com atividades semelhantes ou de mesmo interesse elucidadas no tópico anterior. Para efeitos de comparação entre a proposta e a situação atual, optou por enumerar os ambientes internos da edificação e os jardins externos, não estando contemplado nesse quadro a proposta de intervenção para área externa (tablado, palco e área de convivência).

Partindo-se dessas premissas, percebe-se que as áreas pouco diferem (cerca de 126m²), fato este associado a preservação da estrutura e espacialidade em detrimento da proposta rearranjo dos ambientes para melhor aproveitamento do espaço interno que contemple o programa de necessidades previsto. Aproximadamente 77,20% da área acrescida corresponde à inserção do bloco anexo destinado aos vestiários públicos, que, atualmente, não suprem a demanda de usuários da instituição. Nesse sentido, para fins de cálculos, os banheiros e vestiários públicos e para funcionários relativos às atividades diretamente ligadas à entidade (cursos ofertados e funcionários efetivos) foram quantitativamente dimensionados de acordo com os manuais para construção de escolas secundaristas do FUDESCOLA (Fundo de Fortalecimento da Escola), onde foi considerada a ocupação total do edifício conforme a quantidade de vagas ofertadas por curso para cada modalidade (documento do anexo 01) e, respectivamente, sala de desenvolvimento de atividades, além da estimativa de uso em áreas não pré-determinadas no documento, como biblioteca e cineblube, e 10 funcionários regulares. Para a área de espetáculos utilizou-se a NBR 5626/98 para Instalações Prediais de Água Fria no tocante ao local de reunião de pessoas (teatros, auditório, centros de exposição). O resumo dos referidos cálculos é apresentado na tabela 6.

No que concerne ao quadro geral da instituição, nota-se que o setor de maior demanda percentual em área é o educacional seguido pelo setor social (áreas comuns de convivência, socialização e exposições), o que ratifica o caráter sócioeducativo inerentes aos centros culturais e/ou áreas destinadas ao ensino, manifestação e disseminação da cultura.

Tabela 6 – Quadro Resumo do Quantitativo de Aparelhos Sanitários da Proposta do CCLR

	Bacias	Lavatórios	Mictórios	Chuveiros
Homens	6	7	7	5
Mulheres	7	7	-	5

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 7 - Quadro de Áreas da Proposta para o CCLR

Setor	Ambiente	Área (m ²)	Porcentagem (%)
Educacional	Salas de aula	883,83	31,92
	Biblioteca	54,14	1,97
	Cineclube	44,83	1,61
	Total	982,80	35,50
Social	Hall	301,35	10,88
	Varanda	177,51	6,41
	Jardim	231,80	8,37
	Total	710,66	25,66
Espetáculo	Foyer	58,99	2,13
	Plateia	146,51	5,29
	Palco	44,60	1,61
	Coxia	27,61	0,99
	Camarote	48,63	1,56
	Total	326,34	11,58
Serviço	Área técnica	41,01	1,48
	Sala de figurinos	48,59	1,75
	Almoxarifado	25,84	0,93
	Diretoria	21,91	0,79
	Coordenação	22,28	0,81
	Recepção/ secretaria	13,22	0,47
	Arquivo	11,94	0,43
	Caixa d'água	10,96	0,39
	D.M.L.	9,25	0,34
	Depósitos	11,76	0,42
	Total	216,76	7,81
Íntimo	Banheiros	59,93	2,16
	Vestiários	62,09	2,24
	Camarins	20,31	0,73
	Total	142,33	5,13
Circulação		389,24	14,32
Centro Cultural Lourdes Ramalho		2768,13	100

Fonte: Elaborada pela autora

3.4 Soluções Técnico-construtivas

O sistema construtivo do Centro Cultural Lourdes Ramalho é originalmente de estrutura pré-moldada com pilares e vigas em concreto e modulação bem definida. Sabendo-se da valoração estética e construtiva marcante de tais elementos enquanto identidade da entidade, propôs-se a preservação total desse sistema e manutenção das áreas onde o desgaste e deterioração podem comprometer a sustentação do edifício. A cobertura encontra-se disposta sobre tesouras treliçadas metálicas capazes de venderem grandes vãos; beneficiando desse sistema, sugere-se manutenção completa nos de ferrugem e troca da telha de fibrocimento pela telha termoacústica metálico do tipo sanduíche, pois proporciona um melhor conforto ambiental no que diz respeito à acústica e temperatura. A vedação dar-se pelo sistema convencional de tijolo cerâmico.

Para construção e sustentação da biblioteca na configuração de caixa de vidro proposta no novo programa de necessidades, optou-se pela utilização de estrutura metálica com fechamento por esquadrias do tipo “pano de vidro” e drywall por consistir em um grupo de soluções com construção limpa, rápida e eficaz, sobretudo na ponta em balanço, onde viga metálica deverão ser engastadas nas vigas pré-moldadas existentes, revestida com piso de painel wall, conferindo leveza ao conjunto estrutural sem comprometimento da laje existente.

No bloco anexo criado para abrigar vestiários e área técnica, é utilizado o sistema de pilares em concreto armado e vedação convencional de blocos cerâmicos, haja vista parte dessa construção encontra-se semienterrada engastada no terreno, necessitando da ampliação do muro de contenção nesse trecho. Por tratar-se de um setor de uso íntimo na sua parte inferior, as esquadrias do vestiário feminino abrem-se para dentro da edificação (circulação e jardim interno) por meio de venezianas fixas, enquanto o vestiário masculino possui esquadrias com abertura para a face perpendicular às escadarias através de venezianas fixas. Pensando em preservar mais a intimidade do ambiente sem que fosse prejudicada a ventilação natural (a qual também é de suma importância para área técnica do pavimento superior), além de querer proporcionar uma leitura unificada porém diferenciada do anexo em relação à edificação existente, foram aplicados painéis de chapas metálicas perfuradas tipo “segunda pele” em toda extensão do referido bloco.

Para o Teatro Rosil Cavalcanti e salas de musicalidade propõem-se a utilização de um sistema de isolamento acústico eficiente, a fim de otimizar as atividades desenvolvidas nesses ambientes sem que haja reverberação do som para os espaços vizinhos.

3.5 Soluções Plásticas e Espaciais

Na proposta para requalificação do Centro Cultural Lourdes Ramalho optou-se por preservar a sua horizontalidade, a qual é imposta pela extensa cobertura que reclinava-se sobre a edificação, passando a sensação de bloco único apesar dos volumes adicionais que saltam nas fachadas noroeste, sudeste e sudoeste.

No que concerne às fachadas, percebe-se uma composição arquitetônica de correspondência entre as mesmas, porém sem a presença de monotonia e ampla repetição de elementos. Todavia, em todas nota-se a presença marcante da estrutura em concreto pré-moldado que apesar de sua robustez confere certa leveza ao edifício em decorrência dos tipos de vedação utilizados. A fachada noroeste que dá acesso ao centro através da rua José Paulino Raposo (imagens 55, 56, 65, 66, 67), situa-se na curva de nível mais alta, proporcionando, inicialmente, a leitura de um pavimento único. Nesta, ressalta-se a proposta de recomposição dos cobogós originais (imagem 51) que caracterizam a edificação e a própria arquitetura da época produzida na cidade de Campina Grande, a exemplo do Museu de Artes Assis Chateaubriand e o Shopping Campina Grande. Outros aspectos verificados nessa fachada é o volume trapezoidal (referente à circulação vertical) que desprende-se do plano horizontal; além dos recuos na porção esquerda do edifício e na porta de entrada, a qual é recoberta por uma marquise de traços retos e bem marcados, porém assimétricos. Salienta-se também a preservação do volume marcante da caixa d'água.

Imagem 65 – Perspectiva da fachada noroeste da proposta de requalificação do CCLR (parte esquerda)



Fonte: Proposta modelada pela autora. Pós-produção: José Felinto Netto

Imagem 66 – Perspectiva da fachada noroeste da proposta de requalificação do CCLR (parte direita)



Fonte: Proposta modelada pela autora. Pós-produção: José Felinto Netto

Imagem 67 – Perspectiva da entrada do acesso superior do CCLR



Fonte: Proposta modelada pela autora. Pós-produção: José Felinto Netto

A fachada sudeste (imagem 68), voltada para Parque do Povo, contempla um acesso proposto a partir do tablado no intuito de dinamizar o uso da instituição através de uma entrada em cada pavimento, dando opções aos usuários e cidadãos. A mesma elucidada a correspondência do programa de necessidades dividido em dois pavimentos, além de ressaltar o volume maciço composto por paredes curvas e grande forma trapezoidal com paredes inclinadas relativo ao Teatro Rosil Cavalcante. Valendo-se da importância desse último volume, que salta e quebra a linearidade da fachada, atribui-se uma cor vibrante que contrastasse com o tom de concreto do sistema estrutural aparente. Atualmente composta por varandas (imagem 57) que não desempenham sua real função pelo acesso dificultado, ou falta dele (no caso da varanda inferior que foi interdita), a proposta traz uma forma de fechamento com gradis que, no pavimento superior, podem ser abertas como janelas de correr conforme a necessidade. No inferior, os gradis são completos de piso a teto para trazer segurança à edificação e delimitar a proposta da nova circulação interna de acesso às salas de aula. Tal solução confere transparência à edificação sem que haja comprometimento da entrada de ventilação e iluminação natural, além de tornar aparente o jogo de cores das esquadrias que abrem-se para as varandas.

Imagem 68 – Perspectiva da fachada sudeste da proposta de requalificação do CCLR



Fonte: Proposta modelada pela autora. Pós-produção: José Felinto Netto

A fachada nordeste (imagem 58 e 69) manteve suas características originais onde o traçado curvo da parece que delimita o auditório e o concreto dos pilares e viga em balanço destacam-se na quase inexistente relação de cheios e vazios presente na mesma. Outra característica marcante nesse visual refere-se a proximidade da edificação com a imponente caixa d'água do Parque do Povo, fato este que conduzia a estratégia projetual para criação de uma área de convivência, praça central (imagem 70), que não impedisse ou confrontasse esse volume sólido e significativo. Entretanto, em detrimento da aridez dessa localidade e escassez de vegetação, para que o equipamento inserido tivesse utilidade, foram dispostos exemplares de árvores de médio porte que não atinjam altura superior a 12 metros, a fim de que o sistema radicular não comprometa a estrutura do espaço público, mas, ainda assim, garantindo o sombreamento para permanência no local. Para a rampa de acesso entre a rua e a praça de convivência, recomenda-se vegetação arbustiva de fácil manutenção para garantir o livre trânsito de pessoas sobre a mesma. Esta vegetação também comporta-se como elemento de disfarce das estruturas de fechamento da rampa, promovendo um passeio mais agradável e uma leitura mais concisa do todo. A rampa apresenta, ainda, espaços para descanso e permanência (bancos), os quais possuem canteiros com vegetações pontuais de pequeno porte acompanhadas de forração.

Imagem 69 – Perspectiva da fachada nordeste da proposta de requalificação do CCLR



Fonte: Proposta modelada pela autora. Pós-produção: José Felinto Netto

Imagem 70 – Perspectiva da praça de convivência da proposta de requalificação do CCLR



Fonte: Proposta modelada pela autora. Pós-produção: José Felinto Netto

Na fachada sudoeste (imagens 59, 71 e 72) o elemento de destaque é o bloco anexo proposto para alocação da área técnica e instalações sanitárias em conformidade com as normas vigentes, capazes de atender suficientemente o público da instituição. A escolha da área para sua implantação deve-se à disposição interna dos ambientes e, principalmente, à busca por uma intervenção sutil que não interferisse drasticamente na composição arquitetônica do prédio. Entretanto, por tratar-se de um volume reto, novo, acrescentado posteriormente à construção original, optou-se por revesti-lo com chapas metálicas perfuradas a fim de que houvesse um contraste evidente entre o “velho” x novo, o concreto x o metal. O bloco foi dimensionado pensando-se, também, em não atrapalhar o denso fluxo de pessoas que utilizam a escada de acesso ao Parque do Povo. Para tal, foi necessária a demolição do canteiro central desta para a ampliação de sua extensão.

Imagem 71 – Perspectiva da fachada sudoeste no nível do Parque do Povo, na proposta de requalificação do CCLR



Fonte: Proposta modelada pela autora. Pós-produção: José Felinto Netto

Imagem 72 – Perspectiva da fachada sudoeste no nível da rua José Paulino Raposo, na proposta de requalificação do CCLR



Fonte: Proposta modelada pela autora. Pós-produção: José Felinto Netto

Outro elemento externo marcante na proposta é o tablado (imagem 73) de estrutura metálica e piso amadeirado criado no intuito de ser uma extensão do edifício para o desenvolvimento de atividades e apresentações ao ar livre. Este comporta-se, também, como um recurso de integração entre o centro cultural, o Parque do Povo e a praça de convivência, uma vez que possui degraus e rampas acessíveis que propiciam a circulação das pessoas entre as referidas áreas.

Imagem 73 – Perspectiva externa do tablado inserido na proposta de requalificação do CCLR



Fonte: Proposta modelada pela autora. Pós-produção: José Felinto Netto

No que concerne aos ambientes internos, os mesmos passaram por poucas, porém significativas, intervenções no tocante ao funcionamento e otimização dos espaços mediante as atividades ali desenvolvidas, contudo preservando a setorização pré-existente.

Conforme mencionado no tópico 3.2, a maioria das demolições propostas visaram dinamizar e redefinir os fluxos, deixando as circulações nos ambientes sociais (a exemplo dos halls de entrada) mais amplas e propícias à socialização do público, ações sociais diversas e exposições artísticas. Quanto às salas de aula sugeriu-se o melhoramento das instalações (elétrica, acústica e hidráulica) e dos equipamentos utilizados para o desenvolvimento do aprendizado, sobretudo dos pisos das salas de dança, teatro e artes marciais que deve ser específicos para absorver o impacto dos movimentos desses exercícios, minimizando os possíveis danos que poderão acarretar a saúde dos alunos em detrimento de um espaço inadequado. Nas demais áreas, com exceção do auditório, indica-se o uso de piso tipo granilite polido devido sua alta resistência e fácil manutenção e limpeza; ademais, devem-se ser previstos pisos táteis em locais estratégicos como escadarias e desníveis. Para as áreas molhadas propõe-se revestimento cerâmico (nas paredes) e louças brancas (para transmitirem a sensação de limpeza), descargas do tipo “caixa acoplada” com válvula dual flux que, segundo site das principais marcas no mercado, garantem economia de 40% de água. No Teatro Rosil Cavacanti a troca do piso acarpetado existente por carpetes de nylon de melhor qualidade que ajudem no sistema de acústica e absorvam ruídos.

As salas de dança e yoga do pavimento superior são delimitadas por divisórias acústicas articuladas com 12mm de espessura. Esta solução foi adotada para que as salas pudessem se adaptar conforma a demanda/ necessidade, podendo tornar-se um ambiente único e amplo quando todos os painéis estiverem recolhidos. Entretanto, a mesma solução não foi possível de ser reproduzida nas salas igualmente posicionadas no pavimento inferior pela localização dos pilares estruturais, conjuntura tal que não permitiria transformação intencional das salas em um salão único.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, os centros culturais foram enunciados e expostos enquanto espaços delimitados, destinados à promoção e disseminação da cultura e arte. Entretanto, é válido ressaltar o caráter educacional inerente a essas instituições: seja por meio dos cursos e oficinas oferecidos regularmente, ou através dos espetáculos e eventos diversos que fazem destas palco para difusão facilitada da informação. Por vezes, esta dimensão de conhecimento associa-se ao erudito, restrito a determinadas camadas sociais ou classes de intelectuais e estudiosos da área.

Outra característica intrínseca aos centros culturais diz respeito a dinamização dos fluxos e vitalidade impelidos ao entorno no qual encontram-se inseridos. Frequentemente, estes vêm sendo utilizados como ferramentas para revitalização de áreas urbanas centrais obsoletas e marginalizadas, através da mudança de uso de edificações abandonadas.

Assim como a maioria, o Centro Cultural Lourdes Ramalho surgiu na qualidade de ambiente dedicado à proposição de ações culturais e à preservação e divulgação das manifestações culturais locais. Embora, inicialmente, o projeto tenha sido pensado e executado em uma região da cidade, na época, pouco favorecida no que concerne à cultura e lazer, o que justifica sua inserção com limitada comunicação com o chamado “Coqueiros de Zé Rodrigues”, o qual posteriormente veio a configurar-se como um dos principais e mais populares espaços de manifestação da cultural cidadina.

No decorrer dos anos e com as mudanças de valores e espacialidades dentro e fora do edifício, o CCLR tornou-se insuficiente perante a transformação dos novos usos e demandas. Desse modo, o projeto teve como objetivo primordial a requalificação da obra enquanto patrimônio edificado e patrimônio cultural, reinserindo-o na paisagem urbana de uma das áreas com maior visibilidade da cidade em detrimento de sua atual configuração e detenção de equipamentos de lazer importantes para Campina Grande. Buscou-se pensar nas instituições públicas como órgãos que perpassam a sua época de criação e por isso devem possuir uma qualidade construtiva e espacial capaz manter-se ao logo do tempo e adaptar-se aos contextos sociais vindouros, ancoradas na importância da preservação e manutenção da memória cultural de uma coletividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Augusta Giselle. **O Sistema São Benedito como Proposta de Produção Agroecológica no Semiárido Brasileiro**. Disponível em: < <http://goo.gl/bP3cv4>>. Acesso: 19 out. 2015.

Brasil. Estatuto da cidade (2001). Estatuto da cidade: **Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretrizes gerais da política urbana**. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. Disponível em: <<http://goo.gl/LU3qOw>>. Acesso: 20 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Nova delimitação do Semiárido brasileiro**. Brasília, DF, 2005. 19 p. Disponível em:< <http://goo.gl/PLj5qI>>. Acesso em: 14 set. 2015.

BRASIL, Ministério de Minas e Energia. **Diagnóstico do Município de Campina Grande**. Recife, PE, 2005. 14 p. Disponível em:< <http://goo.gl/QrXdu6>>. Acesso em: 19 out. 2015.

CÂNDIDO, Christhina Maria. **Ventilação natural e Códigos de obras: uma análise das tipologias de aberturas nos edifícios de escritórios em Maceió/AL**. Maceió: UFAL, 2006. 78 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

CONSELHO BRASILEIRO DE CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL – CBCS. **Retrofit: Requalificação de Edifícios e Espaços Construídos**. Disponível em: <<http://goo.gl/myQIrr>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

D'ALVA, O. A.; FARIAS, L. O. P. **Programa cisternas: um estudo sobre a demanda, cobertura e focalização**. Cadernos de estudos: desenvolvimento social em debate. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Número 7. Brasília 2008.

DIAS, Adriana Fabre. **A Reutilização do Patrimônio Edificado como Mecanismo de Proteção: uma proposta para os conjuntos tombados de Florianópolis**. 2005. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano e Paisagem) – Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FERREIRA, César Argentieri; MOURUZZI, Rodrigo Braga. **Considerações sobre a Aplicação do Telhado Verde para Captação da Água da Chuva em Sistemas de Aproveitamento para Fins não Potáveis.** Disponível em: < <http://goo.gl/Ih64ND> >. Acesso em: 15 mar. 2015.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção: biblioteca, centro de cultura.** 3. ed. rev. e aum. São Caetano do Sul: Ateliê, 1997. 271p.

NASCIMENTO, Gislaire; TEIXEIRA, Kátia. **A Paisagem no Projeto de Arquitetura:** artigo apresentado ao 3º Colóquio Ibero-Americano de Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: < <http://goo.gl/BkGMLT> > Acesso em: 29 mai. 2015.

NEVES, Laert Pedreira. **Adoção do Partido na Arquitetura.** 2. Ed. Salvador: EDUFBA, 1998.

NEVES, Renata Ribeiro. Centro Cultural: a Cultura à promoção da Arquitetura. **Revista Online IPOG Especialize**, v. 01, n. 005, jul., 2013. Disponível em: < <http://goo.gl/Yw127g> >. Acesso em: 09 mai. 2015.

OFICINA DE PROJETO PARTICIPATIVO, 2013, Campina Grande. **Relatório de Atividades.** Qual a sua ideia para a feira de Campina Grande?

OFÍCIOS DO PATRIMÓNIO E DA REABILITAÇÃO URBANA/ OPRURB (Portugal). **Carta de Lisboa: Carta de Reabilitação urbana integrada.** In: I Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana. Lisboa, out. 1995. Disponível em: <<http://oprurb.org/relacoes.php>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

POPPER, Karl S. **A lógica da pesquisa científica.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975ª.

RAMOS, Luciene Borges. Centro Cultural: **Território Privilegiado da Ação Cultural e Informacional na Sociedade Contemporânea.** In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 3., 2007, Salvador – BA. Disponível em: < <http://goo.gl/zljnZf> >. Acesso em: 14 dez. 2014.

SERAPIAO, Fernando. **Centro Cultural São Paulo. Espaço e vida.** Editora Monolito, São Paulo, 2013. Disponível: < <http://goo.gl/81cihY> >. Acesso em: 29 mai. 2015.

SOUSA, Keila Pinho. **Requalificação da Edificação – Retrofit.** Especialize, Goiânia, dez. 2014. Disponível em: < <http://goo.gl/YhdL7q> >. Acesso em: 14 mar. 2015.

SOUSA JÚNIOR, Isaier Farias. **A Influência da Urbanização no Clima da Cidade de Campina Grande – PB.** Campina Grande: UFCG, 2006. 94 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Meteorologia, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2006.

VASCONCELOS, L. M. de; MELLO, M. C.F. de Re: atrás de, depois de In. VARGAS, H.C.; CASTILHO, A. L. H. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados.** Barueri, SP: Manole, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE 01:SITUAÇÃO ATUAL

APÊNDICE 02: PROPOSTA

ANEXOS

ANEXO 01: PROGRAMA DE CURSOS OFERECIDOS PELO CENTRO CULTURAL



CURSOS DE DANÇA

01. DANÇA FLAMENCA	<i>Luciana Nóbrega</i>	Sala 04	
O Estudo da dança e da cultura Espanhola através dos seus ritmos e bailes. Pré-requisito: o/a aluno/a deverá providenciar 01 sapato específico de flamenco que custa em média R\$ 120,00; e 01 saia (se for mulher) específica para flamenco.	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	Turma 1 Terça e Quinta 16:00h as 17:00h	A partir de 14 anos	50 Vagas

02. DANÇA DO VENTRE	<i>Luciana Nóbrega</i>	Sala 04		
O estudo da cultura Árabe, através da dança. Durante as aulas serão trabalhados toda a consciência corporal, assim como os principais ritmos da música árabe e seus componentes. Pré-requisitos: roupa confortável; e xale de quadril	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciantes			
	Turma 1 Terça e Quinta 17:00h as 18:00h	A partir de 05 anos	70 Vagas	
	Turma 2 Terça e Quinta 20:00h as 21:00h	A partir de 16 anos ou acompanhado por responsável	70 Vagas	
	Turma 3 Sexta-feira 15:00h as 17:00h	A partir de 05 anos	70 Vagas	
	Intermediário			
	Turma 4 Terça e Quinta 18:00h as 19:00h	A partir de 16 anos ou acompanhado por responsável	50 Vagas	
	Avançado			
Turma 5 Terça e Quinta 19:00h as 20:00h	A partir de 16 anos ou acompanhado por responsável	30 Vagas		

03. DANÇA FOLCLÓRICA	<i>Gerson Brito</i>	Sala 12		
<p>Tem a proposta de estimular a capacidade psicomotora do aluno, através da iniciação à dança, valorizando ainda, sua condição de ser social e criativo. Desta forma, pretende melhorar a convivência social e desenvolver a autoestima, criatividade e aprimoramento da coordenação motora.</p> <p><u>Pré-requisitos:</u> roupas e tênis confortáveis.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciantes			
	<u>Turma 1</u> Terça 18:00h as 20:00min	A partir de 14 anos	40 vagas	
	<u>Turma 2</u> Sexta 17:30min as 19:30h	A partir de 12 anos	40 vagas	
	GRUPO TROPEIROS DA BORBOREMA			
Sexta 19:30min as 21:30h Sábado 14:00 às 18:00h	A partir de 16 anos	SELEÇÃO ESPECIAL		

04. DANÇA FOLCLÓRICA	<i>Andrea Vieira</i>	Sala 03		
<p>As danças folclóricas brasileiras vêm contribuir com a disseminação da nossa cultura e com o melhoramento físico dos seus praticantes e tem o objetivo de oferecer a oportunidade de e melhorar seus conhecimentos através de suas práticas, melhorando desta forma as relações socioculturais. <u>Pré-requisitos:</u> roupas e tênis confortáveis.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciantes			
	<u>Turma 1</u> Segunda e Sexta-feira 18:30h as 20:00h	A partir de 16 anos	30 Vagas	
	<u>Turma 2</u> Quinta- feira 10:00h as 11:00h	A partir de 50 anos	40 Vagas	
	<u>Turma 3</u> Quinta- feira 16:00h as 17:00h	A partir de 50 anos	40 Vagas	

05. DANÇA DE SALÃO	<i>Vagner Gomes</i>	Sala 04		
<p>O Curso tem como objetivo desenvolver no aluno o ritmo e a dança em diversos estilos musicais, bem como trabalhar a musicalidade e a expressão corporal com base na Dança de Salão. Os ritmos trabalhados serão os seguintes: forró; samba de gafeira; samba rock; soltinho; merengue; tango; zouk; salsa; cha-cha-cha; e bolero. Pré-requisitos: roupas e sapatos confortáveis.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciante			
	Turma 1 Sábados 08:00h as 09:30min	A partir de 40 anos	00 casais	
	Avançado			
	Turma 2 Sábados 09:30min as 11:00h	A partir de 16 anos	00 casais	

06. BALLET CLÁSSICO	<i>Vagner Gomes</i>	Sala 04 e 05		
<p>O Ballet Clássico dá ao estudante uma educação global e pode ser feito por qualquer criança que queria experimentar o prazer do movimento. O mesmo consiste de três elementos interacionados: técnica; musica; e atuação. O ballet não é uma atividade exclusiva para crianças e jovens. É uma excelente opção de exercícios para quem deseja ter um físico saudável e uma mente tranquila. Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar 01 collant (rosa para crianças até 9 anos e preto para jovens e adultas/os; 01 sapatilha rosa; 01 meia calça fina rosa; 01 tiara; 01 rendinha para coque.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciante			
	Turma 1 Segunda e Quarta 08:00h as 09:00h	4 aos 7 anos	00 vagas	
	Turma 2 Segunda e Quarta 09:00h as 10:00h	5 aos 8 anos	00 vagas	
	Turma 3 Segunda e Quarta 13:30h as 14:30h	4 aos 7 anos	00 vagas	
	Intermediário			
	Turma 4 Segunda e Quarta 10:00h as 11:30h	A partir dos 9 anos	07 vagas	
	Turma 5 Segunda e Quarta 14:30h as 16:00h	A partir dos 9 anos	00 vagas	
	Turma Especial do Ballet do CCLR			
	Turma 6 Segunda e Quarta 16:00min as 17:30h	A partir de 9 anos	00 vagas	

07. BALLET CLÁSSICO	<i>Diogo Pereira</i>	Sala 04 e 05		
<p>O Ballet Clássico nos leva a outros mundos e épocas. É algo além da nossa vida diária. Usa muitas convenções e é isso que o faz claro e compreensível, sem que se precise da linguagem ou de outras formas de comunicação. Embora o ballet tenha nascido na Itália, foi a França que ficou conhecida como a pátria do ballet; por isso, os passos tem nomes franceses.</p> <p>Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar 01 collant (rosa para crianças até 9 anos e preto para jovens e adultos/os); 01 sapatilha rosa; 01 meia calça fina rosa; 01 tiara; 01 rendinha para coque.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciantes			
	<p style="text-align: center;"><u>Turma 2</u> Terça e Quinta-feira 13:30h as 15:00h</p>	A partir de 8 anos	10 vagas	
	<p style="text-align: center;"><u>Turma 3</u> Terça e Quinta-feira 16:30h as 18:00h</p>	A partir de 15 anos	00 vagas	
	<p style="text-align: center;"><u>Turma 4</u> Segunda e Quarta-feira 14:00h as 15:00h</p>	A partir de 10 anos	14 vagas	
	Intermediário			
	<p style="text-align: center;"><u>Turma 5</u> Terça e Quinta-feira 9:30h as 11:00h</p>	A partir dos 5 anos	00 vagas	
	<p style="text-align: center;"><u>Turma 6</u> Terça e Quinta-feira 15:00h as 16:30h</p>	A partir dos 6 anos	08 vagas	
	<p style="text-align: center;"><u>Turma 7</u> Segunda e Quarta-feira 15:00h as 16:00h</p>	A partir de 10 anos	15 vagas	
	Turma Especial do Ballet do CCLR			
	<p style="text-align: center;"><u>Turma 8</u> Segunda e Quarta-feira 16:00h as 17:30h</p>	A partir de 16 anos	02 vagas	



CURSOS DE MOVIMENTO CORPORAL

08. AERÓBICA	<i>Vagner Gomes</i>	Sala 04	
<p>Tem como característica, a ginástica localizada com utilização de cargas como pesos e caneleiras. Também visa a coordenação motora, agilidade; melhora a condição cardiopulmonar, circulação e condicionamento físico.</p> <p>Pré-requisitos: O aluno deverá providenciar Tênis apropriado; Roupa confortável; Garrafa de água; Sabonete; Toalha de mão.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	Turma ÚNICA		
	<p>Sábados 11:00h as 12:00h</p>	<p>A partir de 16 anos</p>	<p>00 vagas</p>

09. ESTÉTICA CORPORAL	<i>Margarida Pereira</i>	Sala 05	
<p>O Curso de Estética Corporal tem por objetivo melhorar a coordenação motora das alunas, dentro da ginástica na parte aeróbica e localizada. Melhora a estética corporal, eliminando a flacidez, diminuindo a gordura corporal e melhora a autoestima.</p> <p>Pré-requisitos: O aluno deverá providenciar Tênis apropriado; Roupa confortável; Garrafa de água; Sabonete; Toalha de mão.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	Turma 1 Terças e Quintas 17:00h as 18:00h	<p>A partir de 20 anos</p>	<p>0 vagas</p>
	Turma 2 Terças e Quintas 18:00h as 19:00h	<p>A partir de 20 anos</p>	<p>0 vagas</p>

10. MOVIMENTO E ARTE PARA 3ª IDADE	<i>Maria José de Albuquerque</i>	Sala 03	
<p>O Curso busca a interação entre pessoas da</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS

<p>melhor idade, proporcionar a melhoria da circulação sanguínea e articulação de movimentos, assim como a tonificação e fortalecimento de ossos e músculos. Além disso, trabalha a coordenação motora, equilíbrio, noção espacial, criatividade e agilidade. Pré-requisitos: O aluno deverá providenciar Tênis apropriado; Roupa confortável; Garrafa de água; Sabonete; Toalha de mão.</p>	<p>Turma 1 Terças e Quintas 8:00h as 10:00h</p>	<p>A partir de 60 anos</p>	<p>0 vagas</p>
	<p>Turma 2 Terças e Quintas 14:00h as 16:00h</p>	<p>A partir de 60 anos</p>	<p>0 vagas</p>

11. CAPOEIRA ANGOLA	<i>Marcos Antônio (Mestre Sabiá)</i>	Sala 10		
<p>A capoeira contém em sua essência amplo campo de desenvolvimento sócio cultural. Falar da capoeira é reviver parte da história cultural do nosso país. Ressalta-se a importância pedagógica da capoeira que atuando de maneira direta ou indireta sobre os aspectos cognitivos, afetivo, social e motor, ajudará na formação integral do ser humano. O professor entende que a capoeira deve ser vivenciada como: luta, dança, arte, folclore, esporte, educação e lazer e filosofia.</p> <p>Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar Camisa com logo do grupo; Calça apropriada para capoeira.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciantes			
	<p>Turma 1 Terças e Quintas 08:00h as 09:00h</p>	<p>A partir de 5 anos</p>	<p>12 vagas</p>	
	<p>Turma 2 Terças e Quintas 14:30min as 15:30min</p>	<p>A partir de 5 anos</p>	<p>11 vagas</p>	
	<p>Turma 3 Terças e Quintas 18:00h as 19:00h</p>	<p>A partir de 18 anos</p>	<p>18 vagas</p>	
	Intermediários			
	<p>Turma 4 Terças e Quintas 09:00h as 10:00h</p>	<p>A partir de 5 anos</p>	<p>16 vagas</p>	
	<p>Turma 5 Terças e Quintas 15:30min as 17:00h</p>	<p>A partir de 5 anos</p>	<p>17 vagas</p>	
	<p>Turma 5 Terças e Quintas 19:00h as 20:30min</p>	<p>A partir de 5 anos</p>	<p>15 vagas</p>	
	Veteranos			
	<p>Turma 6 (ÚNICA) Sábado: 16:00h as 18:00h</p>	<p>A partir de 5 anos</p>	<p>10 vagas</p>	

	Domingo: 09:00h as 11:00h		
--	-------------------------------------	--	--

12. KARATE	<i>João Carlos</i>	Sala 04 e 05		
<p>Ao praticar Karate, é possível obter o equilíbrio e a tranquilidade mental e física. A prática correta do karate pode surtir resultados na área de educação, lazer, fitness e qualidade de vida, por favorecer várias funções, a resistência e a coordenação motora de quem a pratica. Como qualquer outra atividade física aeróbica, o praticante com o passar do tempo, torna-se mais ativo, perspicaz, forte e resistente. Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar 01 Kimono, que pode ser comprado em qualquer loja de material esportivo.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciante			
	<u>Turma 1</u> Terça 15:00h as 17:00h	A partir de 06 anos	20 vagas	
	<u>Turma 2</u> Sexta-feira 15:00h as 17:00h	A partir de 06 anos	20 vagas	
	Intermediário			
	<u>Turma 3</u> Sábado 14:00h as 16:00h	A partir de 06 anos	20 vagas	
<u>Turma 4</u> Sábado 16:00h as 18:00h	A partir de 06 anos	20 vagas		

13. YOGA	<i>João Carlos</i>	Sala 03	
<p>Yoga ou Ioga significa controlar, unir. Trata-se de um conceito, uma filosofia que trabalha o corpo e a mente, através de disciplinas tradicionais de quem a pratica. A Yoga está relacionada ao budismo e ao hinduísmo, com práticas como exercícios e meditação para trabalhar a parte física e também a mente. Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar roupas confortáveis e garrafa de água.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	<u>Turma 1</u> Segundas e Quartas 13:00h as 14:00h	Exclusivo para Funcionários PMCG	20 vagas
	<u>Turma 2</u> Segundas e Quartas 14:00h as 15:00h	A partir de 12 anos	20 vagas
	<u>Turma 3</u> Segundas e Quartas 15:00h as 16:00h	A partir de 12 anos	20 vagas

14. YOGA	<i>Luciana</i>	Sala 03	
<p>O Yoga é considerado uma terapia complementar do</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS

<p>tipo mente/corpo e combina posturas, técnicas respiratórias, meditação ou relaxamento. A finalidade é promover equilíbrio físico, mental, psíquico e espiritual. Essa prática é a oportunidade de juntar o esforço (esgotado ou não) com o não esforço (relaxamento e tonicidade).</p> <p>Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar roupas confortáveis e garrafa de água</p>	<p>Turma 1 Segundas e Quartas 17:00h as 18:00h</p>	A partir de 10 anos	20 vagas
	<p>Turma 2 Segundas e Quartas 18:00h as 19:00h</p>	A partir de 10 anos	20 vagas

15. KARATE	<i>Antônio Alves</i>	Sala 03 e 10		
<p>O Karate constituiu um meio formativo e favorável ao desenvolvimento de um ser humano crítico, e uma significativa base motora devido à diversificação de movimento que exige sua prática. Objetiva melhorar a condição física e a auto estima; proporcionar um convívio harmônico e cooperativo entre os participantes; e desenvolver técnicas de defesas e ataques que contribuam na sua formação.</p> <p>Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar 01 Kimono, que pode ser comprado em qualquer loja de material esportivo.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciante			
	<p>Turma 1 Segunda e Quarta 18:00h as 19:00h</p>	A partir de 16 anos	20 vagas	
	<p>Turma 2 Segunda e Quarta 19:00h as 20:00h</p>	A partir de 16 anos	20 vagas	
	<p>Turma 3 Sábado 9:00h as 10:00h</p>	A partir de 05 anos	20 vagas	
	<p>Turma 4 Sábado 08:00h as 9:00h</p>	A partir de 05 anos	20 vagas	
	<p>Turma Especial Sábado 10:00h as 12:00h</p>	Aula especial, para aperfeiçoamento de técnicas, para alunos matriculados.		

16. PILATES SOLO	<i>Andreza Rodrigues</i>	Sala 05		
<p>Trabalha exercícios compostos em formato de circuito, onde o objetivo é fortalecer os músculos abdominais e posteriores estabelecendo um melhor alinhamento e postura corporal, equilíbrio, força. *Por não ser acompanhada por fisioterapeuta, não é indicada a portadores de</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Turmas Segundas e quartas-feiras			
	<p>Turma 1 Segundas e quartas-feiras 7:00h as 8:00h</p>	Exclusivo para Funcionários PMCG	20 vagas	
	<p>Turma 2 Segundas e quartas-feiras</p>	A partir de 12 anos	20 vagas	

<p>patologias graves, pois apesar de ser uma atividade acompanhada por uma profissional da Educação física, não tem acompanhamento individual específico para casos fisioterapêuticos.</p> <p>Pré-requisitos: O aluno deverá providenciar 01 teraband ou liga de soro 2 metros; garrafa de água, meias e/ou luvas (opcional); toalha de rosto ou de banho.</p>	8:00h as 9:00h		
	<p><u>Turma 3</u> Segundas e quartas-feiras 9:15h as 10:00h</p>	A partir de 12 anos	20 vagas
	<p><u>Turma 4</u> Segundas e quartas-feiras 10:00h as 11:00h</p>	A partir de 12 anos	20 vagas
	Turmas apenas Sextas-feiras		
	<p><u>Turma 5</u> Sextas-feiras 7:00h as 8:00h</p>	A partir de 12 anos	20 vagas
	<p><u>Turma 6</u> Sextas-feiras 8:00h as 9:00h</p>	A partir de 12 anos	20 vagas
	<p><u>Turma 7</u> Sextas-feiras 9:15h as 10:00h</p>	A partir de 12 anos	20 vagas
	<p><u>Turma 8</u> Sextas-feiras 10:00h as 11:00h</p>	A partir de 12 anos	20 vagas
	Turma Única Terças e Quintas-feiras		
	<p><u>Turma 9</u> Terças e Quintas 19:00h as 20:00h</p>	A partir de 18 anos	20 vagas



CURSOS DE MÚSICA

17. BATERIA	<i>Carlos Antônio</i>	Sala 09		
<p>No curso de Bateria são desenvolvidas a leitura, técnica, aplicação e prática em três níveis: iniciante, intermediário e avançado. Assim, desenvolvendo o aluno para que ele toque aquilo que ele deseja ou o estilo musical que ele mais goste. Aprendendo sobre a história da bateria; postura; teoria musical e teoria da bateria; nomenclatura da bateria; exercícios de caixa (rudimentos), bumbo, coordenação e velocidade; ritmos variados; Viradas, trabalho de grupos; e Formação de grupos musicais, dentro da própria escola.</p> <p>Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar 01 caderno de música; lápis grafite; 01 pasta para guardar seu material; 01 par de baquetas.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciante			
	<u>Turma 1</u> Terças e Quintas 08:00h as 09:30min	A partir de 05 anos	05 vagas	
	<u>Turma 2</u> Terças e Quintas 14:00h as 11:30min	A partir de 05 anos	05 vagas	
	Intermediário			
	<u>Turma 3</u> Terças e Quintas 09:30min as 11:00h	A partir de 05 anos	05 vagas	
	<u>Turma 4</u> Terças e Quintas 15:30min as 17:00h	A partir de 05 anos	05 vagas	
	Avançado			
	<u>Turma 5</u> Apenas nas terças-feiras 19:00h as 20:30min	A partir de 16 anos	05 vagas	

18. INICIAÇÃO A FILARMÔNICA	<i>Maestro Jomar</i>	Sala 09	
<p>O curso tem como objetivo incentivar as crianças, jovens e adolescentes a arte da música instrumental de sopro como: clarinete, saxofone, trombone, trompete, contra-baixo (tuba) e percussão,</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	<u>Turma 1</u> Segundas e quartas-feiras 08:00h as 11:00h	Entre 8 e 18 anos	20 vagas

preparando o aluno para tocar em orquestras e bandas filarmônica. Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar 01 estante para partitura; 01 palheta (para sax, tenor, clarinete); Apostilas; 01 caderno pautado para música; 01 lápis; 01 borracha; 02 baquetas.	Turma 2 Segundas e quartas-feiras 14:00h as 17:00h	Entre 08 e 18 anos	20 vagas
--	--	--------------------	----------

19. VIOLÃO POPULAR	<i>José Carlos</i>	Sala 15		
<p>O curso de Violão Popular objetiva aplicar alguns princípios teóricos básicos na execução de músicas do repertório popular, utilizando o método da cifra. O aluno deverá se apresentar, tocando e/ou cantando, em eventos, comemorativos e em recitais do CCLR no final de cada semestre letivo. O curso terá duração de, no mínimo, três semestres. A mudança de nível se dará de acordo com o desempenho e avaliação do aluno realizado pelo professor. Pré-requisitos: 01 violão específico para cordas de nylon (para ensaiar em casa); 01 afinador digital clip; Apostilas; Correia para violão.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciante			
	Turma 1 Segundas e Terças-feiras 9:30h as 10:30h	A partir de 10 aos 13 anos	20 vagas	
	Turma 2 Segundas e Terças-feiras 15:00h as 16:00h	A partir de 14 anos	20 vagas	
	Turma 3 Segundas e Terças-feiras 16:00h as 17:00h	A partir de 14 anos	20 vagas	
	Intermediário			
	Turma 4 Segundas e Terças-feiras 8:30h as 9:30h	A partir de 14 anos	20 vagas	
	Turma 5 Segundas e Terças-feiras 14:00h as 15:00h	A partir de 14 anos	20 vagas	
	Avançado			
	Turma 6 Segundas e Terças-feiras 10:30h as 11:30h	A partir de 14 anos	20 vagas	
	Aulas de Turma Especial do CCLR			
	Turma 7 Quarta-feira 8:30h as 11:30h	Exclusivo para reforço, de acordo com a necessidade do aluno já matriculado.		
	Turma 8 Quarta-feira 14:00 as 17:00h	Exclusivo para reforço, de acordo com a necessidade do aluno já matriculado.		

20. VIOLÃO POPULAR	<i>Jacinto Martins</i>	Sala 15		
<p>Ministrado pelo professor Jacinto Martins, o curso tem o intuito de despertar o gosto pela música como compreensão para a música de hoje. Assim como, relacionar com o presente o que foi produzido no passado com a música de hoje. E estimular a curiosidade e a percepção auditiva dos alunos através dos diversos estilos musicais.</p> <p>Pré-requisitos: 01 violão com cordas de nylon (para ensaiar em casa); 01 afinador digital clip; Apostilas; Talabarte para violão.</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciante			
	<u>Turma 1</u> Segundas e Quartas-feiras 17:00h as 18:30h	A partir de 16 anos	20 vagas	
	<u>Turma 2</u> Segundas e Quartas-feiras 18:30h as 20:00h	A partir de 16 anos	20 vagas	
	<u>Turma 3</u> Segundas e Quartas-feiras 20:00h as 21:30h	A partir de 16 anos	20 vagas	
	<u>Turma 4</u> Terças e Quintas-feiras 17:00h as 18:30h	A partir de 16 anos	20 vagas	
	<u>Turma 5</u> Terças e Quintas-feiras 18:30h as 20:00h	A partir de 16 anos	20 vagas	
	<u>Turma 6</u> Terças e Quintas-feiras 20:00h as 21:30h	A partir de 16 anos	20 vagas	

21. TECLADO	<i>André Canuto</i>	Sala 14		
<p>O curso de Teclado tem um ensino diferenciado, a partir do desenvolvimento individual. Tem duração de seis meses, nesse período o aluno conhece a teoria e a prática musical a partir do método popular, com cifras. O teclado é um instrumento muito completo e cativante, que proporciona resultados sonoros rápidos e prazerosos. Por ter uma</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciante			
	<u>Turma 1</u> Segunda-feira 08:00h as 09:30min	Entre 08 e 16 anos	10 vagas	
	<u>Turma 2</u> Segunda-feira	A partir de 16 anos	10 vagas	

<p>dimensão lúdica muito marcante e por ser de fácil adaptação, o teclado é um instrumento muito indicado para crianças, jovens e adultos de todas as idades, auxiliando-os na iniciação ao processo de musicalização.</p> <p>Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar 01 teclado com suporte (para ensaiar em casa); 01 caderno grande; 01 borracha; 01 régua; 01 lápis grafite ou caneta.</p>	09:30min as 11:00h		
	<u>Turma 3</u> Segunda-feira 14:00h as 15:30min	Entre 08 e 16 anos	10 vagas
	<u>Turma 4</u> Segunda-feira 15:30min as 17:00h	A partir de 16 anos	10 vagas
	Avançado		
	<u>Turma 5</u> Quarta-feira 08:00h as 09:30min	Só alunos veteranos	10 vagas
	<u>Turma 6</u> Quarta-feira 09:30min as 11:00h	Só alunos veteranos	10 vagas
	<u>Turma 7</u> Quarta-feira 14:00h as 15:30min	Só alunos veteranos	10 vagas
	<u>Turma 8</u> Quarta-feira 15:30min as 17:00h	Só alunos veteranos	10 vagas



CURSOS DE ARTES CÊNICAS E VISUAIS

22. PINTURA EM TELA	<i>Carmen Sheilla</i>	Sala 11		
<p>O curso tem a pretensão de estudar a evolução das expressões artísticas, a constituição e variação das formas, dos estilos e dos conceitos transmitidos através da arte. Algumas habilidades que poderão ser estudadas são: desenho, perspectiva, sombras, teorias da cor, teorias da arte, praticas de estilos de pintura, técnicas de aquarela, óleo e acrílica. Pré-requisitos: O/a aluno/a deverá providenciar Óleo de linhaça secante de cobalto, terebintina; Tintas a óleo, acrílica e aquarela; Pincéis tigre ou condor para aquarela e para tinta a óleo nº 000, 2, 8, 10, 12, 14, 24; Papel ofício; Lápis grafite nº 3B, 4B, 6B; Borracha; Régua (<i>Material Inicial</i>)</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	Iniciante			
	<u>Terça e Quinta-feira</u> Turma 1 07:00min as 08:00min	A partir de 14 anos	12 vagas	
	Turma 2 13:00h as 14:00min	A partir de 14 anos	12 vagas	
	Intermediário			
	Turma 3 08:00min as 10:00h	A partir de 14 anos	12 vagas	
	Turma 4 14:00min as 16:00h	A partir de 14 anos	12 vagas	
	Avançado			
	Turma 5 10:00h as 11:30h	A partir de 14 anos	12 vagas	
	Turma 6 16:00h as 17:30h	A partir de 14 anos	12 vagas	
23. ARTES PLÁSTICAS	<i>Carmen Sheilla</i>	Sala 11		
<p>Este curso tem a finalidade de trabalhar com caixas de MDF, craquelê, decoupage e pintura em cerâmica</p> <p>Pré-requisitos: Cola branca, tintas, caixas de MDF (tamanhos variados) e cerâmicas</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS	
	<u>Turma Única</u>			
<u>Sexta-feira</u> Turma 1 07:00min as 09:00min	A partir de 12 anos	20 vagas		

24. DESENHO E PINTURA	<i>Aida Martins</i>	Sala 02	
<p>As oficinas criativas passam pelas etapas de: Sensibilização utilizando ou não a dança ou brincadeiras de roda; Livre expressão a partir da leitura de contos de fada, Transposição com desenhos, pinturas, modelagem, com argila, Elaboração do que foi sentido com dramatização.</p> <p>Pré-requisitos: Papel sulfite, canson. Diferentes tipos de lápis, tais como HB, 6B, Tintas acrílica. Pincéis Tigre</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	Iniciante		
	Turma 1 10:30min as 11:30min	A partir de 10 anos	20 vagas
	Turma 3 14:00h as 15:30min	A partir de 10 anos	20 vagas
	Turma 4 15:30h as 17:00min	A partir de 18 anos	20 vagas

25. TEATRO INFANTIL E INFANTOJUVENIL	<i>Viviane Montenegro</i>	Sala 08	
<p>O objetivo deste curso é estimular a linguagem cênica, a criatividade e as relações interpessoais. A palavra teatro deriva dos verbos gregos “ver, enxergar”, lugar de ver, ver o mundo, se perceber e perceber o outro. De acordo com a visão pedagógica, o teatro tem a função de mostrar o comportamento social e moral de valores, através de interação social.</p> <p>Pré-requisitos: 1 tubo de cola de 1 Kg; 1 tubo grande de tinta guache(cor a combinar);</p>	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	Iniciante		
	Turma 1 Quartas-feiras 14:00h as 17:00hs	Entre 07 e 10 anos	20 vagas
	Turma 2 Sextas-feiras 14:00h as 17:30hs	Entre 11 e 17 anos	20 vagas
	Avançado		
	Turma 3 Terças-feiras 14:00h as 17:00h	Entre 07 e 10 anos	20 vagas
	Turma 4 Quintas-feiras 14:00h as 17:30h	Entre 11 a 17 anos	20 vagas

Retalhos de tecido; Figurino de apresentação no final do semestre.	<u>Turma 5</u> Segundas-feiras 15:00h as 18:30h	Confecção de adereços figurinos e ensaios	(Para alunos veteranos)
--	---	---	-------------------------

26. TEATRO DE RUA	<i>Arly Arnaud</i>	Sala 13	
O objetivo desse curso é desenvolver a atividade dramática de seus alunos, preparando-os para a formação de atores de Teatro. <u>Pré-requisitos:</u> O/a aluno/a deverá providenciar 1 Par de joelheiras (Qualquer marca); Par de cotoveleiras (Qualquer marca); 1 Par de Tênis confortáveis (Qualquer marca).	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	<u>Turma única</u>		
	Quarta-feira 17:00h as 19:00h	A partir de 16 anos	20 vagas

27. GRUPO DE TEATRO CORDEL EM CANTO	<i>Arly Arnaud</i>	Sala 12 e 13	
O objetivo desse curso é desenvolver a atividade dramática de seus alunos, preparando-os para a formação de atores de Teatro ligado a literatura de cordel, uma manifestação da cultura popular tradicional, também chamada de folheto ou romance. <u>Pré-requisitos:</u> O/a aluno/a deverá providenciar 1 Par de joelheiras (Qualquer marca); Par de cotoveleiras (Qualquer marca); 1 Par de Tênis confortáveis (Qualquer marca).	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	<u>Turma Única</u>		
	Terças e Quintas-feiras 18:30min as 21:30min	A partir de 18 anos	SELEÇÃO ESPECIAL

28. LITERATURA DE CORDEL E XILOGRAVURA	<i>Arly Arnaud</i>	Sala 11	
Pré-requisitos: O/a Aluno/a deverá providenciar: 01 Conjunto de Goiva; restos de madeira mole (Ex. Pinho e cedro rosa); Lápis para desenho; talco; 1L de tinner; 1 pote de tinta gráfica; bucha de trapo; e um bloco de papel canson.	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	Turma única		
	Segunda-feira 14:00h as 17:00h	A partir de 12 anos	25 vagas

29. INICIAÇÃO AO TEATRO	<i>Arly Arnaud</i>	Sala 08	
O objetivo desse curso é desenvolver a atividade dramática de seus alunos, preparando-os para a formação de atores de Teatro Infanto-Juvenil. Pré-requisitos: 1 Par de Tênis confortáveis (Qualquer marca); figurino e material para cenário no final do semestre.	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	Turma única		
	Terça e Quinta-feira 09:00h as 11:00h	A partir de 10 anos	30 vagas
30. TEATRO INFANTO-JUVENIL	<i>André Canuto</i>	Sala 12	
O objetivo desse curso é desenvolver a atividade dramática de seus alunos, preparando-os para a formação de atores de Teatro Infanto-Juvenil. Pré-requisitos: 1 Par de Tênis confortáveis (Qualquer marca); figurino e material para cenário no final do semestre.	DIAS E HORÁRIOS	PÚBLICO ALVO	Nº DE VAGAS
	Turma 1 Quinta-feira 09:00h as 11:00h	10 a 17 anos	30 vagas
	Turma 2 Quinta-feira 15:00h as 17:00h	10 a 17 anos	30 vagas



OFICINAS

<p align="center">31. OFICINA DE DANÇAS POPULARES</p>	<p align="center"><i>Ronildo Cabral COMPANHIA RAIZES</i></p>	<p align="center">Sala 05 e 12</p>	
<p>O objetivo dessa oficina é desenvolver os ritmos populares do nordeste como: Coco de roda, Ciranda, Cavalo Marinho, Forró, Bumba-meu-boi e Xaxado.</p> <p><u>Pré-requisitos:</u> Roupas e Tênis confortáveis.</p>	<p align="center">DIAS E HORÁRIOS</p>	<p align="center">PÚBLICO ALVO</p>	<p align="center">Nº DE VAGAS</p>
	<p align="center"><u>Turma 1</u> Sábado 09:00h as 11:00h</p>	<p align="center">A partir de 09 anos</p>	<p align="center">30 vagas</p>
	<p align="center"><u>Turma 2</u> Sábado 09:00h as 11:00h</p>	<p align="center">A partir de 16 anos</p>	<p align="center">30 vagas</p>
<p align="center">32. OFICINA DE ARTETERAPIA</p>	<p align="center"><i>Aída Martins</i></p>	<p align="center">Sala 02</p>	
<p>A arte terapia é uma atividade inovadora que contribui para uma melhor qualidade de vida, procurando através da arte e de trabalhos expressivos, levar aos participantes dos ateliês terapêuticos, conhecimento de si favorecendo crescimento pessoal e uma melhor compreensão do mundo.</p>	<p align="center">DIAS E HORÁRIOS</p>	<p align="center">PÚBLICO ALVO</p>	<p align="center">Nº DE VAGAS</p>
	<p align="center"><u>Turma Única</u></p>		
	<p align="center">Segunda-Feira 14:30min as 16:00min</p>	<p align="center">A partir de 50 anos</p>	<p align="center">15 vagas</p>

ANEXO 02: RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO CENTRO CULTURAL



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
SECRETARIA DE CULTURA
CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO

Relatório do Centro Cultural Lourdes Ramalho – CCLR

Campina Grande – PB

Abril de 2014

Este relatório tem por objetivo apresentar as atividades desenvolvidas pelo Centro Cultural Lourdes Ramalho – CCLR durante todo o ano de 2013.

DA ESTRUTURA FÍSICA

O Centro Cultural Lourdes Ramalho está localizado na Rua Paulino Raposo, s/n, no centro da cidade de Campina Grande - PB. Dispõe de ampla estrutura física, o prédio comporta dois andares, sendo térreo e subsolo.

Na parte inferior, situa-se:

- 10 salas de aula para atender a demandas específicas de cada modalidade;
- 04 banheiros no total, dois em nível superior e inferior;
- 01 cozinha;
- 03 depósito;
- 01 hall;
- Teatro Rosil Cavalcanti.
- 02 almoxarifados

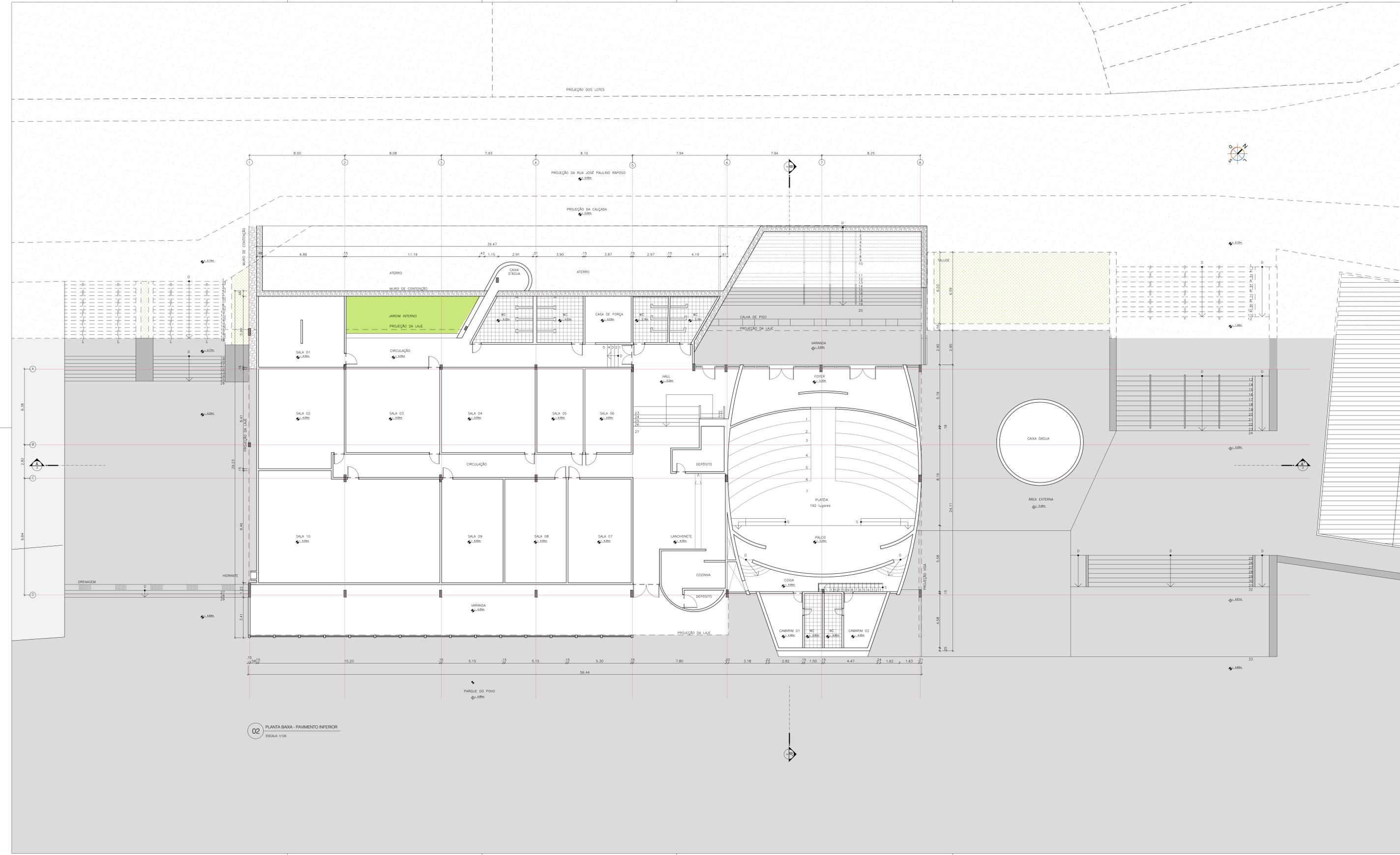
Na parte superior, situa-se:

- 01 hall de entrada;
- 01 recepção;
- 01 secretaria;
- 01 sala de direção;
- 01 cozinha pequena;
- 02 salas espelhadas, específicas para dança;
- 01 almoxarifados, um para guardar documentos históricos do Centro e os demais para acomodar instrumentos e figurinos;
- 03 salas de aula, sendo uma delas utilizada para o grupo de convivência da 3ª Idade;
- 02 banheiros, um masculino e um feminino, em perfeito estado de uso;
- 01 varanda.

DA EQUIPE DE TRABALHO

O Centro Cultural Lourdes Ramalho atualmente dispõe do seguinte quadro de funcionários:

- 01 diretora geral;
- 01 coordenadora de artes;
- 01 coordenadora de Cursos;
- 01 coordenadora do Teatro Rosil Cavalcanti;
- 18 agentes administrativos, distribuídos de acordo com as necessidades pertinentes como: secretaria; almoxarifado; recepção, etc;
- 20 professores, efetivos pela **Secretaria de Cultura**, pela **Secretaria de Educação** e contratados.
- 06 vigias;
- 07 agentes que prestam serviços gerais de limpeza, distribuídas nos três turnos de funcionamento do CCLR.



02 PLANTA BAIXA - PAVIMENTO INFERIOR
ESCALA: 1/125



01 PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA: 1/1000

QUADRO DE ÁREAS

AMBIENTE	ÁREA(m²)
Hall	150
Recepção	18
Secretaria	30
Diretoria	22
Almoxarifado	26
Branco cultural	24
Salas de aulas	453
Banheiros	22
Salas de coordenação	16
Sala de projeção	8
Comarote	48
Depósitos	52
Varandas	130
Circulação	174
Caixa d'água	5
Jardim externo	170
TOTAL	1.350

AMBIENTE	ÁREA(m)
Hall	47
Banheiros	55
Casa de força	15
Jardim interno	37
Depósitos	17
Lanchonete	76
Cozinha	16
Salas de aulas	540
Varandas	237
Circulação	105
Foyer	58
Plateia	144
Platô	50
Cozinha	24
Comarins	26
Banheiros camarins	14
Caixa d'água	6
TOTAL	1.467

ÁREA TOTAL EDIFICAÇÃO 2.817

REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO PRANCHA: 01/03

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CTRN/ UAEC/ CAU
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

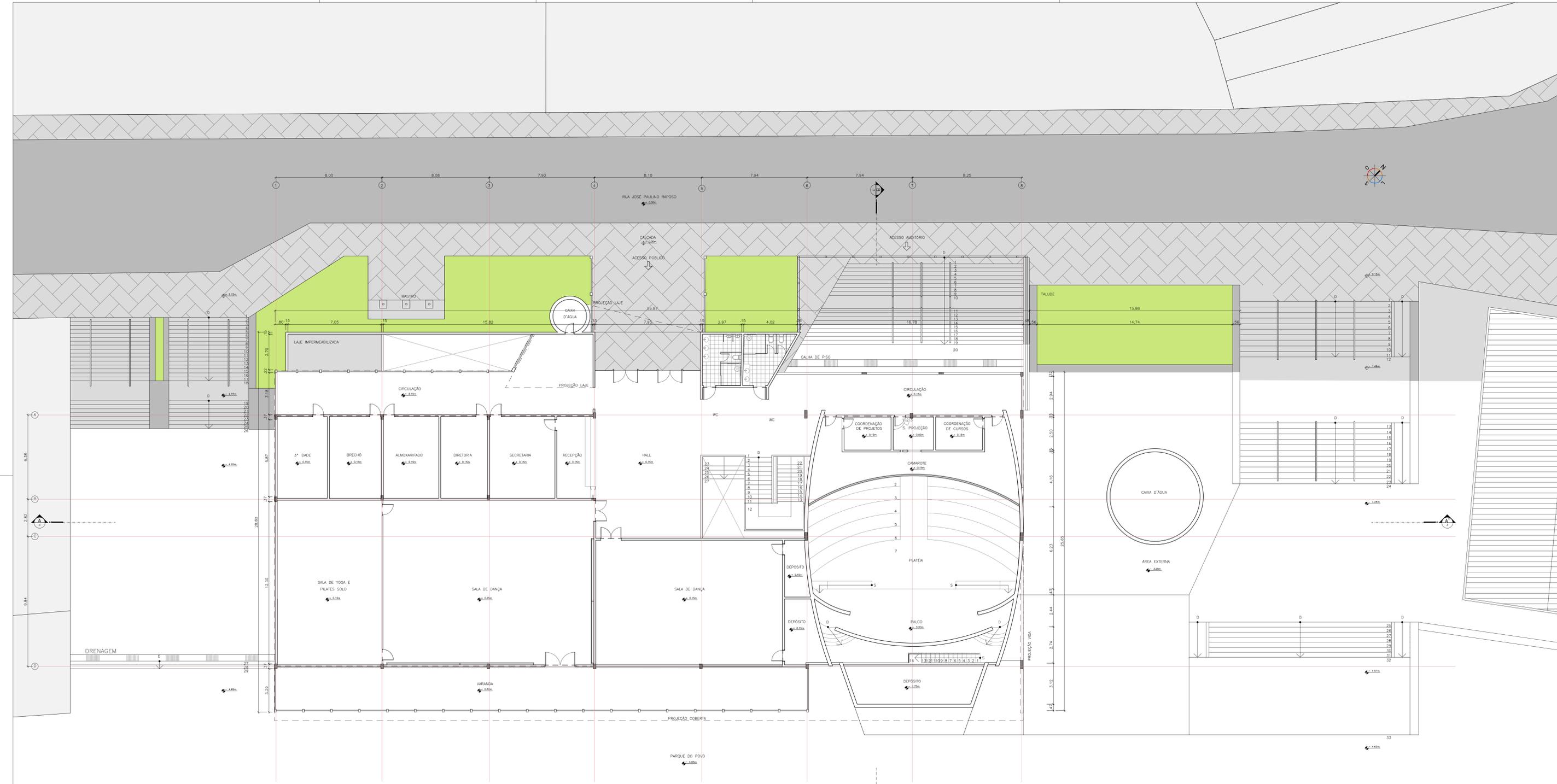
ALUNA: ANDREA CAROLINO DO MONTE (110210371)
ORIENTADOR: M^o. MARCUS VINÍCIUS DANTAS DE QUEIROZ

MAIO/2016



PROJETO DE : SITUAÇÃO ATUAL DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO
LOCAL: RUA PAULINO RAPOSO, S/N
BAIRRO: SÃO JOSÉ
CIDADE: CAMPINA GRANDE

DESENHO	ESCALA	QUADRO DE ÁREAS	
PLANTA BAIXA PAV. INFERIOR	1/125	Área do terreno	2.179,33m²
		Área construída	2.817m²
		Taxa de ocupação	72%
		Aproveitamento	1,17
		Permeabilidade	6%



03 PLANTA BAIXA - PAVIMENTO SUPERIOR
ESCALA: 1/25

QUADRO DE ÁREAS	
PAVIMENTO SUPERIOR	
ÁMBIENTE	ÁREA(m²)
Hall	150
Recepção	18
Secretaria	30
Diretoria	22
Almoxarifado	26
Brecho cultural	24
Salas de aulas	453
Banheiros	22
Salas de coordenação	18
Sala de projeção	8
Camarote	48
Depósitos	52
Varanda	130
Circulação	174
Caixa d'água	5
Jardim externo	170
TOTAL	1.350
PAVIMENTO INFERIOR	
ÁMBIENTE	ÁREA(m)
Hall	47
Banheiros	55
Casa de força	15
Jardim interno	37
Depósitos	17
Lanchonete	76
Cozinha	16
Salas de aulas	540
Varandas	237
Circulação	105
Foyer	58
Plateia	144
Falco	50
Caixas	24
Camarins	26
Banheiros camarins	14
Caixa d'água	6
TOTAL	1.467
ÁREA TOTAL EDIFICAÇÃO	2.817

REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO PRANCHA: 02/03

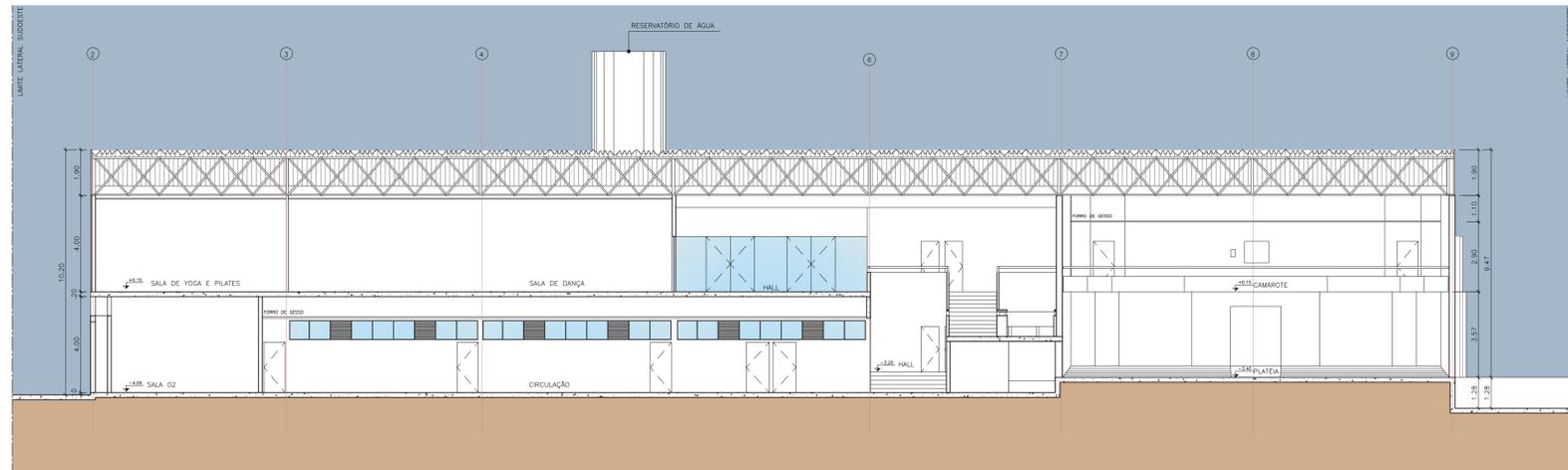
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CTRN/ UAEC/ CAU
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



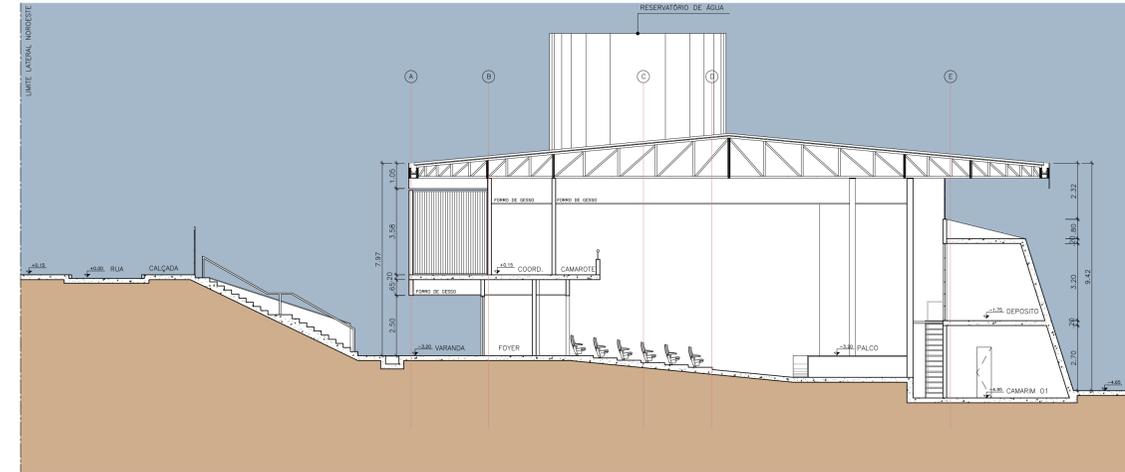
ALUNA: ANDREA CAROLINO DO MONTE (110210371)
ORIENTADOR: M^o. MARCUS VINÍCIUS DANTAS DE QUEIROZ
MAIO/2016

PROJETO DE : SITUAÇÃO ATUAL DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO
LOCAL: RUA PAULINO RAPOSO, S/N
BAIRRO: SÃO JOSÉ
CIDADE: CAMPINA GRANDE

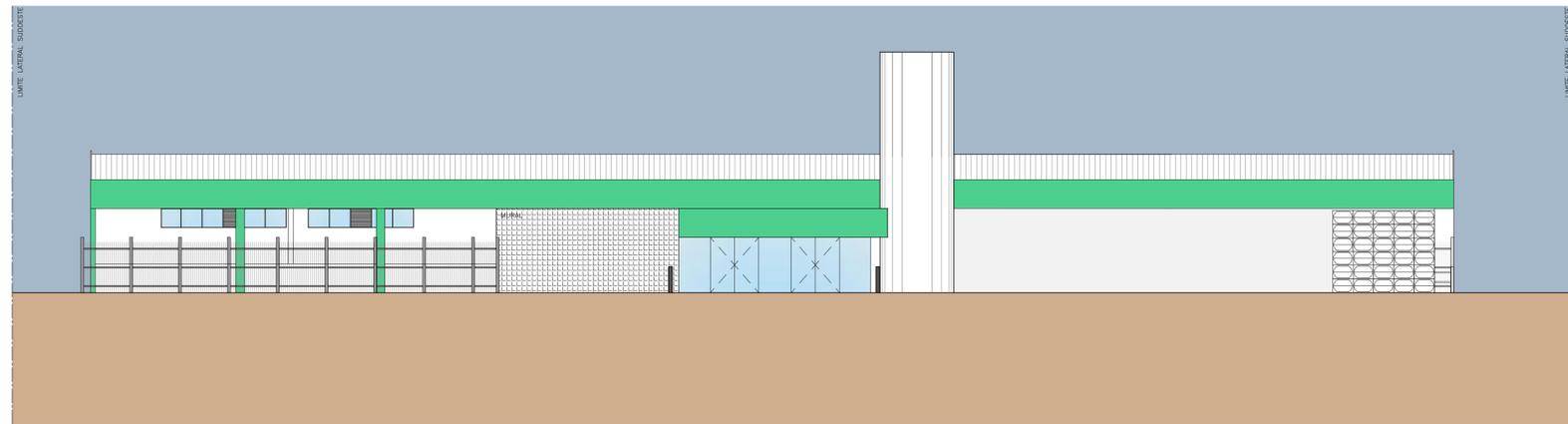
DESENHO	ESCALA	QUADRO DE ÁREAS	
PLANTA BAIXA PAV. SUPEIOR	1/125	Área do terreno	2.179,33m ²
		Área construída	2.817m ²
		Taxa de ocupação	72%
		Aproveitamento	1,17
		Permeabilidade	6%



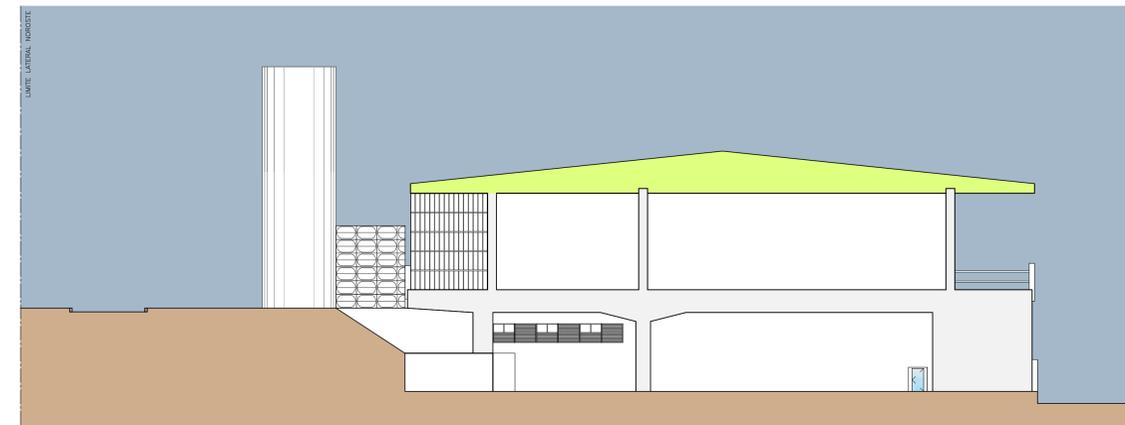
04 CORTE AA - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



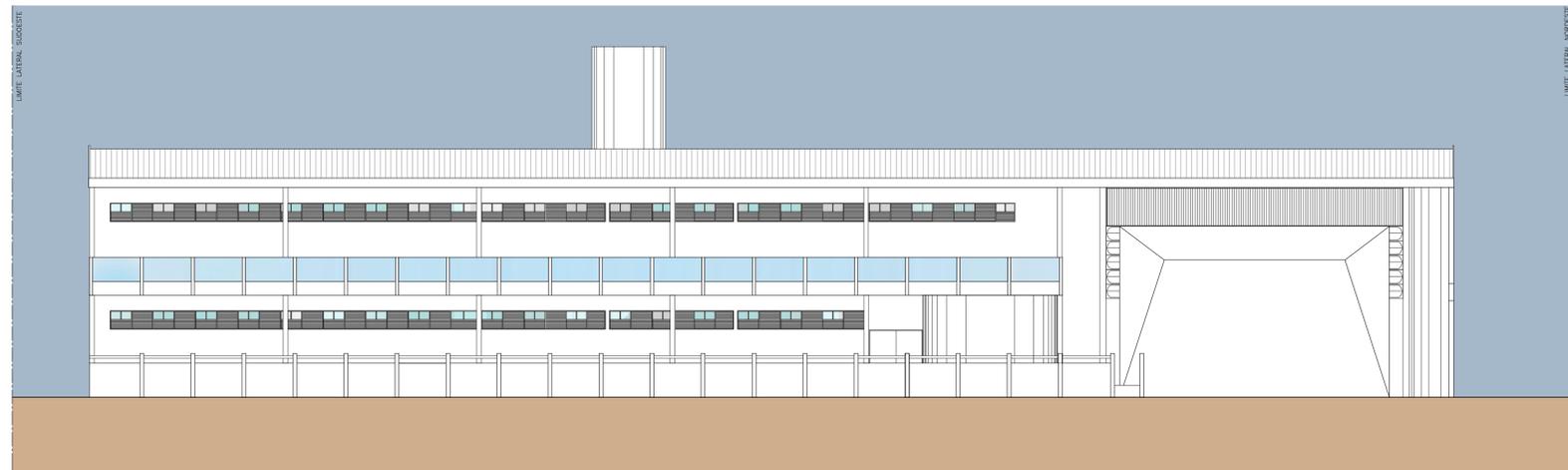
05 CORTE BB - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



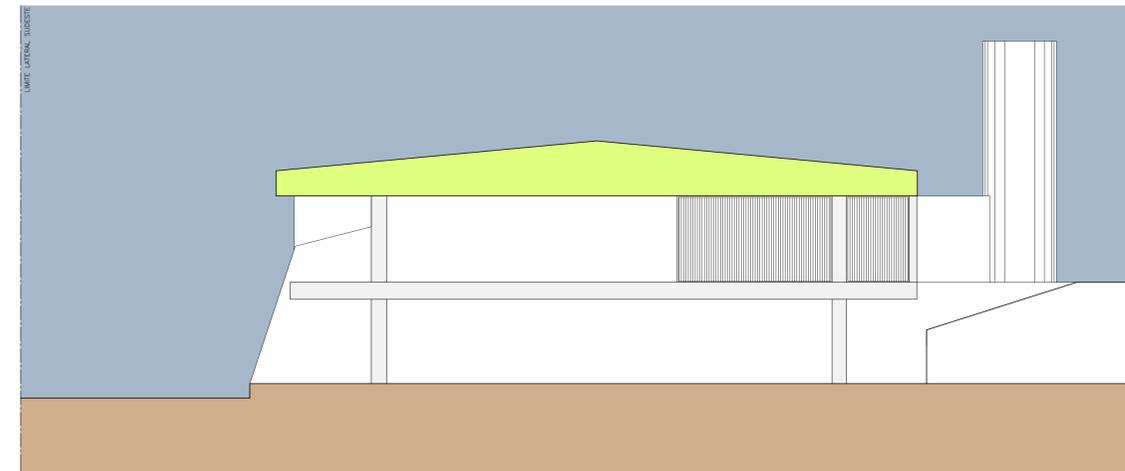
06 FACHADA NOROESTE - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



07 FACHADA SUDESTE - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



08 FACHADA SUDESTE - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



09 FACHADA NOROESTE - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125

QUADRO DE ÁREAS	
PAVIMENTO SUPERIOR	
Hall	150
Recepção	18
Secretaria	30
Diretoria	22
Armazenaria	26
Brecho cultural	24
Salas de aulas	453
Banheiros	22
Salas de coordenação	18
Sala de projeção	8
Camarote	48
Depósitos	52
Varanda	130
Circulação	174
Caixa d'água	5
Jardim externo	170
TOTAL	1.350
PAVIMENTO INFERIOR	
Hall	47
Banheiros	55
Casa de força	15
Jardim interno	37
Depósitos	17
Lanchonete	76
Cozinha	16
Salas de aulas	540
Varandas	237
Circulação	105
Foyer	58
Plateia	144
Palco	50
Caixas	24
Comarins	26
Banheiros camarins	14
Caixa d'água	6
TOTAL	1.467
ÁREA TOTAL EDIFICAÇÃO	2.817

REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO PRANCHA: 03/03

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CTR/ UAEC/ CAU
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

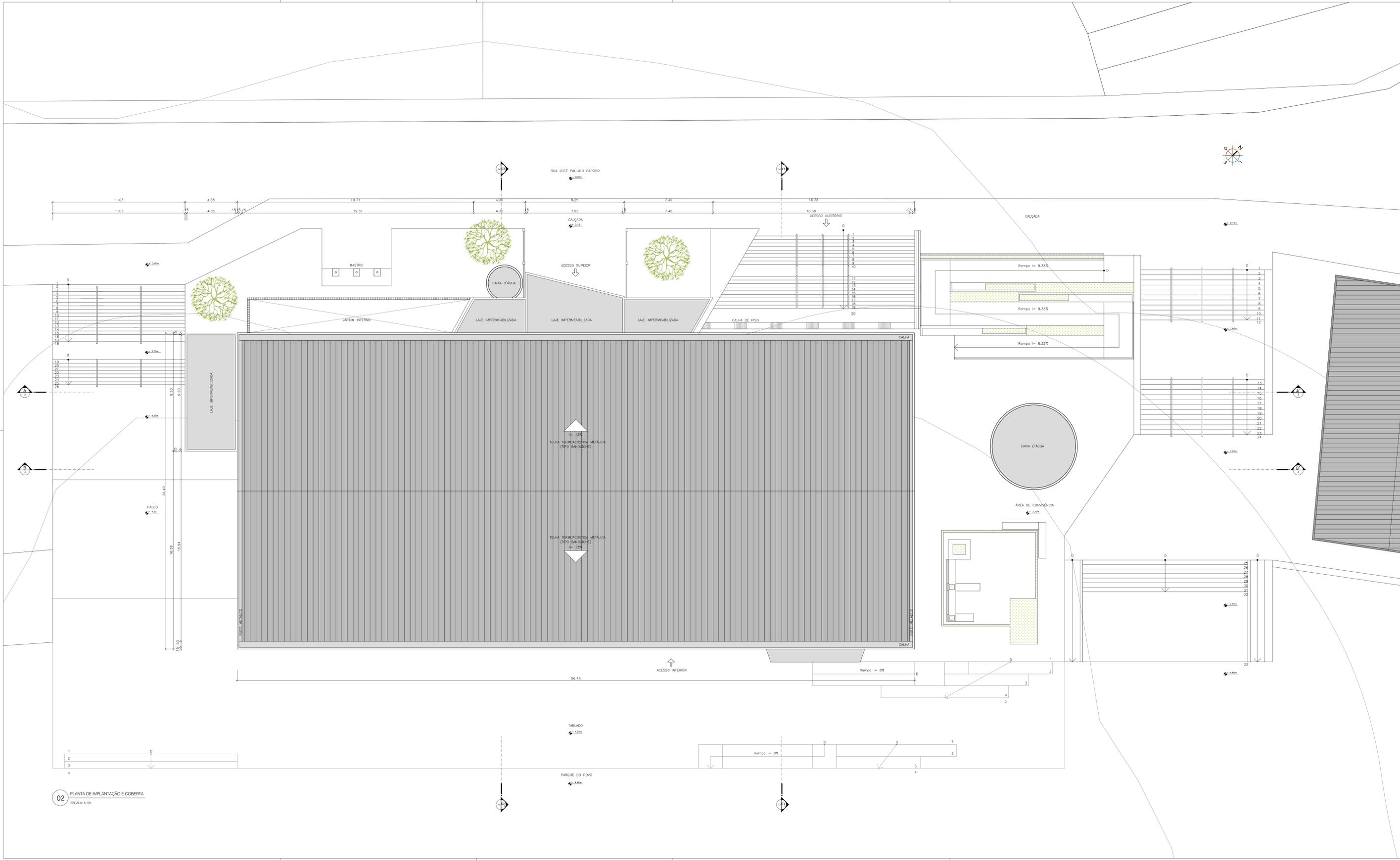


ALUNA: ANDREA CAROLINO DO MONTE (110210371)
ORIENTADOR: M^o. MARCUS VINÍCIUS DANTAS DE QUEIROZ

MAIO/2016

PROJETO DE : SITUAÇÃO ATUAL DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO
LOCAL: RUA PAULINO RAPOSO, S/N
BAIRRO: SÃO JOSÉ
CIDADE: CAMPINA GRANDE

DESENHO	ESCALA	QUADRO DE ÁREAS	
CORTE AA'	1/125	Área do terreno	2.179,33m ²
CORTE BB'	1/125	Área construída	2.817m ²
FACHADA NOROESTE	1/125	Taxa de ocupação	72%
FACHADA SUDESTE	1/125	Aproveitamento	1,17
FACHADA NORDESTE	1/125	Permeabilidade	6%
FACHADA SUDESTE	1/125		



01 PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA: 1/1000

02 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO E COBERTA
ESCALA: 1/125

REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO PRANCHA: 01/07

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CTR/ UAEC/ CAU
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

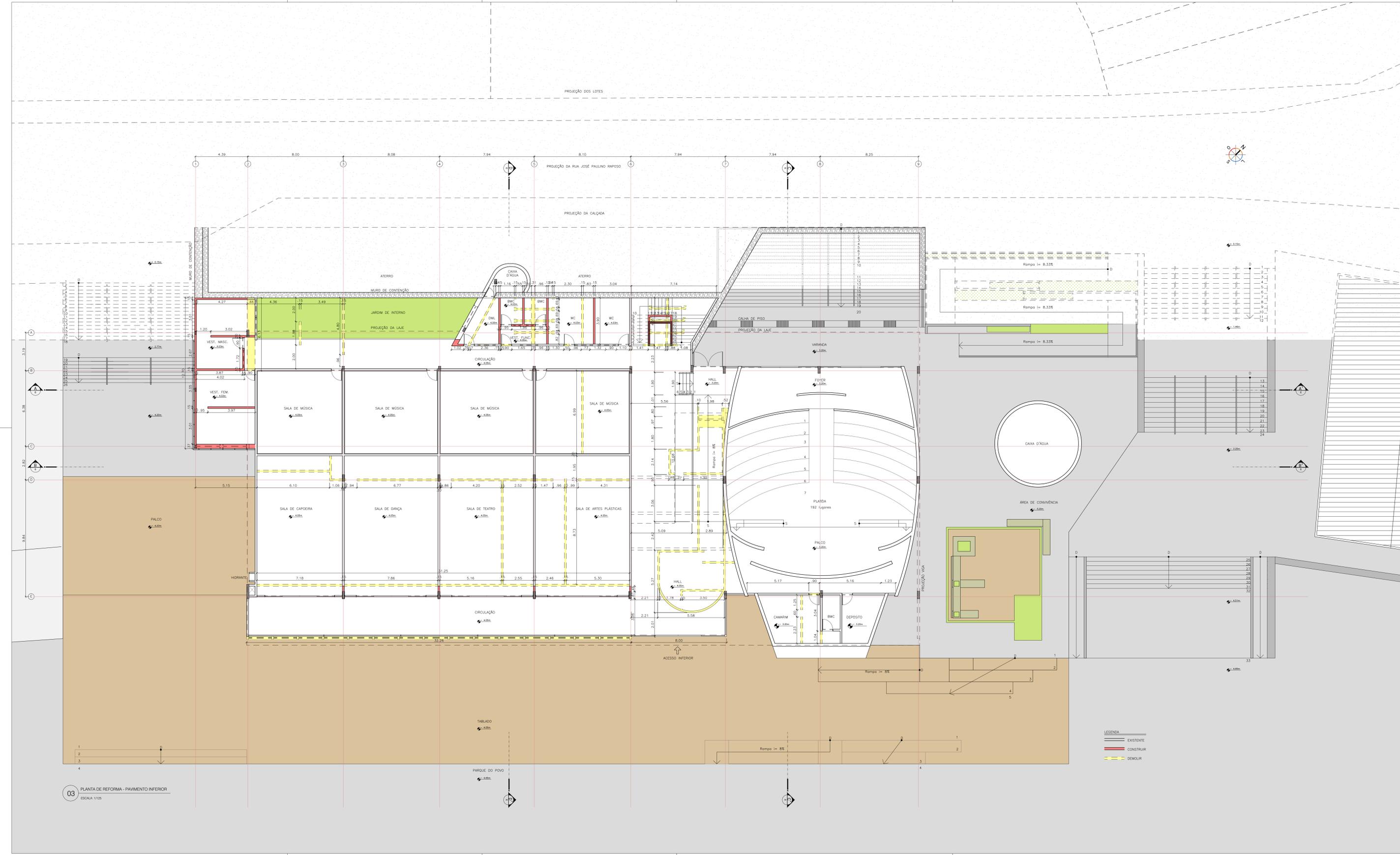
ALUNA: ANDREA CAROLINO DO MONTE (110210371)
ORIENTADOR: M^r. MARCUS VINÍCIUS DANTAS DE QUEIROZ

MAIO/2016



PROJETO DE : REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO
LOCAL: RUA PAULINO RAPOSO, S/N
BAIRRO: SÃO JOSÉ
CIDADE: CAMPINA GRANDE

DESENHO	ESCALA	QUADRO DE ÁREAS	
PLANTA DE SITUAÇÃO	1/750	Área do terreno	2.179,33m ²
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO E COBERTA 1/125	1/125	Área construída	3.857,99m ²
		Taxa de ocupação	74%
		Aproveitamento	1,77
		Permeabilidade	6%



QUADRO DE ÁREAS	
PAVIMENTO SUPERIOR	
Área técnica	41,01
Sala de máquinas	48,99
Armazenagem	25,84
Diretoria	21,91
Coordenação	27,28
Recepção/ Secretaria	13,22
Arquivo	11,94
Sala de dança e photos	302,29
Barneiros públicos	21,33
Biblioteca	34,78
Cineclube	44,83
Comunidade	48,63
Varanda	133,97
Circulação/ Hall	335,89
Caixa d'água	5,01
Jardim externo	170,05
TOTAL	1.301,53

PAVIMENTO INTERIOR	
Área técnica	41,01
Barneiros públicos	25,95
Barneiros funcionários	5,84
Barneiros funcionários	8,32
D.M.L.	9,29
Jardim interno	61,75
Caixa d'água	5,95
Sala de música	216,94
Sala de capoeira	85,32
Sala de dança	93,17
Sala de teatro	93,20
Sala de artes plásticas	92,91
Circulação/ Hall	397,64
Foyer	58,99
Plataea	146,01
Palco	44,60
Caixa	27,61
Comunidade	20,33
Barneiro camarim	4,33
Depósito	11,76
TOTAL	1.456,60

TABLADO	
Área Técnica	920,85
PALCO EXTERNO	160,01
ÁREA TOTAL	3.857,99

QUADRO DE ESQUADRIAS						
CÓDIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxH)mm	PETITOR(m)	QUANT.	MATERIAL	
ES01	1 folha de vidro	0,95 x 2,30	-	24	Moldura	
ES02	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,85 x 3,50	-	08	Alumínio e vidro	
ES03	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	7,85 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
ES04	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,90 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES05	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,40 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES06	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,75 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES07	2 folhas de vidro	1,60 x 2,30	-	02	Vidro temperado	
ES08	7 folhas (4 fixas, 3 giro)	0,90 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES09	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,10 x 2,30	-	02	Alumínio e vidro	
ES10	2 folhas de vidro	1,35 x 2,30	-	02	Vidro temperado	
ES11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,65 x 2,30	-	01	Alumínio e vidro	
ES12	2 folhas de vidro (gross)	2,60 x 2,30	-	01	Alumínio	
ES13	1 folha de vidro	0,72 x 2,30	-	01	Moldura	

JANELAS						
CÓDIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxH)mm	PETITOR(m)	QUANT.	MATERIAL	
J01	1 folha fixa veneziana	2,00 x 0,60	2,30m	05	Alumínio	
J02	3 folhas maxim-ar	1,50 x 0,50	1,80m	09	Alumínio e vidro	
J03	1 folha fixa veneziana	1,50 x 0,60	1,20m	06	Alumínio	
J04	1 folha maxim-ar	0,60 x 0,60	1,70	02	Alumínio	
J05	1 folha fixa	0,63 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J06	1 folha fixa	0,95 x 3,50	-	12	Alumínio	
J07	1 folha fixa	1,05 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
J08	Pano de vidro, 9 folhas (3 maxim-ar)	3,50 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J09	Pano de vidro, 12 folhas (4 maxim-ar)	4,95 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J10	Pano de vidro	7,85 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
J11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,50 x 0,60	1,70	06	Alumínio e vidro	
J12	Gratit 1 folha fixa	3,05 x 3,50	-	03	Alumínio	
J13	Gratit 1 folha fixa	4,45 x 3,50	-	05	Alumínio	
J14	Gratit 4 folhas (2 fixas, 2 corre)	3,05 x 3,50	1,00	06	Alumínio	

03 PLANTA DE REFORMA - PAVIMENTO INTERIOR
ESCALA: 1/125

REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO PRANCHA: 02/07

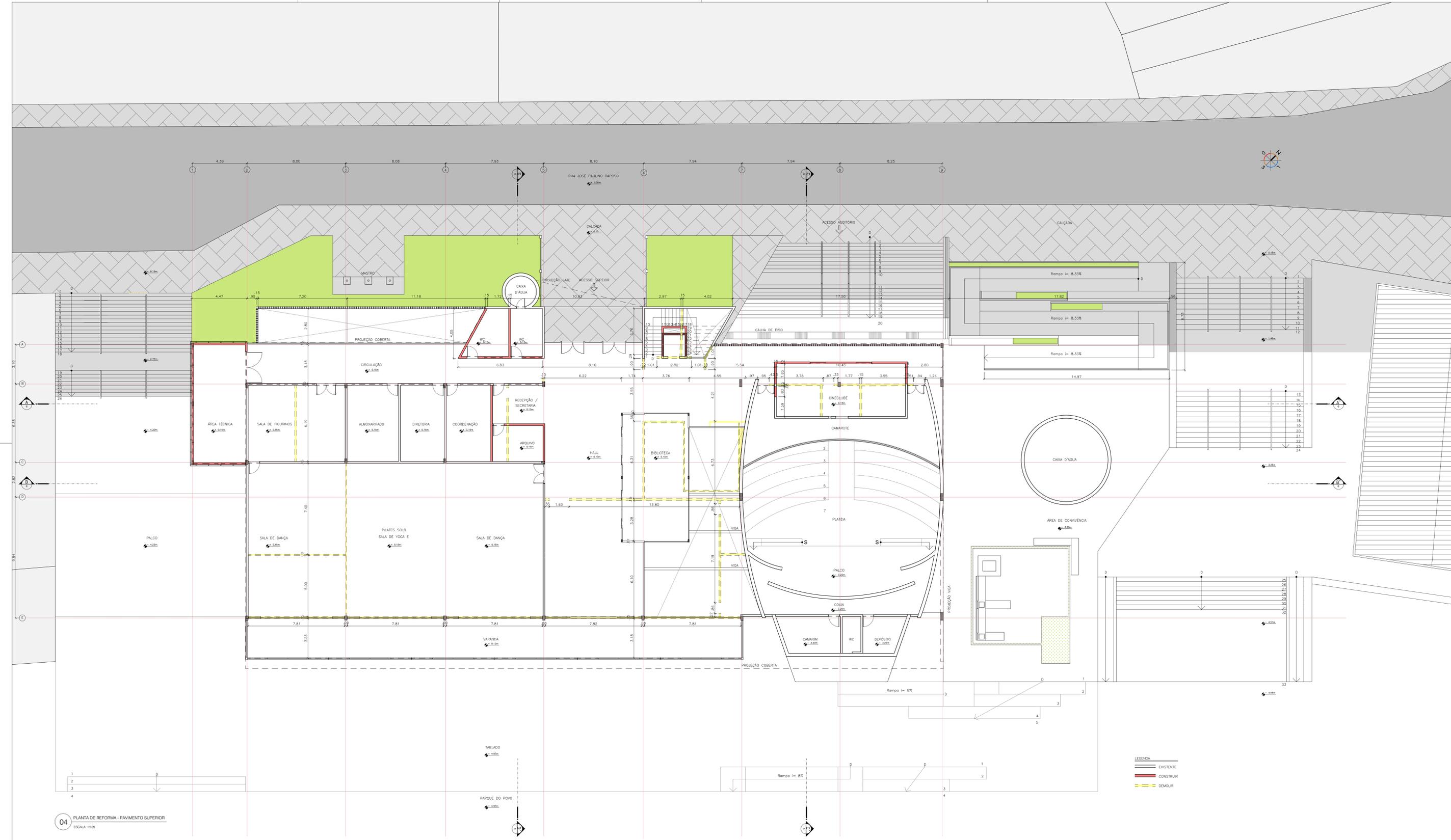
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CTRN/ UAEC/ CAU
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



ALUNA: ANDREA CAROLINO DO MONTE (110210371)
ORIENTADOR: M^o. MARCUS VINICIUS DANTAS DE QUEIROZ
MAIO/2016

PROJETO DE : REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO
LOCAL: RUA PAULINO RAPOSO, S/N
BAIRRO: SÃO JOSÉ
CIDADE: CAMPINA GRANDE

DESENHO	ESCALA	QUADRO DE ÁREAS	
PLANTA DE REFORMA PAV. INTERIOR 1/125	1/125	Área do terreno	2.179,33m ²
		Área construída	3.857,99m ²
		Taxa de ocupação	74%
		Aproveitamento	1,77
		Permeabilidade	6%



QUADRO DE ÁREAS	
PAVIMENTO SUPERIOR	
ÁREA TÉCNICA	41,01
Sala de Figuras	48,99
Almoxarifado	25,84
Diretoria	21,91
Coordenação	27,28
Recepção/ Secretaria	13,22
Arquivo	11,94
Sala de dança e pilates	302,59
Biblioteca	21,33
Biblioteca	54,78
Clube	44,83
Comarim	48,63
Varanda	133,97
Circulação/ Hall	335,89
Caixa d'água	5,01
terço externo	170,05
TOTAL	1.301,53

PAVIMENTO INTERIOR	
ÁREA	ÁREA(m²)
vestibulo público	56,25
Bornes público	25,95
vestibulo funcionários	5,84
Bornes funcionários	8,32
D.M.L.	9,29
terço interno	61,75
Caixa d'água	5,95
Sala de música	216,94
Sala de capoeira	65,32
Sala de dança	93,17
Sala de teatro	93,20
Sala de artes plásticas	92,91
Circulação/ Hall	397,64
Foyer	58,99
Plata	146,01
Plata	44,60
Caixa	27,61
Comarim	20,35
Bornes camarim	4,33
Depósito	11,76
TOTAL	1.456,60

TABLAÇO	920,85
PALCO EXTERNO	160,01
ÁREA TOTAL	3.857,99

QUADRO DE ESQUADRIAS						
CÓDIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxH)mm	PETORIL(m)	QUANT.	MATERIAL	
ES01	1 folha de vidro	0,95 x 2,30	-	24	Moldura	
ES02	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,85 x 3,50	-	08	Alumínio e vidro	
ES03	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	7,80 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
ES04	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,90 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES05	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,40 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES06	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,75 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES07	2 folhas de vidro	1,60 x 2,30	-	02	Vidro temperado	
ES08	7 folhas (4 fixas, 3 gir)	0,90 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES09	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,10 x 2,30	-	02	Alumínio e vidro	
ES10	2 folhas de vidro	1,35 x 2,30	-	02	Vidro temperado	
ES11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,65 x 2,30	-	01	Alumínio e vidro	
ES12	2 folhas de vidro (gross)	2,60 x 2,30	-	01	Alumínio	
ES13	1 folha de vidro	0,72 x 2,30	-	01	Moldura	

JANELAS						
CÓDIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxH)mm	PETORIL(m)	QUANT.	MATERIAL	
J01	1 folha fixa veneziana	2,00 x 0,60	2,30m	05	Alumínio	
J02	3 folhas maxim-ar	1,50 x 0,50	1,80m	09	Alumínio e vidro	
J03	1 folha fixa veneziana	1,50 x 0,60	1,20m	06	Alumínio	
J04	1 folha maxim-ar	0,60 x 0,60	1,70	02	Alumínio	
J05	1 folha fixa	0,63 x 1,50	-	02	Alumínio e vidro	
J06	1 folha fixa	0,95 x 3,50	-	12	Alumínio	
J07	1 folha fixa	1,05 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
J08	Pano de vidro, 9 folhas (3 maxim-ar)	3,50 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J09	Pano de vidro, 12 folhas (4 maxim-ar)	4,95 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J10	Pano de vidro	7,85 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
J11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,50 x 0,60	1,70	06	Alumínio e vidro	
J12	Grati 1 folha fixa	3,05 x 3,50	-	03	Alumínio	
J13	Grati 1 folha fixa	6,45 x 3,50	-	05	Alumínio	
J14	Grati 4 folhas (2 fixas, 2 corre)	3,05 x 3,50	1,00	06	Alumínio	

04 PLANTA DE REFORMA - PAVIMENTO SUPERIOR
ESCALA: 1/125

REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO PRANCHA: 03/07

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CTR/ UAEC/ CAU
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

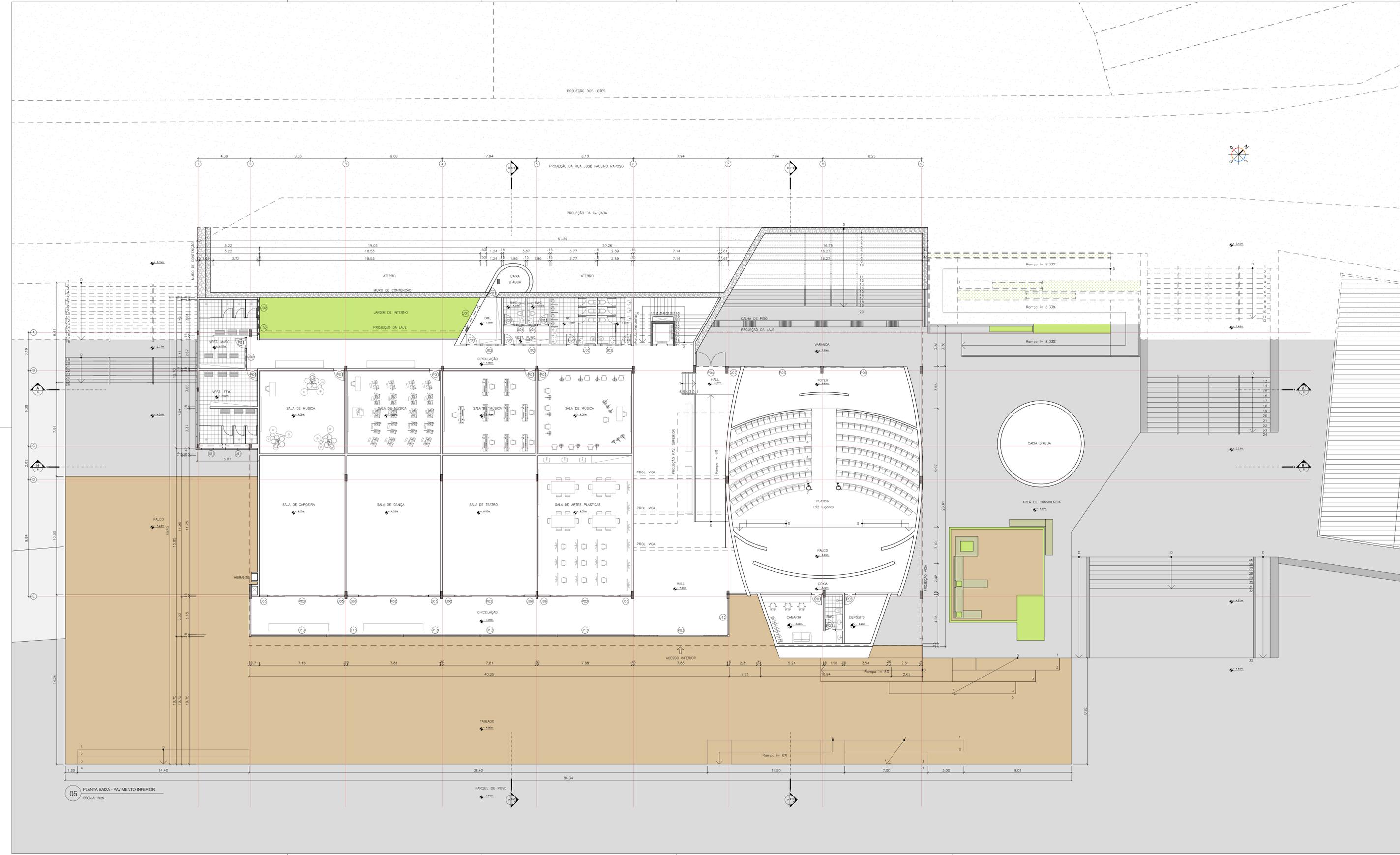


ALUNA: ANDREA CAROLINO DO MONTE (110210371)
ORIENTADOR: M^o. MARCUS VINICIUS DANTAS DE QUEIROZ

MAIO/2016

PROJETO DE : REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO
LOCAL: RUA PAULINO RAPOSO, S/N
BAIRRO: SÃO JOSÉ
CIDADE: CAMPINA GRANDE

DESENHO	ESCALA	QUADRO DE ÁREAS
PLANTA DE REFORMA PAV. SUPERIOR 1/125		Área do terreno 2.179,33m ² Área construída 3.857,99m ² Taxa de ocupação 74% Aproveitamento 1,77 Permeabilidade 6%



QUADRO DE ÁREAS	
PAVIMENTO SUPERIOR	
Área técnica	41,01
Sala de Figuras	48,99
Armazenado	25,84
Directoria	21,91
Comunicação	27,28
Recepção/ Secretaria	13,22
Arquivo	11,94
Sala de dança e photos	302,59
Banheiros públicos	21,33
Biblioteca	54,74
Cineclube	44,83
Comarata	48,63
Varanda	133,97
Circulação/ Hall	335,89
Caixa d'água	5,01
Jardim externo	170,05
TOTAL	1.301,53

PAVIMENTO INFERIOR	
Área técnica	56,23
Banheiros públicos	25,95
Banheiros funcionários	5,84
Banheiros funcionários	8,32
S.M.L.	9,29
Jardim interno	61,75
Caixa d'água	5,95
Sala de música	216,94
Sala de capoeira	65,32
Sala de dança	93,17
Sala de teatro	53,20
Sala de artes plásticas	92,91
Circulação/ Hall	397,64
Foyer	58,99
Plataea	146,01
Palco	44,60
Caixa	27,61
Comarata	20,35
Banheiro camarim	4,33
Depósito	11,76
TOTAL	1.456,60

TABLAÇO	
PAVIMENTO INTERNO	320,85
PAVIMENTO EXTERNO	160,01
ÁREA TOTAL	3.857,99

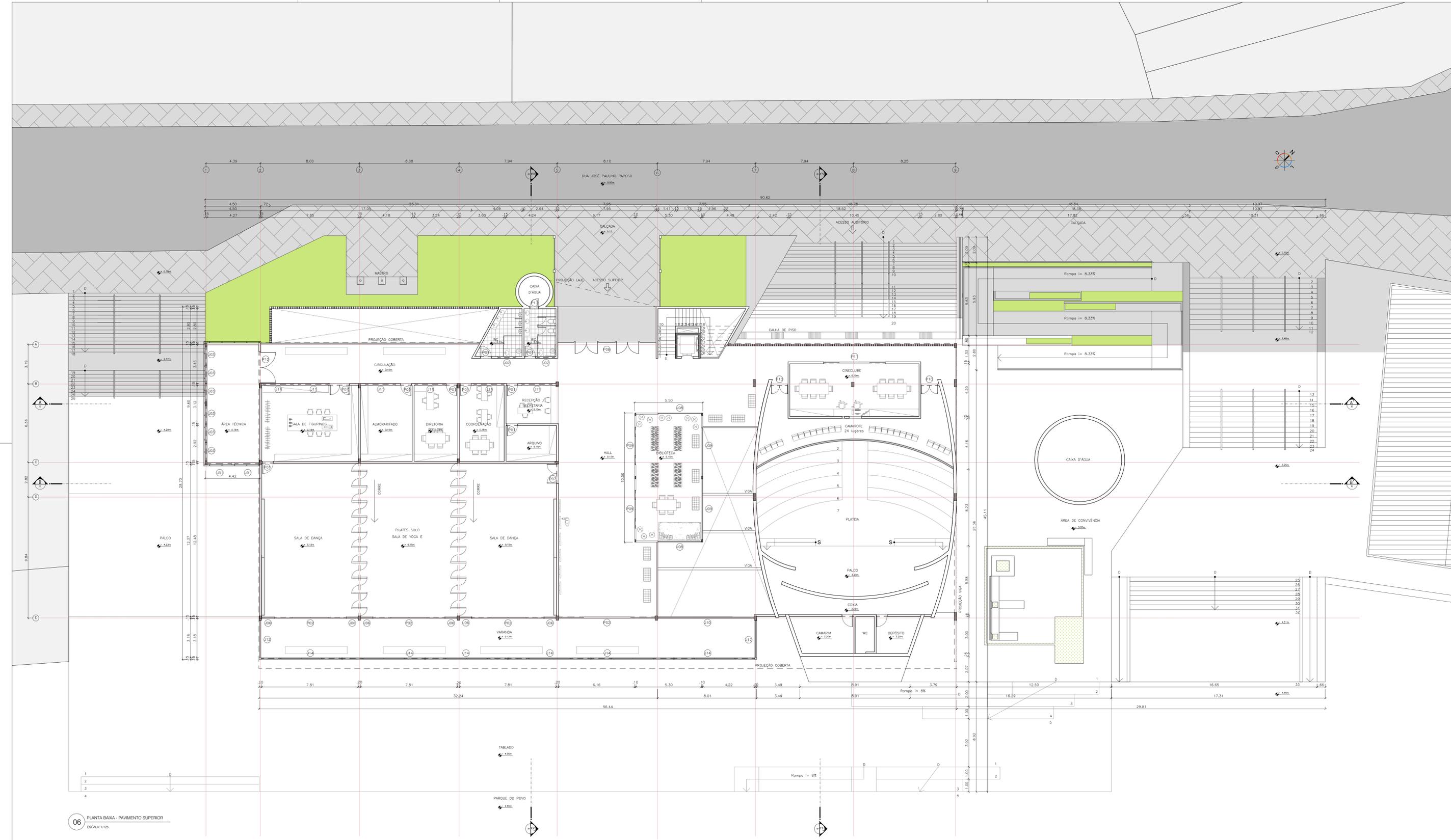
QUADRO DE ESQUADRIAS						
CÓDIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxH) (m)	PETITORIA (m)	QUANT.	MATERIAL	
ES01	1 folha de vidro	0,95 x 2,30	-	24	Madeira	
ES02	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,85 x 3,50	-	08	Alumínio e vidro	
ES03	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	7,80 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
ES04	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,50 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES05	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,40 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES06	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,75 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES07	2 folhas de vidro	1,60 x 2,30	-	02	Vidro temperado	
ES08	7 folhas (4 fixas, 3 girar)	0,90 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
ES09	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,10 x 2,30	-	02	Alumínio e vidro	
ES10	2 folhas de vidro	1,35 x 2,30	-	02	Vidro temperado	
ES11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,65 x 2,30	-	01	Alumínio e vidro	
ES12	2 folhas de vidro (gratid)	2,60 x 2,30	-	01	Alumínio	
ES13	1 folha de vidro	0,72 x 2,30	-	01	Madeira	

JANELAS						
CÓDIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxH) (m)	PETITORIA (m)	QUANT.	MATERIAL	
J01	1 folha fixa veneziana	2,00 x 0,60	2,30m	05	Alumínio	
J02	3 folhas maxim-ar	1,50 x 0,50	1,80m	06	Alumínio e vidro	
J03	1 folha fixa veneziana	1,50 x 0,60	1,20m	06	Alumínio	
J04	1 folha maxim-ar	0,60 x 0,60	1,70	02	Alumínio	
J05	1 folha fixa	2,63 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J06	1 folha fixa	0,95 x 3,50	-	12	Alumínio	
J07	1 folha fixa	1,05 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
J08	Pano de vidro, 9 folhas (3 maxim-ar)	3,50 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J09	Pano de vidro, 12 folhas (4 maxim-ar)	4,95 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J10	Pano de vidro	7,85 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
J11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,50 x 0,60	1,70	06	Alumínio e vidro	
J12	Gratid 1 folha fixa	3,05 x 3,50	-	03	Alumínio	
J13	Gratid 1 folha fixa	6,45 x 3,50	-	05	Alumínio	
J14	Gratid 4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,05 x 3,50	1,00	06	Alumínio	

05 PLANTA BAIXA - PAVIMENTO INFERIOR
ESCALA: 1/125



PROJETO DE :	REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO											
LOCAL:	RUA PAULINO RAPOSO, S/N											
BAIRRO:	SÃO JOSÉ											
CIDADE:	CAMPINA GRANDE											
DESENHO	ESCALA	QUADRO DE ÁREAS										
PLANTA BAIXA PAV. INFERIOR	1/125	<table border="1"> <tr> <td>Área do terreno</td> <td>2.179,33m²</td> </tr> <tr> <td>Área construída</td> <td>3.857,99m²</td> </tr> <tr> <td>Taxa de ocupação</td> <td>74%</td> </tr> <tr> <td>Aproveitamento</td> <td>1,77</td> </tr> <tr> <td>Permeabilidade</td> <td>6%</td> </tr> </table>	Área do terreno	2.179,33m ²	Área construída	3.857,99m ²	Taxa de ocupação	74%	Aproveitamento	1,77	Permeabilidade	6%
Área do terreno	2.179,33m ²											
Área construída	3.857,99m ²											
Taxa de ocupação	74%											
Aproveitamento	1,77											
Permeabilidade	6%											



QUADRO DE ÁREAS	
PAVIMENTO SUPERIOR	
Área Técnica	41,01
Sala de Figurinos	48,59
Armazenado	25,84
Diretoria	21,91
Coordenação	27,28
Recepção/ Secretaria	13,22
Arquivo	11,94
Sala de dança e pilates	302,59
Banheiros públicos	21,33
Biblioteca	54,78
Cafeteria	44,83
Comarata	48,63
Varanda	133,97
Circulatório/ Hall	335,89
Caixa d'água	5,01
Varão externo	170,05
TOTAL	1.301,53
PAVIMENTO INFERIOR	
Área Técnica	41,01
Verônica públicas	56,25
Banheiros públicos	25,95
Verônica funcionários	5,84
Banheiros funcionários	8,32
D.M.L.	9,29
Varão interno	61,75
Caixa d'água	5,95
Sala de música	216,94
Sala de capoeira	65,32
Sala de dança	93,17
Sala de teatro	93,20
Sala de artes plásticas	92,91
Circulatório/ Hall	397,64
Foyer	58,99
Plataforma	146,01
Palco	44,60
Caixa	27,61
Consumo	20,35
Banheiro camarim	4,33
Depósito	11,76
TOTAL	1.456,60
TABLADO	930,85
PALCO EXTERNO	160,01
ÁREA TOTAL	3.857,99

QUADRO DE ESQUADRIAS						
CÓDIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxHxM)	PETITORIAL(m)	QUANT.	MATERIAL	
P01	1 folha de vidro	0,95 x 2,30	-	24	Moldura	
P02	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,85 x 3,50	-	08	Alumínio e vidro	
P03	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	7,80 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
P04	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,30 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
P05	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,40 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
P06	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,75 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
P07	2 folhas de vidro	1,60 x 2,30	-	02	Vidro temperado	
P08	7 folhas (4 fixas, 3 gir)	0,90 x 2,30	-	01	Vidro temperado	
P09	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,10 x 2,30	-	02	Alumínio e vidro	
P10	2 folhas de vidro	1,35 x 2,30	-	02	Vidro temperado	
P11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,65 x 2,30	-	01	Alumínio e vidro	
P12	2 folhas de vidro (grat)	2,60 x 2,30	-	01	Alumínio	
P13	1 folha de vidro	0,72 x 2,30	-	01	Moldura	
CÓDIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxHxM)	PETITORIAL(m)	QUANT.	MATERIAL	
J01	1 folha fixa veneziana	2,00 x 0,60	2,30m	05	Alumínio	
J02	3 folhas maxím-ar	1,50 x 0,50	1,80m	06	Alumínio e vidro	
J03	1 folha fixa veneziana	1,50 x 0,60	1,20m	06	Alumínio	
J04	1 folha maxím-ar	0,60 x 0,60	1,70	02	Alumínio	
J05	1 folha fixa	0,63 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J06	1 folha fixa	0,95 x 3,50	-	12	Alumínio	
J07	1 folha fixa	1,05 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
J08	Pano de vidro, 9 folhas (3 maxím-ar)	3,50 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J09	Pano de vidro, 12 folhas (4 maxím-ar)	4,95 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro	
J10	Pano de vidro	7,85 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro	
J11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,50 x 0,60	1,70	06	Alumínio e vidro	
J12	Gratil 1 folha fixa	3,05 x 3,50	-	03	Alumínio	
J13	Gratil 1 folha fixa	4,45 x 3,50	-	05	Alumínio	
J14	Gratil 4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,05 x 3,50	1,00	06	Alumínio	

06 PLANTA BAIXA - PAVIMENTO SUPERIOR
ESCALA: 1/125

REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO PRANCHA: 05/07

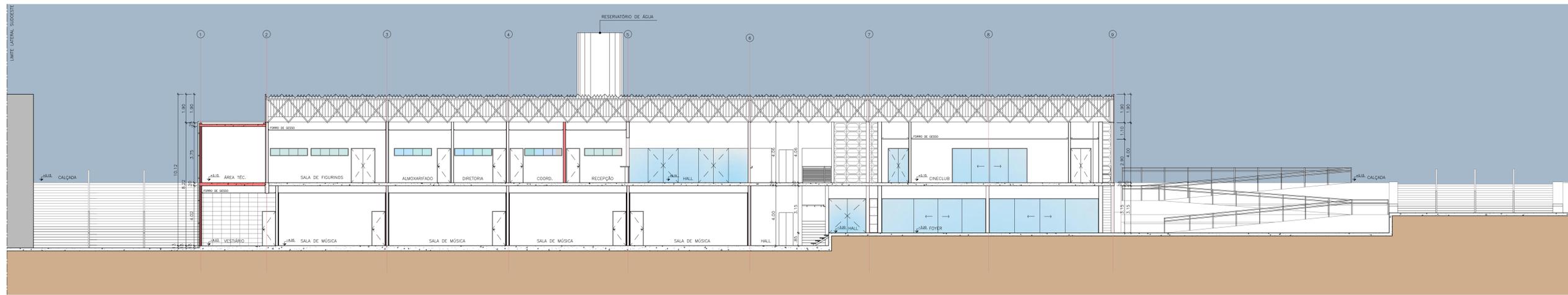
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CTR/ UAEC/ CAU
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALUNA: ANDREA CAROLINO DO MONTE (110210371)
ORIENTADOR: M^o. MARCUS VINICIUS DANTAS DE QUEIROZ

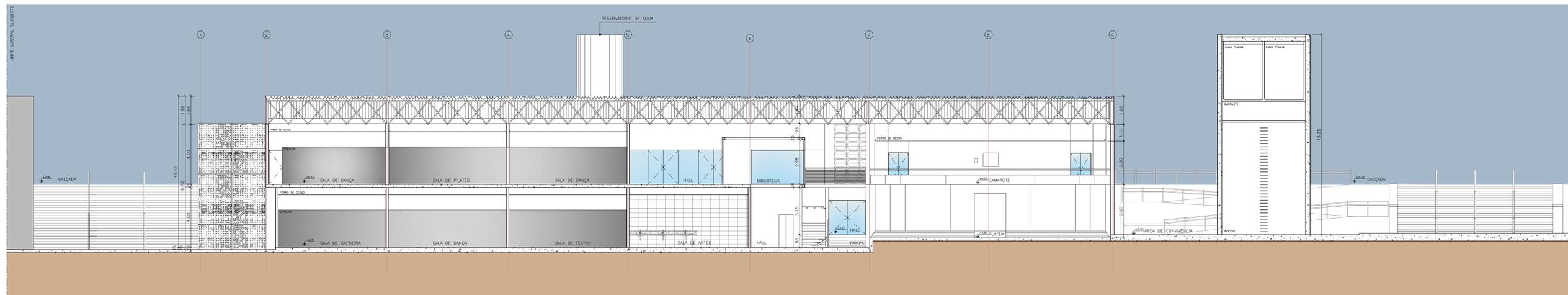
MAIO/2016

PROJETO DE : REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO
LOCAL: RUA PAULINO RAPOSO, S/N
BAIRRO: SÃO JOSÉ
CIDADE: CAMPINA GRANDE

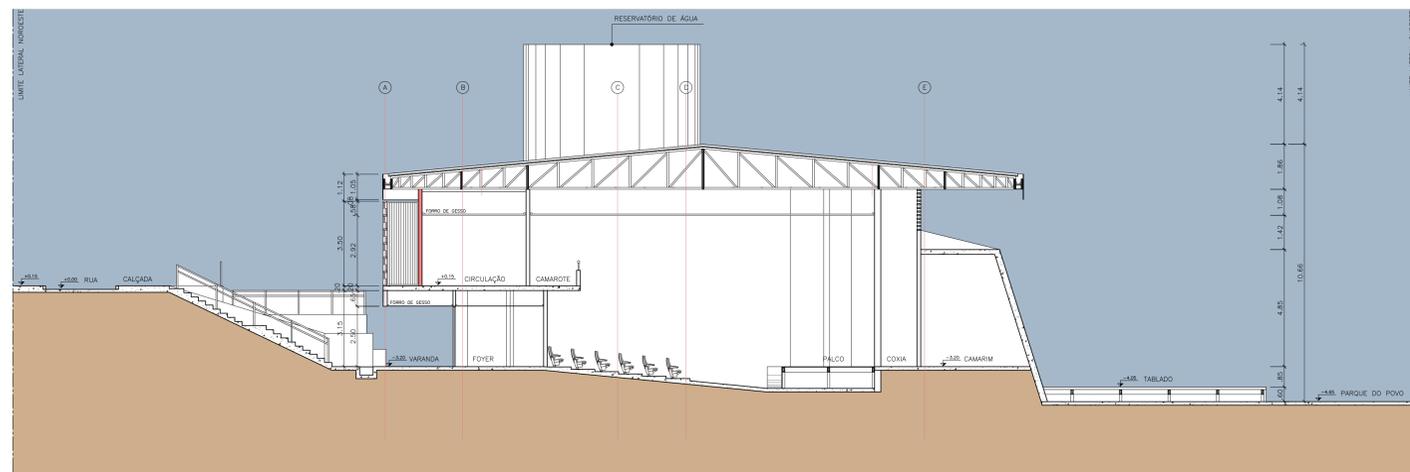
DESENHO	ESCALA	QUADRO DE ÁREAS										
PLANTA BAIXA PAV. SUPERIOR	1/125	<table border="1"> <tr> <td>Área do terreno</td> <td>2.179,33m²</td> </tr> <tr> <td>Área construída</td> <td>3.857,99m²</td> </tr> <tr> <td>Taxa de ocupação</td> <td>74%</td> </tr> <tr> <td>Aproveitamento</td> <td>1,77</td> </tr> <tr> <td>Permeabilidade</td> <td>6%</td> </tr> </table>	Área do terreno	2.179,33m ²	Área construída	3.857,99m ²	Taxa de ocupação	74%	Aproveitamento	1,77	Permeabilidade	6%
Área do terreno	2.179,33m ²											
Área construída	3.857,99m ²											
Taxa de ocupação	74%											
Aproveitamento	1,77											
Permeabilidade	6%											



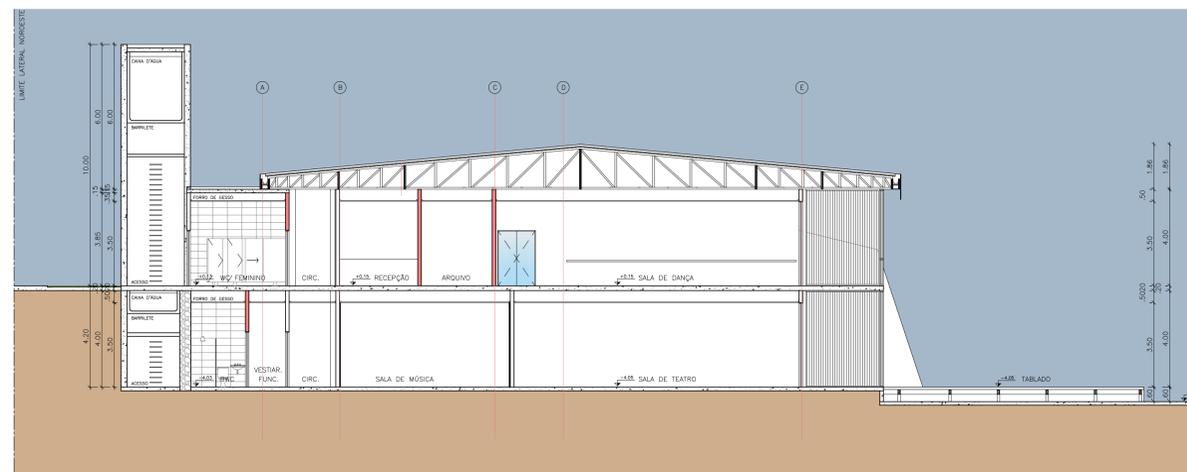
07 CORTE AA - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



08 CORTE BB - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



09 CORTE CC - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



10 CORTE DD - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125

QUADRO DE ÁREAS

PAVIMENTO SUPERIOR	ÁREA(m²)
AMBIENTE	41,21
Área técnica	48,99
Almoxarifado	25,84
Diretoria	21,91
Coordenação	27,78
Recepção/ Secretaria	13,22
Arquiteto	11,94
Sala de dança e plates	302,59
Bornes públicos	21,33
Biblioteca	34,74
Cineclube	44,83
Comunidade	48,63
Varanda	133,97
Circulação/ Hall	335,89
Caixa d'água	5,01
Área externa	170,05
TOTAL	1.301,53

PAVIMENTO INFERIOR	ÁREA(m²)
AMBIENTE	56,23
vestibulo público	25,95
vestibulo funcionários	5,84
Bornes funcionários	8,32
D.M.	9,25
vestim interno	61,75
Caixa d'água	5,95
Sala de música	216,94
Sala de capoeira	65,32
Sala de dança	93,17
Sala de teatro	93,20
Sala de artes plásticas	92,91
Circulação/ Hall	397,64
Foyer	58,99
Plataforma	146,01
Rampa	44,60
Caixa	27,61
Comunidade	20,35
Bornes camarim	4,33
Depósito	11,76
TOTAL	1.456,60

TABLADO	ÁREA
TABLADO	920,85
PALCO EXTERNO	160,01
ÁREA TOTAL	3.857,99

QUADRO DE ESQUADRIAS

CODIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxH)mm	PETORIL(m)	QUANT.	MATERIAL
P01	1 folha de vidro	0,95 x 2,30	-	24	Moldura
P02	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,85 x 3,50	-	08	Alumínio e vidro
P03	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	7,85 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro
P04	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,30 x 2,30	-	01	Vidro temperado
P05	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,40 x 2,30	-	01	Vidro temperado
P06	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,75 x 2,30	-	01	Vidro temperado
P07	2 folhas de vidro	1,60 x 2,30	-	02	Vidro temperado
P08	7 folhas (4 fixas, 3 giro)	0,90 x 2,30	-	01	Vidro temperado
P09	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	1,10 x 2,30	-	02	Alumínio e vidro
P10	2 folhas de vidro	1,35 x 2,30	-	02	Vidro temperado
P11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,65 x 2,30	-	01	Alumínio e vidro
P12	2 folhas de vidro (gradil)	2,60 x 2,30	-	01	Alumínio
P13	1 folha de vidro	0,72 x 2,30	-	01	Moldura

CODIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxH)mm	PETORIL(m)	QUANT.	MATERIAL
J01	1 folha fixa veneziana	2,00 x 0,60	2,30m	05	Alumínio
J02	3 folhas maxím-ar	1,50 x 0,50	1,80m	09	Alumínio e vidro
J03	1 folha fixa veneziana	1,50 x 0,60	1,20m	06	Alumínio
J04	1 folha maxím-ar	0,60 x 0,60	1,70	02	Alumínio
J05	1 folha fixa	0,63 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro
J06	1 folha fixa	0,95 x 3,50	-	12	Alumínio
J07	1 folha fixa	1,05 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro
J08	Pano de vidro, 9 folhas (3 maxím-ar)	3,50 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro
J09	Pano de vidro, 12 folhas (4 maxím-ar)	4,95 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro
J10	Pano de vidro	7,85 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro
J11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,50 x 0,60	1,70	06	Alumínio e vidro
J12	Gradil 1 folha fixa	3,05 x 3,50	-	03	Alumínio
J13	Gradil 1 folha fixa	6,45 x 3,50	-	05	Alumínio
J14	Gradil 4 folhas (2 fixas, 2 corre)	3,05 x 3,50	1,00	06	Alumínio

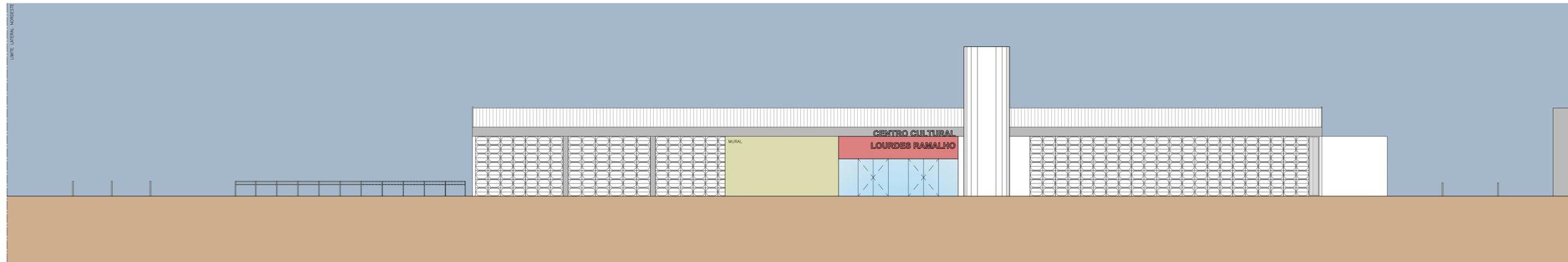
REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO PRANCHA: 06/07

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CTR/ UAEC/ CAU
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ALUNA: ANDREA CAROLINO DO MONTE (110210371)
ORIENTADOR: M^{sc}. MARCUS VINICIUS DANTAS DE QUEIROZ

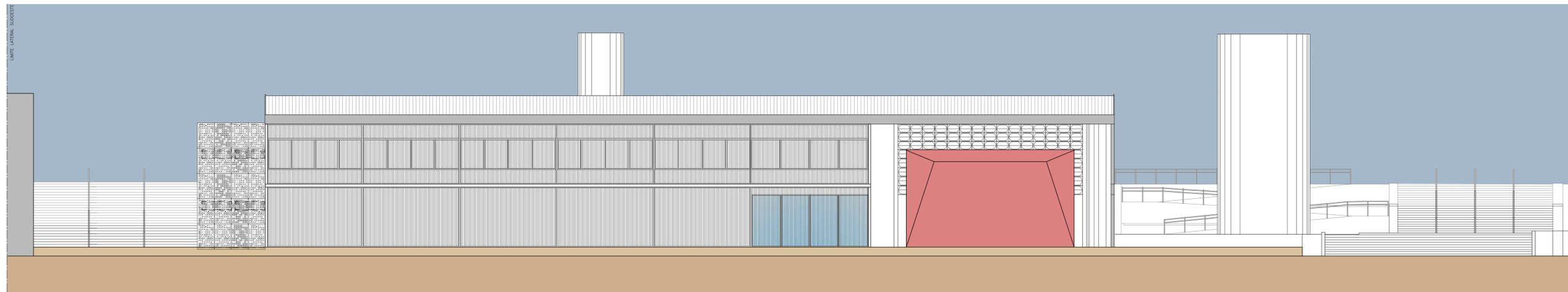


MAIO/2016
PROJETO DE : REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO
LOCAL: RUA PAULINO RAPOSO, S/N
BAIRRO: SÃO JOSÉ
CIDADE: CAMPINA GRANDE

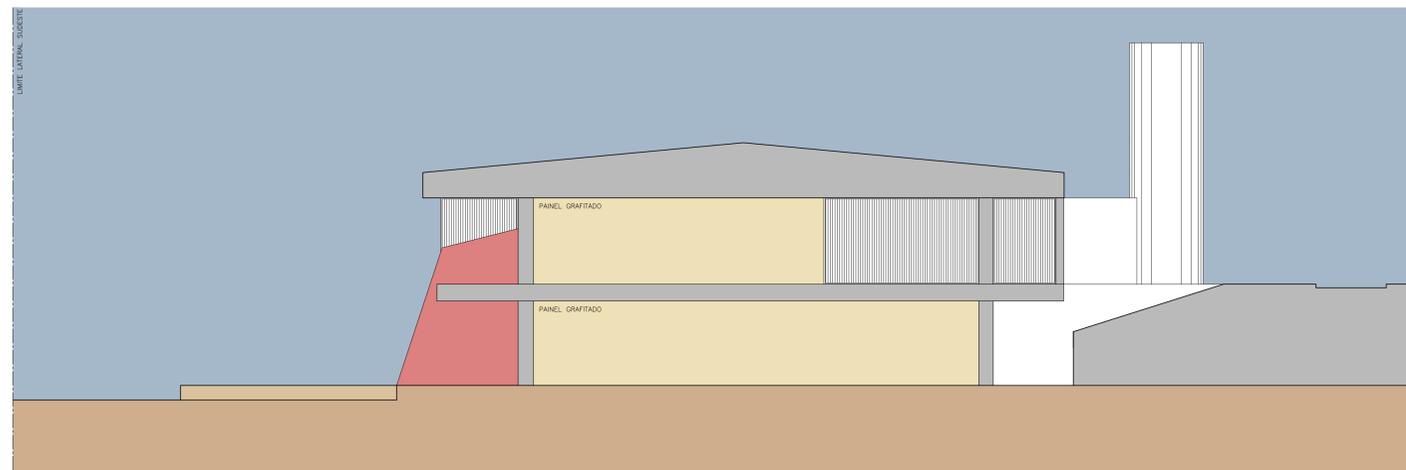
DESENHO	ESCALA	QUADRO DE ÁREAS	
CORTE AA'	1/125	Área do terreno	2.179,33m²
CORTE BB'	1/125	Área construída	3.857,99m²
CORTE CC'	1/125	Taxa de ocupação	74%
CORTE DD'	1/125	Aproveitamento	1,77
		Permeabilidade	6%



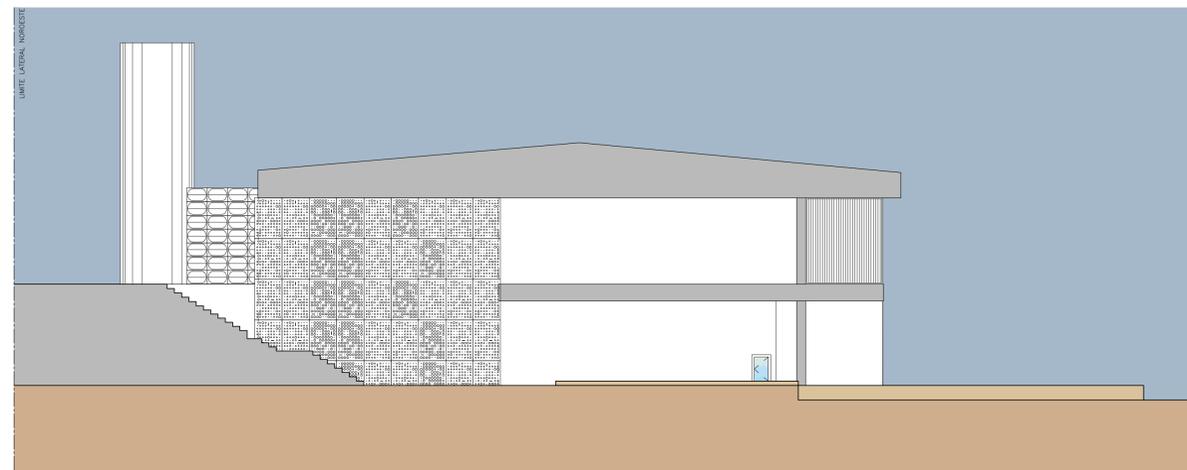
11 FACHADA NOROESTE - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



12 FACHADA SUDESTE - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



13 FACHADA NOROESTE - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125



14 FACHADA SUOESTE - CENTRO CULTURAL
ESCALA: 1/125

QUADRO DE ÁREAS

PAVIMENTO SUPERIOR	ÁREA(m²)
AMBIENTE	41,01
Área técnica	48,99
Almoxarifado	25,84
Diretoria	21,91
Coordenação	27,78
Recepção/ Secretaria	13,22
Arquivo	11,94
Sala de dança e pilates	302,59
Banheiros públicos	21,33
Biblioteca	54,74
Oficinas	44,83
Comunidade	48,63
Varanda	133,97
Circulação/ Hall	335,89
Caixa d'água	5,01
Jardim externo	170,05
TOTAL	1.301,53

PAVIMENTO INFERIOR	ÁREA(m²)
AMBIENTE	56,25
Banheiros públicos	25,95
Banheiros funcionários	5,84
Banheiros funcionários	8,32
D.M.L.	9,25
Jardim interno	61,75
Caixa d'água	5,95
Sala de música	216,94
Sala de capoeira	65,32
Sala de dança	93,17
Sala de teatro	13,20
Sala de artes plásticas	92,91
Circulação/ Hall	397,64
Foyer	58,99
Plataforma	146,01
Plata	44,60
Caixa	27,61
Comunicação	20,35
Banheiro camarim	4,33
Depósito	11,76
TOTAL	1.456,60

TABLAÇO	920,85
PALCO EXTERNO	160,01
ÁREA TOTAL	3.857,99

QUADRO DE ESQUADRIAS

CÓDIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxH)m	PETITOR(m)	QUANT.	MATERIAL
P01	1 folha de vidro	0,95 x 2,30	-	24	Madeira
P02	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	3,85 x 3,50	-	08	Alumínio e vidro
P03	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	7,85 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro
P04	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,30 x 2,30	-	01	Vidro temperado
P05	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,40 x 2,30	-	01	Vidro temperado
P06	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	6,75 x 2,30	-	01	Vidro temperado
P07	2 folhas de vidro	1,60 x 2,30	-	02	Vidro temperado
P08	7 folhas (4 fixas, 3 giro)	0,90 x 2,30	-	01	Vidro temperado
P09	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	1,10 x 2,30	-	02	Alumínio e vidro
P10	2 folhas de vidro	1,35 x 2,30	-	02	Vidro temperado
P11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,65 x 2,30	-	01	Alumínio e vidro
P12	2 folhas de vidro (gradil)	2,60 x 2,30	-	01	Alumínio
P13	1 folha de vidro	0,72 x 2,30	-	01	Madeira

CÓDIGO	FUNCIONAMENTO	DIMENSÕES (LxH)m	PETITOR(m)	QUANT.	MATERIAL
J01	1 folha fixa veneziana	2,00 x 0,60	2,30m	05	Alumínio
J02	3 folhas maxim-ar	1,50 x 0,50	1,80m	09	Alumínio e vidro
J03	1 folha fixa veneziana	1,50 x 0,60	1,20m	06	Alumínio
J04	1 folha maxim-ar	0,60 x 0,60	1,70	02	Alumínio
J05	1 folha fixa	0,63 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro
J06	1 folha fixa	0,95 x 3,50	-	12	Alumínio
J07	1 folha fixa	1,05 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro
J08	Pano de vidro, 9 folhas (3 maxim-ar)	3,50 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro
J09	Pano de vidro, 12 folhas (4 maxim-ar)	4,95 x 3,50	-	02	Alumínio e vidro
J10	Pano de vidro	7,85 x 3,50	-	01	Alumínio e vidro
J11	4 folhas (2 fixas, 2 correr)	2,50 x 0,60	1,70	06	Alumínio e vidro
J12	Gradil 1 folha fixa	3,05 x 3,50	-	03	Alumínio
J13	Gradil 1 folha fixa	6,45 x 3,50	-	05	Alumínio
J14	Gradil 4 folhas (2 fixas, 2 corre)	3,05 x 3,50	1,00	06	Alumínio

REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO

PRANCHA: 07/07

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CTR/ UAEC/ CAU
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



ALUNA: ANDREA CAROLINO DO MONTE (110210371)
ORIENTADOR: Me. MARCUS VINICIUS DANTAS DE QUEIROZ

MAIO/2016

PROJETO DE : REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO CULTURAL LOURDES RAMALHO
LOCAL: RUA PAULLINO RAPOSO, S/N
BAIRRO: SÃO JOSÉ
CIDADE: CAMPINA GRANDE

DESENHO	ESCALA	QUADRO DE ÁREAS	
FACHADA NOROESTE	1/125	Área do terreno	2.179,33m²
FACHADA SUDESTE	1/125	Área construída	3.857,99m²
FACHADA NORDESTE	1/125	Taxa de ocupação	74%
FACHADA SUOESTE	1/125	Aproveitamento	1,77
		Permeabilidade	6%